

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM
HISTÓRIA

JEANE ALVES TEIXEIRA RIGUETE

**CLUBE DOS CUTUBAS: FRAGMENTOS DE
MEMÓRIA, SOCIABILIDADES E HISTÓRIAS
CRUZADAS. (LEOPOLDINA, 1920 - 1940)**

Niterói
2022

JEANE ALVES TEIXEIRA RIGUETE

LINHA DE PESQUISA

“Sociedade, movimentos populacionais e de culturas”

**CLUBE DOS CUTUBAS: FRAGMENTOS DE MEMÓRIA, SOCIABILIDADES E
HISTÓRIAS CRUZADAS. (LEOPOLDINA, 1920 - 1940)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, campus Niterói, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

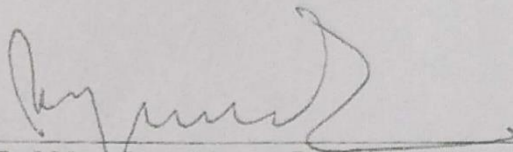
Orientadora: Prof^a. Dr^a Mary Lucy Murray Del Priore

NITERÓI
2022

JEANE ALVES TEIXEIRA RIGUETE

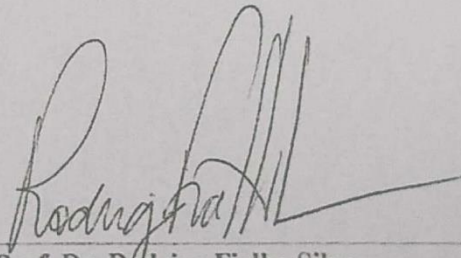
“CLUBE DOS CUTUBAS: FRAGMENTOS DE MEMÓRIA, SOCIABILIDADES
E HISTÓRIAS CRUZADAS (LEOPOLDINA, 1920 - 1940).”

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do
título de Mestre em História, aprovada no dia 30 de março de 2022 pela banca
examinadora, composta pelos professores:



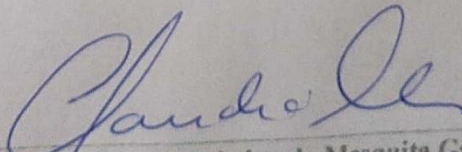
Prof.ª Dr.ª Mary Lucy Murray Del Priore

Professora do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)



Prof. Dr. Rodrigo Fialho Silva

Professor Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG/ Unidade
Acadêmica de Leopoldina



Prof.ª Dr.ª Cláudia Cristina de Mesquita Garcia Dias

Professora do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)

CIP - Catalogação na Publicação

R572 Riguete, Jeane Alves Teixeira.
Clube dos Cutubas: fragmentos de memória, sociabilidades e histórias cruzadas. (Leopoldina, 1920 - 1940). / Jeane Alves Teixeira Riguete. -- Niterói, RJ, 2022.
xi, 1-167p.; il., color.
[Numeração da publicação: [i] – xi, 1-167].
Referências: P. 159-167.

Orientadora: PhD. Mary Lucy Murray Del Priore.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Salgado de Oliveira, 2022.

1. Negro – Leopoldina (MG) – História (1920-1940). 2. Clube dos Cutubas – Leopoldina (MG). 3. Clubismo - Negro. I. TÍTULO.

CDD 981.098151

Elaborado pela Biblioteca Universo Niterói, com os dados fornecidos pelo (a) autor (a), sob a responsabilidade de Sirléia Rodrigues de Mattos - CRB-7/5230.

Agradecimentos

Realizar o sonho do mestrado envolveu gratas alegrias, conquistas e descobertas empolgantes, ao longo da pesquisa, mas garantiu, também, noites sem dormir, angústias e preocupações, concernentes ao teor da escrita e sobre os prazos a cumprir. Assim sendo, ter uma rede de apoio para me amparar nos momentos difíceis, além de vibrar comigo nas conquistas, foi primordial, para que o êxito fosse alcançado, ao final do processo.

Em primeiro lugar, gostaria de externar o quanto sou grata à vida e ao caráter divino nela presente. Força essa que me impulsiona e faz seguir, que me encoraja a sempre tentar exercer a melhor versão de mim mesma, a cada etapa percorrida. Foi uma das principais motivações que tive, ao tentar a trajetória acadêmica, que surge e propõe muitos desafios, resultando em satisfatórias transformações, principalmente internas, além do melhor desenvolvimento no âmbito da comunicação, seja ela verbal ou escrita.

Arrisco-me a afirmar que passar por essa fase especial da vida sem algumas pessoas não teria sido possível. Da mais singela mensagem de motivação no whatsapp e conselhos certos em momentos em que bateu o desespero, até ações práticas cotidianas, em prol de facilitar a jornada para meus estudos. Familiares e amigos foram fundamentais, visto que possibilitadores, para que o intento se concretizasse.

Nesse sentido, preciso citar, logo de início, o apoio incondicional, oferecido a mim, por meu esposo, Angelo. Companheiro de vida, ele, em inúmeras situações, abnegou de seu próprio lazer e vontades, para que minha dissertação fosse tomando forma. Incentivador, muitas vezes, garantiu que a infraestrutura de nossa casa funcionasse, enquanto eu não podia me dedicar a tarefas comuns do dia a dia, que o patriarcado insiste em atribuir à figura feminina. Gratidão ao meu marido, por tudo que ele representa na conquista deste título, e, também, por ele não corroborar dessas narrativas que desencorajam a mulher.

Serei eternamente grata pela oportunidade e pelo privilégio da enriquecedora convivência, ainda que virtual, com Mary Del Priore. Nossa relação deu-se em uma escala, na qual passei de fã do trabalho e admiradora dos livros, da grande historiadora, à aluna e orientanda da incrível professora doutora.

Faltam-me palavras para descrever tamanha emoção, ao constatar o quanto a distância encurtou-se, desde que fui apresentada à sua obra, ainda na graduação, rendendo-me poder hoje, desfrutar, inclusive, de sua amizade, em momentos de dificuldades. Nestes dois últimos anos, Mary sempre soube, de maneira muito singular, fazer-se presente, mesmo, às vezes, estando

bem longe.

Deixo um agradecimento especial a todos os outros professores da Universo com os quais pude compartilhar as aulas, professora Cláudia Mesquita e professores Marcelo Timótheo e Diogo Silva. Pessoas essas que admiro, não somente pelo grau de erudição que evidenciam, mas, principalmente, pela entrega e humildade que demonstram, ao transmitir o conhecimento. Suas aulas maravilhosas foram um diferencial em minha formação e serão lembradas por mim, com muito carinho.

Por mencionar as amizades, tenho orgulho em dizer que tenho muitas delas, sólidas, algumas comigo desde o “prezinho”. Outras já compõem um tempo mais recente de minha trajetória. Não seria justo de minha parte citar aqui seus nomes, mas o que se faz interessante ressaltar, é que as principais se vinculam à minha vida, por meio de algum momento de minha formação estudantil. Gratidão por ter vocês a tanto tempo.

Porém, no que pese a essas relações, não tenho como deixar de lembrar e registrar minha gratidão a duas grandes mulheres que o mestrado me trouxe de presente, posto que, nos últimos dois anos, foram as que estiveram mais próximas e entendem, como nenhum outro colega, as aflições vividas.

Assim, afirmo: Natália, sou muito feliz por ter você e por ter podido compartilhar alguns momentos tão construtivos dessa caminhada ao seu lado. Os problemas ficam mais leves, quando temos amigos para dividir, e você, esteve comigo, desde antes do início. Estendeu-me a mão e, literalmente, puxou-me para o mestrado, e não mais me soltou. Sua voz é potente e sua amizade acalenta. Estão aqui expressas a gratidão e admiração que sinto por você. Só me resta dizer que espero, um dia, poder retribuir tudo o que você já fez por mim.

Quanto a você, Renate, como o seu carinho e apoio fizeram a diferença! Você também é outro legado preciosíssimo da Universo, de que não abro mão. Sou muito grata por todas as horas dispensadas, via whatsapp, em que nos consolávamos, depois de alguma tribulação, seja no programa de mestrado, em nossa dissertação, ou mesmo em relação à vida pessoal. A amizade que construímos vai muito além de uma plataforma online. Obrigada por tudo.

Recorro aos versos da canção “Amigos pela fé”, de Dalvimar Gallo, para expressar o que vocês, literalmente, simbolizam na minha vida e no processo da conquista do mestrado: “Quem é que vai me acolher na minha indecisão? Se eu me perder pelo caminho, quem me dará a mão?” Verdadeiros amigos são a quem recorreremos nestas horas. Vocês cumpriram magnificamente bem o papel.

Incluo algumas linhas dispensadas a alguém que foi crucial para os rumos desta pesquisa e para que a dissertação fosse concluída: Professor Doutor Rodrigo Fialho, minha admiração

por você, que já era grande, mais aumentou, ao ver sua tamanha generosidade, para tratar do meu trabalho. Muito obrigada por tanto! Competência, talento, sensibilidade, sabedoria, humildade e paciência, são alguns de seus atributos, observados por mim, com os quais venho aprendendo bastante. Você foi maravilhoso comigo, desde o início. Minha eterna gratidão!

Faço um agradecimento especial aos meus amados afilhados, Maitê e Miguel, uma vez que suavizam as agruras da vida e me fazem crer que vale a pena continuar lutando por um mundo mais justo, no qual eles estarão vivendo. Crianças afagam a alma e, às vezes, um simples áudio de bom dia ou um sorriso sincero e inocente desses dois fizeram as tarefas do dia mais leves e me inspiraram na busca pelo conhecimento com mais afinco.

Quanto à minha família, foram os primeiros apoiadores para que eu me enveredasse pelo caminho dos estudos. Meus pais, Rita e Carlos, mesmo com sua pouca instrução, desde que eu era criança incentivaram meu percurso escolar e o gosto pela leitura. É gratificante notar o quanto eles vibram com minhas conquistas. Acerca de meus irmãos, Ricardo e Nayara, agradeço por estarem sempre presentes. Inclusive, preciso fazer um agradecimento especial à minha irmã e à minha prima, Taís, por lerem sempre meus artigos, elogiando, quando cabe, e opinando de forma sincera sobre meus escritos. Esse feedback é essencial.

Por fim, deixo externado meu sincero agradecimento à pessoa de Valdir de Paula, o “Pico”. Ex-presidente do Cutubas, Pico foi um grande facilitador de minha pesquisa, sempre solícito e empenhado em ajudar, visto que, além de demonstrar desprestenciosa boa vontade, a todo momento, é apaixonado pelo clube do qual se orgulha em fazer parte. A grande rede de amizades da qual ele dispõe, no tempo presente, certamente, direcionou os rumos deste estudo, possibilitando sua conclusão.

Sou grata a cada um de vocês, de modo singular. Espero, de alguma forma, poder retribuir a amizade e o auxílio a mim direcionados, para a realização deste projeto. Quanto à pesquisa, que ela possa ser útil à sociedade e signifique um pouco da relevância que representa na minha vida, posto que se tornou um divisor de águas em minha trajetória.

Epígrafe

*"Provo que a mais alta expressão da dor consiste essencialmente na
alegria..."*

Augusto dos Anjos

Resumo

A prática do clubismo disseminou-se entre os negros, no Brasil, já no final do século XIX e início do XX, descortinando formas de resistência e demonstrando a defesa cultural, expressa por sua gente. O Clube dos Cutubas surge, nesse contexto, na cidade de Leopoldina, Zona da Mata mineira, no ano de 1925. A partir desse fato histórico, o presente estudo pretende averiguar as informações contidas nas atas de reuniões do clube, documentos que legitimam o passado da instituição, posto que são importantes registros de memórias; liga-se a tal procedimento o cruzamento com outras fontes, como jornal, arquivos da Igreja Católica e entrevistas. Assim, propõe-se observar a história do clube, por meio da sociabilidade que se estabeleceu entre seus frequentadores, nos anos que antecedem sua fundação e permeiam sua consolidação na cidade. Definiu-se, para tanto, a delimitação temporal compreendida entre os anos de 1920 e 1940, como pano de fundo das tramas cotidianas que envolviam os negros fundadores do clube.

Palavras-chave: Negros, Clube dos Cutubas, Leopoldina, atas de reunião, memória, cotidiano.

Abstract

The practice of clubbism spread among black people in the late 19th and early 20th centuries in Brazil, which revealed forms of resistance and demonstrated the cultural defence expressed by its people. In this context, the *Clube dos Cutubas* was founded in 1925 in Leopoldina, Zona da Mata of Minas Gerais. From this historical fact, the present study aims to investigate the information contained in the minutes of the club's meetings, documents that legitimize the institution's past since they are important records of memories; this procedure is cross-referenced with other sources, such as newspapers, Catholic Church archives, and interviews. Thus, this work analyses the club's history through the sociability that was established among its members in the years that precede its foundation and permeate its consolidation in the city. For this purpose, the research timeframe from 1920 to 1940 was defined as a background of the daily plots that involved the black people who founded the club.

Keywords: Black People, Clube dos Cutubas, Leopoldina, meeting minutes, memory, daily life.

Lista de Imagens

Imagem 1: O leão, símbolo do clube.....	70
Imagem 2: Galeria dos ex-presidentes do Cutubas.....	71
Imagem 3: <i>Cutuba</i> , em 1911, no jornal <i>Gazeta de Leopoldina</i>	72
Imagem 4: Fachada do Clube dos Cutubas	74
Imagem 5: Carliles Gonçalves, o primeiro presidente do clube.....	78
Imagem 6: Os primeiros presidentes do Clube dos Cutubas	119

Sumário

Introdução	1
Capítulo I: Narrativas de liberdade do pós-emancipação – apontamentos históricos	9
1.1 Experiências negras	9
1.2 Leopoldina: história, personagens e cotidiano	20
1.3 Eu invejo esses negros	39
Capítulo II: Resistir para manter a existência: táticas de manutenção cultural	55
2.1 As formas de resistência no início do século XX.....	55
2.1.1 Movimento negro	55
2.1.2 O caso de São Paulo	58
2.1.3 O caso do Rio de Janeiro	60
2.2 O Clube dos Cutubas	65
2.3 Vozes esquecidas.....	75
2.3.1 Está na memória.....	75
2.3.2 As atas de reuniões do clube.....	77
2.3.3 Atas de 1927	79
2.3.4 Atas de 1928	82
2.3.5 Atas de 1929	85
2.3.6 Atas de 1930	89
2.3.7 Atas de 1931	91
2.3.8 Atas de 1932	93
2.3.9 Atas de 1933	95
2.3.10 Atas de 1934	97
2.3.11 Atas de 1935	108
2.3.12 Os estatutos do clube	119
Capítulo III: Histórias de gente “bamba”	122
3.1 O cotidiano da gente.....	122
3.2 Os protagonistas do clube: suas festas e crenças.....	125
3.3 Sociabilidades, trabalho, hábitos e costumes	138
Considerações Finais	155
Fontes	159
Bibliografia	162

Introdução

Expressão do movimento negro, a prática do clubismo disseminou-se entre os afrodescendentes no Brasil já no final do século XIX e início do XX, quando teorias eugenistas de branqueamento da população por aqui se propagaram. Reagir aos processos excludentes, decorrentes do mito da democracia racial, implicava dar novas interpretações aos códigos sociais dos grupos hegemônicos. Conforme apontou Petrônio Domingues,

No período do pós-Abolição (transição do século XIX para o XX), os negros criaram diversas associações em São Paulo: grêmios recreativos, sociedades cívicas e beneficentes. A maioria delas possuía estatuto e era conduzida por um presidente, auxiliado por uma diretoria escolhida através de eleições. As associações negras mantinham uma ativa vida social, muitas delas se reuniam diariamente. A maioria tinha como eixo central de atuação garantir o lazer de seus afiliados, principalmente por meio dos bailes dançantes. As associações negras cumpriam, fundamentalmente, o papel de produtoras de uma identidade específica, de um “nós”, negros, em oposição a “eles”, brancos.¹

Os negros valeram-se de várias formas de resistência, para articular meios de garantir a manutenção de sua cultura e de que suas tradições ancestrais não caíssem no esquecimento. Não se tratava de uma questão de anomia, mas, sim, de dispor de práticas que, muitas vezes, confrontavam o sistema dominante, de modo a subvertê-lo, buscando um encaixe nas brechas percebidas, a partir das injunções das instituições de poder.

Nesse contexto, no ano de 1925, surge um clube social negro, em Leopoldina, Zona da Mata mineira, cidade que compôs o ciclo cafeeiro brasileiro, quando da Primeira República. O clube foi fundado por trabalhadores do lugar, dentre eles construtores, pintores, operários e funcionários da linha férrea, além de outras ocupações concernentes ao âmbito da prestação de serviços.

Chamado Clube dos Cutubas, esse, por quase 10 anos, não teve uma sede própria para reunir seus associados, quando, na maioria destas situações, estavam discutindo a organização de seus bailes, muitos deles memoráveis para quem hoje se lembra. A festa parecia ser um fenômeno inerente ao cotidiano dos membros daquela agremiação, quando juntos. Dentre uma gama variada de temáticas, o Carnaval do clube destacou-se em seus

¹ DOMINGUES, Petrônio. Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil. In: Cadernos Pagu, Campinas-SP, jan / jun 2007, p. 345-374.

tempos áureos, levando a instituição a alcançar a referência no assunto, no que concerne às suas histórias pretéritas.

Rachel Soihet, no tocante à sobrevivência da cultura negra, ameaçada pelas estratégias coercitivas dos grupos dominantes, conduz uma análise, quanto aos signos sociais presentes no Carnaval carioca e na Festa da Penha, durante o período da Primeira República. A historiadora ressalta o caráter de resistência expresso pelos populares, quando de sua interpretação do fenômeno da festa, de um modo mais generalizante. Segundo Soihet,

Através de suas músicas, de sua irreverência, viveram plenamente a festa e construíram uma espécie de “cidadania cultural”, sem deixar de rir de si mesmos e dos que os desdenhavam. Sempre através da festa, de forma galhofeira, tendo o riso como arma, organizaram-se, contagiando e empolgando toda a festa, na qual suas práticas culturais, embora entrelaçadas às demais, acabaram tendo, apesar de tudo, maior peso.²

Clube festeiro nas memórias da população, no que tange ao passado do Cutubas, surgiu a oportunidade do contato com uma fonte de pesquisa que revelava indícios do quão rico seria observar a história do clube, por meio da sociabilidade que se estabelecera entre seus frequentadores, tanto nos momentos que antecedem e permeiam sua fundação, quanto naqueles referentes a seu período de consolidação na cidade, já nos anos 1930. Tratava-se do livro de atas de reuniões da sociedade, do ano de 1927 até o ano de 1935. Na capa do livro, consta haver, também, os relatos do ano de 1936, porém, os mesmos não foram detectados até o presente momento.

Este estudo, pretende, então, averiguar as informações desses documentos que legitimam o passado da instituição, posto que são importantes registros de memórias, propondo o seu cruzamento com outras fontes, como jornal, arquivos da Igreja Católica e entrevistas. Definiu-se, para tanto, a delimitação temporal compreendida entre os anos de 1920 e 1940, como pano de fundo das tramas cotidianas que envolviam os negros fundadores de um clube social em uma cidade com alto índice de afrodescendentes e práticas ainda escravocratas.

Na tentativa de elucidar as permanências de costumes nas relações sociais e as rupturas nas interações coletivas, as pesquisas, por meio da História Local, podem

² SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 181.

descortinar diferentes modos de viver que coabitaram no mesmo espaço, em um tempo passado. Compondo este campo da historiografia, o estudo foca as tramas envolvidas nas representações expressas pelo povo negro, no recorte de tempo em questão, no meio circunscrito à cidade de Leopoldina, interior mineiro, no contexto do clube social por eles criado.

No que concerne à História Local, utiliza-se aqui de seu entendimento enquanto observação de pequenas localidades, feita por pessoas ligadas à historiografia ou não, de diversos âmbitos sociais. Percebida em torno das relações dos sujeitos históricos inseridos em dada sociedade, segundo Ângelo Torre, a História Local seria a

[...] produção histórica dos lugares. Com essa expressão refiro-me às práticas sociais, culturais e políticas com as quais determinadas populações recriam incessantemente o universo de suas relações circunscritas em relação às demandas do mundo externo e as organizam no espaço imediato.³

Segundo Gisele Nascimento, a História Local seria “[...] aquela que diz respeito a uma vila média ou pequena, como Leopoldina, por exemplo [...]”⁴. Já na ótica de Pierre Goubert, um dos principais expoentes no tocante à conceituação do termo, quanto à História Local,

Os historiadores das gerações anteriores preocupavam-se sobremaneira com problemas das classes altas. [...] A volta à história local origina-se de um novo interesse pela história social – ou seja, a história da sociedade como um todo, e não somente daqueles poucos que, felizes, a governavam, oprimiam e doutrinavam [...].⁵

Nesta tendência mais recente da historiografia, que visa lançar luz àqueles segmentos sociais, antes deixados à margem, perante o enaltecimento das classes hegemônicas, cabe destacar que a observância de hábitos comuns na rotina diária dos sujeitos históricos, pode ser uma grande aliada. Dito isso, ressalta-se que o presente trabalho encontra-se ancorado na perspectiva do cotidiano, por meio da qual se buscou

³ TORRE, Ângelo. A produção histórica dos lugares. In: VANDRAME, Máira; KARSBURG, Alexandre (orgs). *Micro História – um método em transformação*. São Paulo: Letra e Voz, 2020, p. 73.

⁴ NASCIMENTO, Gisele do. *Fugas e estratégias escravas: uma análise dos periódicos Pharol e O Leopoldinense no século XIX*. Dissertação de Mestrado em História. Programa de Mestrado em História do Brasil – UNIVERSO. Niterói, 2020.

⁵ GOUBERT, Pierre. História Local. Traduzido por Marta M. Lago. In: Pierre Goubert, *Revista Arrabaldes*, Ano I, n. 1. mai./ago. 1988, p. 73.

embasamento teórico, principalmente, nos estudos de Agnes Heller e Michel de Certeau, que legaram clássicos a respeito do assunto para a posteridade.

Sendo assim, salienta-se Heller, quando pontuou que as tramas cotidianas, compreendem todo homem, sem distinção, posto que nenhum deles estaria apto a desligar-se da cotidianidade. Ainda em conformidade com as palavras da filósofa húngara,

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa da vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. [...]”⁶

É, também, na estrutura cotidiana, que Michel de Certeau desvelou certas práticas sociais, percebidas enquanto posturas de resistência de determinadas categorias da sociedade, em resposta a injunções, por parte dos grupos hegemônicos. Usando da criatividade, esses indivíduos, subalternizados⁷, valeriam-se das brechas, por ventura notadas nas ordens disciplinares das instituições de poder, para subverterem-nas, criando meios de escapar dos padrões impostos. Segundo o teórico, “esses modos de proceder e essas astúcias [...]compõem, no limite, a rede de uma antidisciplina [...]”⁸

Já Rodrigo Fialho observou o cotidiano e as práticas sociais nele evidenciadas, ressaltando a relevante função da imprensa no tocante à representação dos sujeitos históricos. Na concepção do historiador,

O cotidiano pode ser estudado como objeto de análise a partir de práticas sociais capazes de deixar os registros próprios do labor diário dos atores sociais em uma dada temporalidade. E a imprensa é uma delas. Um dos principais meios de informação [...], foi, durante tempos, capaz de mobilizar as opiniões públicas, alinhavando as vozes dissonantes de quem se fazia representar por meio das páginas impressas [...].⁹

⁶ HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 31.

⁷ Acerca do termo “subalternos” aqui utilizado, ver: BLOCH, Agata. A historiografia colonial “vista de baixo”: ameaça, uma abordagem nova ou complementar à história “vista de cima”? In: SILVA, Thiago Cedrez da; GANDRA, Edgar Avila; SIMÕES, Elvis Silveira (org.). *História em movimento: múltiplas abordagens*, v. 1. Porto Alegre: Casalettras, 2020, p. 10-25.

⁸ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano* – 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 41.

⁹ FIALHO, Rodrigo. As ruas de Leopoldina no final do século XIX: fragmentos do cotidiano, banalidades e algumas permanências. *Revista Verbo de Minas*, Juiz de Fora, v. 22, n. 39, issn 1984-6959 p. 32-44, jan./jul. 2021.

Por mencionar a imprensa, a exploração do jornal *Gazeta de Leopoldina*, em cruzamento com outras ferramentas por este estudo utilizadas, sustentou um importante pano de fundo complementar do cotidiano leopoldinense, das décadas referentes à pesquisa, 1920 e 1930. Afinal, por meio do jornal, pode-se descortinar aspectos inerentes à sociedade da época, como sua agenda cultural, hábitos e economia, dentre uma gama de possibilidades, tomando-se o cuidado de considerar que trata-se de um meio de comunicação porta-voz das elites letradas, que o produziam.

Quanto às outras fontes, o livro de atas de reuniões e o livro de batismos da Igreja Católica constituem importantes registros de memórias vasculhados na pesquisa, posto que documentos propensos a revelar algumas representações daqueles homens e mulheres frequentadores do clube, bem como as redes de sociabilidades, interligadas à sua atuação na cidade em questão. As interações daqueles negros, integrantes do grêmio, pareciam se dar, tanto com relação às muitas festas por eles organizadas ao longo do período observado, quanto no tocante à resolução de assuntos mais técnicos, concernentes ao funcionamento da associação.

Seja como for, as trocas, parcerias, compartilhamentos, apoio mútuo, casamentos e os variados tipos de relações estabelecidas, iniciadas dentro das paredes do clube, são percebidas, *a priori*, como as engrenagens de funcionamento de um grupo que buscava, dentre outros objetivos, reforçar seu sentimento de pertença e reafirmar sua identidade, para além das táticas de resistência. Entender os registros de memórias por eles deixados, nessa perspectiva, faz-se de suma importância, posto que legitimadores da perpetuação da instituição. Para Michael Pollak,

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.¹⁰

No que concerne às entrevistas, estas foram tratadas, enquanto fragmentos de memórias, visando comprovação, refutação ou acréscimo a dada informação extraída do livro das atas de reuniões. Realizadas com idosos que, de alguma maneira, tiveram seu passado relacionado ao clube, essas formas de interlocução, puderam trazer à tona a

¹⁰ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, Rio de Janeiro: CP/DOC FGV, 1992.

função social atribuída ao sujeito que lembra.

Trabalhar a técnica da história oral, por meio de entrevistas, sugere, em um primeiro momento, a possibilidade de recomposição de dados aspectos da época em voga, se conduzida de modo a acessar os mecanismos interligados à estrutura cotidiana do tempo em questão, com a devida criticidade. Faz-se necessário, por parte do historiador, discernir acerca dos riscos representados pela ideologia trazida pelos idosos entrevistados que possa, por ventura, moldar sua descrição de determinada porção do passado histórico. Cabe estar atento e se escorar no devido cruzamento com outras fontes.

Quanto às memórias do velho, Ecléa Bosi discorreu que “ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está entregando-se fugitivamente às delícias dos sonhos: ele está-se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da vida.”¹¹

Importante aqui ressaltar o fato de que outros documentos referentes ao clube, como as fichas dos associados e o estatuto original, não foram encontrados, quando da pesquisa de campo, que ficou bastante comprometida por conta da situação de isolamento social, em decorrência da pandemia do coronavírus, já que esta tenha se iniciado em paralelo com as atividades do programa de mestrado, em março de 2020. O acesso a alguns arquivos ficou impedido por meses.

Pelo mesmo motivo acima descrito, o cronograma das entrevistas necessitou ser alterado, já que não havia segurança sanitária para manter contato com os idosos no ano de 2020 e nem no início de 2021. Dessa forma, algumas pessoas que seriam entrevistadas vieram a óbito no decorrer do estudo, ou ficaram debilitadas, não podendo, dessa forma, dar suas contribuições à pesquisa.

Uma varredura foi feita nos arquivos da associação comercial de Leopoldina, visando detectar algum indício que ligasse os negros frequentadores do Cutubas às atividades comerciais daquele tempo, porém, nada foi descoberto. Quanto aos registros de casamentos da Igreja Católica, pretendia-se, a princípio, sondá-los. Todavia, ainda por motivos concernentes à situação sanitária atípica, aquela instituição levou algum tempo para consentir a pesquisa em seus acervos, não sendo possível, assim, sua conclusão em tempo hábil.

Diante de todo o exposto, cumpre mencionar, com mais clareza, que o presente

¹¹ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p. 23.

estudo, tem por objetivo geral, conseguir desvelar a estrutura cotidiana que permeou os negros e o clube social por eles fundado, a partir das sociabilidades e suas teias, no período de tempo compreendido entre 1920 e 1940, na cidade de Leopoldina, Zona da Mata mineira. A metodologia utilizada irá se basear em um cruzamento das seguintes fontes de pesquisa selecionadas: as atas de reuniões do Clube dos Cutubas, o jornal *Gazeta de Leopoldina*, os registros de batismos da Igreja Católica e as entrevistas de membros da velha guarda do clube, referentes ao recorte temporal em questão.

Quanto aos objetivos específicos, estes incluem averiguar características dos frequentadores, como religião, profissão, laços familiares e posição na hierarquia do clube; investigar a postura do grupo frente às diversas tramas cotidianas, no tocante à valorização da mulher, ao envolvimento na política local e suas respectivas motivações, e, à dimensão de seu vínculo com o movimento operário local; e vasculhar a representação do clube e seus associados na imprensa local.

Quanto à relevância deste estudo, ancora-se no ineditismo acadêmico da temática. As atas de reuniões eram documentos, até então, inexplorados, no que concerne a uma análise mais técnica. Poucas pesquisas locais na região tratam a questão do negro no período do pós-abolição, e quando o fazem, costumam ser abordagens que não ressaltam o protagonismo social manifestado por estas pessoas. Quanto ao Clube dos Cutubas, Margareth Franklim escreveu um livro, porém, seu enfoque deu-se em torno da perspectiva do racismo presente nas narrativas referentes ao grêmio.

O capítulo I, deste trabalho, cujo título é “Narrativas de liberdade do pós-emancipação – apontamentos históricos”, trouxe a questão das narrativas de liberdade no período após a abolição, e foi feito, em um primeiro momento, um breve levantamento histórico dos variados contextos de liberdade ou em prol dela, experienciados pelos negros, desde os anos precedentes à assinatura da Lei Áurea, até as primeiras décadas do século XX, no Brasil, de um modo geral. Caracterizou-se, então, a vida na aristocrática Leopoldina, em um segundo momento, no mesmo tempo em questão. Concluindo-se a seção, buscou-se averiguar, ainda na observância, quanto às permanências, com relação ao final do século XIX, a forma como o negro estava sendo representado em Leopoldina, em seus mais diversos âmbitos.

O capítulo II, intitulado “Resistir para manter a existência: táticas de manutenção cultural”, trouxe, primeiramente, as formas de resistência no início do século XX, nas perspectivas paulista e carioca. Foi ali abordado o movimento negro e suas diversas

manifestações, como o clubismo, a Frente Negra Brasileira e a rede de sociabilidades, ligadas à figura da Tia Ciata e outras baianas no Rio de Janeiro, das primeiras décadas do século. A seguir, falou-se sobre o Clube dos Cutubas e sua trajetória na cidade de Leopoldina, desde sua fundação, no ano de 1925. Para finalizar, transcreveram-se as atas de reuniões, do período de 1927 a 1935, e foram tecidos alguns comentários sobre as mesmas. Uma análise do estatuto da agremiação, também, foi feita nessa parte.

Para avançar mais no percurso do trabalho, o capítulo III, com o título “Histórias de gente “bamba””, a princípio, discorreu sobre o conceito de cotidiano, para, em seguida, por meio do conteúdo das entrevistas, em cruzamento com as informações dos arquivos da igreja, notícias do jornal e dados das atas de reuniões, esmiuçar o perfil dos protagonistas do Clube dos Cutubas. Dimensões como as festas da sociedade negra, suas músicas, horários e cardápio, também, foram nesse momento vasculhados.

Por fim, as considerações finais trouxeram um afunilamento de pontos da pesquisa, cujas reflexões mais amplas foram exploradas ao longo dos capítulos, como apontado antes. De todo modo, descortinou-se a existência do Clube dos Cutubas, que vem à tona como elemento importante do cenário social, da história da cidade de Leopoldina.

Capítulo I: Narrativas de liberdade do pós-emancipação – apontamentos históricos

1.1 Experiências negras

Tecer pontes sólidas, entre determinado tempo remoto e um passado um pouco mais distante, é função do historiador que busca averiguar o quanto há de rupturas por trás de certas permanências. Ao longo das décadas que se seguiram à assinatura da Lei Áurea, múltiplas foram as maneiras encontradas pela população negra, para se reinventar, frente às novas relações de trabalho, mudanças políticas e perspectivas atípicas que passariam a pautar seu itinerário.

Para cumprir a intenção de traçar um panorama acerca de determinada sociedade dos anos 1920 e 1930, apreendendo o que estava envolto na criação de um clube social negro no local, talvez seja interessante sondar o que a população negra do entorno vinha reverberando, inclusive, retrocedendo um pouco no tempo. Balizar a consolidação da abolição e seus desdobramentos no país, como início do percurso, torna-se interessante para os fins desta pesquisa, à medida que partimos do pressuposto de serem estes acontecimentos catalisadores de algumas condutas observadas para além da primeira geração de seus envolvidos.

Chave de entendimento importante, tais eventos influenciaram não somente posturas, mas, também, comportamentos coletivos identitários de uma sociedade plural, que se desenhou na primeira metade do século XX, principalmente no que concerne às práticas da população negra. Este retrospecto pode ajudar a descortinar o que teria motivado o empenho daqueles negros, na cidade escravocrata de Leopoldina, no interior mineiro, tempos depois, bem como o que permeava a vida e o cotidiano dos fundadores daquela agremiação.

Revelando um grupo heterogêneo, os libertos, naquele contexto que preconizava autonomia, devem ser analisados muito além do estereótipo pejorativo que algumas tendências historiográficas lhes conferem, buscando, unicamente na instituição da escravidão, a autoria da perpetuação desses padrões. As possibilidades vivenciadas por eles não se encerram em destinos depreciativos no que tange à dignidade humana,

devendo ser, portanto, averiguadas à luz das expectativas que nutriam os envolvidos.

Protagonistas de sua liberdade, muitas dessas pessoas compuseram trajetórias bem-sucedidas, entretanto, carentes de um olhar apurado que os apreenda, na multiplicidade de sua construção. Há que se problematizar abordagens que atribuam as mazelas subsequentes aos estigmas do cativo, ignorando a complexidade e o peso das atuações de seus participantes, na tentativa de evitar análises unilaterais, que reproduzam as posturas racistas, dos grupos hegemônicos, quanto àquele processo histórico.

Nesse sentido, cita-se a obra de Florestan Fernandes, importante representante da historiografia da década de 1960. Ao ter analisado a integração do negro na sociedade de classes, o estudioso apontou que, além da questão da herança negativa do cativo, também a falta de disciplina e de bases familiares enrijecidas teriam contribuído para salientar um certo comportamento patológico, desvirtuoso, por parte daquelas pessoas, fundadas as relações escravistas¹².

Na contramão desta abordagem, já nos anos 2000, Ana Lugão Rios e Hebe Mattos propuseram uma perspectiva na qual analisaram exatamente a influência das relações familiares e o peso dos conceitos “trabalho” e “cidadania” nos variados caminhos construídos pelos negros, quando da liberdade representada pela abolição. Em sua obra, “Memórias do cativo”, discutiram acerca de

[...] uma abordagem das sociedades pós-emancipação mais centrada na experiência dos libertos, no estudo de suas aspirações e de suas atitudes em face do projeto emancipacionista e dos novos contextos sociais por eles produzidos. Afinal, [...] tinham adquirido família, vida cultural e comunitária, negociavam e muitas vezes atuavam no mercado produzindo e vendendo bens e serviços por conta própria. Desta perspectiva, também as atitudes dos libertos passaram a ser analisadas como iniciativas que respondiam a projetos próprios, que necessariamente teriam interferido nos processos de reconfiguração de relações sociais e de poder que se seguiram à abolição do cativo.¹³

Percebe-se que a revisão historiográfica que apreendeu o assunto resgatou exatamente o que antes se negava nas pesquisas sobre o negro no pós-abolição. Não só havia relações familiares solidificadas, apreço por valores relacionados ao trabalho e busca pela cidadania, como, também, eram estes alguns dos pilares que nortearam os

¹² FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978.

¹³ RIOS, Ana Lugão e MATTOS, Hebe. *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 26.

passos bem consolidados dados pelo grupo em prol da construção de suas identidades raciais naquele tempo.

Quanto ao que culminou na abolição, o contexto era marcado por inúmeros casos de escravização ilegal; processos judiciais pela emancipação de negros, muitos dos quais movidos, inclusive, pelo advogado e ex-escravizado, Luiz Gama; campanha pela imigração e variadas vertentes em defesa da libertação. Ademais, mudanças no contexto da legislação teriam criado caminhos para que os próprios cativos tentassem sua liberdade pela via dos tribunais [...].¹⁴

Às vésperas da abolição, a questão racial irá intensificar, também, os esforços de intelectuais adeptos do eugenismo, na defesa da imigração europeia, como opção à mão de obra negra. O debate sobre a modernização do país ia ao encontro das teorias de branqueamento da população, já que, na perspectiva racista, os negros representavam um entrave ao progresso.

À luz de teorias que preconizavam a supremacia branca, consideradas científicas, o higienismo colocado em prática na então capital federal, naqueles tempos, tinha seu discurso legitimado. Os cientistas envolvidos fomentavam políticas públicas que visassem ao bem-estar e à saúde de parcelas da sociedade, integradas ao projeto sanitarista, do qual a população negra era alvo.

Em paralelo a este discurso médico, que visava o fim gradual da escravidão, a despeito de uma narrativa etnista, a ação dos abolicionistas seguia em busca do mesmo objetivo, valendo-se, porém, de outras motivações. José do Patrocínio, outro militante de origem afrodescendente, era um jornalista que fazia da profissão canal de embate contra a escravatura, servindo-se de seu veículo de comunicação como frente de atuação para, também, dar contribuições à causa libertadora. Beatriz Mamigonian descreveu sua postura em determinada ocasião, pontuando que,

Como jornalista da *Gazeta de Notícias*, Patrocínio comentava a atualidade política e atacava impiedosamente a resistência imposta pelo governo e pelo Parlamento imperial ao tema da abolição. Em setembro de 1880, em ocasião em que a Câmara recusou a urgência a um projeto de Joaquim Nabuco, e em que a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão veio a público, Patrocínio criticou o Parlamento imperial por insensibilidade ao “direito de mais de 1 milhão de homens”, e expôs

¹⁴ CASTILHO, Celso Thomas. “Já é lei no Brasil nascer-se livre!”. In: GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (org.). *Políticas da raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2014, p. 28.

detalhadamente, em um artigo, a questão da ilegalidade da propriedade de escravos [...].¹⁵

A luta dos militantes abolicionistas ganhava mais fôlego e se legitimava, frente a artimanhas jurídicas por eles estabelecidas, conforme o passar das últimas décadas em que o sistema exploratório ainda vigorava. Nesta conjuntura caracterizada por indícios de que a liberdade definitiva estava próxima, a atmosfera de debates era acalorada pela promulgação da Lei dos Sexagenários, em setembro de 1885.

A campanha pela abolição plena da escravatura, apesar de inúmeras tentativas de impedimento de que esta ocorresse nas bancadas da câmara dos deputados, avançava nas ruas e a pressão popular era fator preponderante, para que a situação retornasse ao Parlamento. Dentre os líderes do movimento, muitos tinham formação na faculdade de Direito, eram habituados às estratégias jurídicas e beneficiavam-se dos esforços britânicos a favor da causa.

Vale-se, uma vez mais, das palavras de Mamigonian, que pontuou as motivações cruciais para a desarticulação final do sistema escravocrata:

A questão da instabilidade da propriedade escrava em virtude da escravização ilegal dos africanos tornou-se o calcanhar de Aquiles da escravidão brasileira [...]. Dar publicidade ao problema do direito à propriedade e trazê-lo para o centro das disputas pela abolição durante a década de 1880 foi estratégia crucial dos abolicionistas, pois a dúvida da ilegalidade desestabilizava as relações entre senhores e escravos; complicava as compras, vendas e transmissões de propriedade, baixava o valor da suposta propriedade e, em última instância, forçava o governo e a bancada escravista a negociar.¹⁶

A partir daquele cenário dúbio, quanto à legislação que regia as relações escravistas, seu fim parecia estar anunciado. Cabe aqui mencionar, que, no tocante ao contexto que perpassava a Lei Áurea, o número de pessoas integradas à vida em sociedade, sem o respaldo de políticas públicas, foi bastante notório. Afinal, como lembram Rios e Mattos, no momento da abolição, em maio de 1888, “a maioria da população afrodescendente já era livre há algumas gerações.”¹⁷

Importante ressaltar, neste caso, que liberdade não era sinônimo de autonomia.

¹⁵ MAMIGONIAN, Beatriz G. *Africanos livres: a abolição do tráfico de escravos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 441.

¹⁶ *Ibidem*, p. 454.

¹⁷ RIOS; MATTOS, *Memórias do cativo...* p. 38.

Esta última seria buscada, muitas vezes, utilizando dos mesmos moldes que o elemento negro dispôs para conseguir somar esforços na luta contra o fim do cativeiro, valendo-se de estratégias calcadas na resistência contra os grupos dominantes que ainda negavam sua emancipação.

Por mencionar os grupos hegemônicos, no que concerne à implementação do sistema republicano, que ocorrera em paralelo à questão abolicionista, muito além de considerar toda a especulação prévia e a crise econômica que se segue à ruptura política, é relevante observar os preceitos sobre os quais a nova forma de governo afirmava se ancorar. Atentar para a etimologia do termo e fazer o confronto entre a proposta simbólica e o que de fato representou o 15 de novembro de 1889, na vida cotidiana do brasileiro, ajuda a entender a contradição manifestada.

O conceito em latim “res publica”¹⁸, que traduzido em nossa língua pode ser interpretado como o que pretende ser de todos, para todos e está sob a responsabilidade de todos, não demonstrou sua definição na prática. Nem todos os grupos da sociedade foram incluídos no projeto que se vislumbrava para a nação naquele encerrar de século, e esta exclusão teria se dado no âmbito da cidadania, da qual algumas parcelas se viram desprovidas, apesar de suas esperanças iniciais no regime. Como demonstrado por Carvalho,

A expectativa inicial, despertada pela República, de maior participação, foi sendo assim sistematicamente frustrada. Desapontaram-se os intelectuais com as perseguições de Floriano; desapontaram-se os operários, sobretudo sua liderança socialista, com as dificuldades de se organizarem em partidos e de participarem do processo eleitoral [...].¹⁹

Com relação às parcelas mais vulneráveis da população carioca à época, cabe destacar que aqueles contemplados pela liberdade representada pela abolição, mostraram-se gratos e admiradores do governo imperial. Os negros, ao que parece, demonstraram ter atingido o ápice de aprovação à Monarquia, justamente quando esta ruía frente às consequências econômicas, surtidas pelo fim do sistema de escravização.

¹⁸ Acerca da etimologia do termo *res publica* e sua contextualização histórica, ver MACHADO, Heloisa Guaracy. De *res publica* e de república: o significado histórico de um conceito. *Cadernos de História*, v. 1, n.1. PUC, Belo Horizonte, MG, out. 1995, p. 1-51. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/download/1641/1727>>. Acesso em: 02 de mar. 2021.

¹⁹ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a república que não foi*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 54.

Após a assinatura da lei de 13 de maio, as festas populares em comemoração e agradecimento à mesma aconteciam com frequência, sendo a liberdade adquirida ensejo para demonstrações de gratidão, não somente para com a Princesa Isabel, mas, também, pela figura do imperador, a quem atribuíam a autoria da lei. Os negros pareciam fazer questão de externarem sua satisfação.

Capturadas pelo olhar do observador republicano Raul Pompéia, as manifestações em favor de Pedro II ficaram evidentes na ocasião de um aniversário do monarca. De acordo com testemunho do escritor do período, o Paço Imperial, naquele momento, fora tomado por uma grande quantidade de pessoas, uma “turba imensa de populares, homens de cor a maior parte” (POMPÉIA, apud, CARVALHO).²⁰

Carvalho, ao analisar o mesmo evento acima descrito, detalhou a participação de enigmática figura no cenário em questão. Conforme ele enunciou, presença de destaque na festividade, o Príncipe Obá teria sua ascendência, ligada a um imponente rei africano, sendo seu neto legítimo, e se apresentara com sua farda de alferes honorário, enfeitada de penas.²¹

A cena foi [...] motivo de riso e chacota, e príncipe Obá acabou sendo preso pela polícia. Mas revelava profundo simbolismo: um rei negro, um rei de ruas e becos da cidade, vai paramentado, combinando a farda do mundo oficial com as penas de suas origens africanas, e acolitado pela multidão dos miseráveis saudar o imperador de olhos azuis.²²

O episódio relatado vem corroborar a assertiva de que os recém libertos, em grande parte, não simpatizavam com a causa republicana, por ainda manterem vínculos paternalistas com a extinta monarquia. Os motivos que apreendem tal posicionamento, porém, vão além de questões relativas à gratidão ou a algum tipo de afeição, sob qualquer aspecto. Há que se considerar a perseguição empreendida pelos moldes republicanos aos grupos representados por esta parcela da população. Vale-se, uma vez mais, das palavras de Carvalho:

A reação negativa da população negra à República manifestou-se antes mesmo da proclamação, através da Guarda Negra organizada por José do Patrocínio. Vários incidentes verificaram-se entre os propagandistas e a Guarda. O mais sério de todos se deu com a interrupção, que resultou

²⁰ CARVALHO, *Os bestializados...* p. 118-119.

²¹ *Idem*, p. 29.

²² *Ibidem*.

em mortos e feridos, de uma conferência de Silva Jardim, em dezembro de 1888, na Sociedade Francesa de Ginástica. [...] Permanece o fato de que os republicanos não conseguiram a adesão do setor pobre da população, sobretudo dos negros. [...] ²³

Em contrapartida, Petrônio Domingues, em alusão ao cotidiano movediço que demonstrava ser o pós-abolição, considera a diversidade de expectativas e projetos dos atores sociais, lembrando que é preciso cautela para tentativas de aglutinação dos variados agrupamentos negros. Apesar da existência de um notado esforço historiográfico, em reforçar a simpatia daquelas pessoas pelo regime imperial, principalmente no que concerne à associação das leis abolicionistas, ao caráter benemérito, atribuído à monarquia,

mesmo somados, tais elementos não constituem tudo que pode ser dito acerca das experiências político-culturais da “gente de cor” naquele período. Por vezes a historiografia brasileira abordou esse segmento populacional de uma perspectiva unilateral, sem apreender suas ambivalências, motivações e lógicas próprias. Se para muitos afro-brasileiros a Monarquia era a única forma de governo apta a equacionar os impasses e dilemas da “raça estigmatizada pela escravidão”, proporcionando-lhe oportunidades econômicas e reconhecimento social, para outros, a melhor solução repousava no projeto republicano, com a retórica da liberdade, igualdade e fraternidade. Por exemplo, enquanto os libertos da Guarda Negra desfraldavam a bandeira monarquista, os do Club Republicano dos Homens de Cor desfraldavam a da República.²⁴

Quanto à Guarda Negra da Redentora, associação de libertos que se unira para resistir e defender a princesa, bem como a Monarquia, teria emergido, de acordo com Domingues, “numa conjuntura de tensões raciais e intensa polarização da corte entre os diversos segmentos que disputavam o jogo de poder [...] Convertida em força institucional no tabuleiro da política, ela chegou a ser chamada de ‘partido’ ” ²⁵.

Ao desfrutar de espaço na imprensa, assim como de visibilidade na opinião pública da corte do final do século XIX, a Guarda sobressaía-se nos meios impressos,

²³ CARVALHO, *Os bestializados...* p. 29-30.

²⁴ DOMINGUES, Petrônio. *Cidadania levada a sério: os republicanos de cor no Brasil*. In: GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (org.). *Políticas da raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2014, p. 122.

²⁵ Idem. *Cidadania levada a sério: os republicanos de cor no Brasil*. In: GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (org.). *Políticas da raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2014, p. 121.

tendo sido aludida em muitos jornais do período, com notas e citações diversificadas²⁶. Porém, o destaque era com relação ao seu engajamento político, ao passo que lutava para “restituir ao homem de cor o direito que lhe foi roubado de intervir nos negócios públicos”²⁷, conforme divulgado pelo periódico *Cidade do Rio*, em janeiro de 1889. Tais prejuízos eram por seus membros atribuídos às iniciativas republicanas.

As divergentes interpretações demonstradas acima vêm corroborar a sugestão de que os negros participavam ativa e antagonicamente de alguns debates políticos daquela conjuntura do final do século XIX. Reforçam, também, o quão errôneo seria amalgamá-los, enquanto componentes de uma mesma mistura homogênea. De acordo com Domingues, quando de sua análise acerca dos “republicanos de cor” no Brasil, os negros

[...] não constituíam uma unidade de aflições congênicas cuja essência era transmitida pelo sangue. Em vez disso, formavam uma arena fluida, plural e multifacetada, calibrada por diferentes experiências político-culturais, perspectivas de cidadania e narrativas de igualdade. Mais do que jogo retórico, suas convicções eram defendidas na raça [...].²⁸

Por mencionar as defesas utilizadas pelo negro no contexto da liberdade, cabe aludir aos conceitos *táticas* e *estratégias* propostos por Michel de Certeau, quando de sua densa análise das práticas cotidianas que permeiam as ações dos indivíduos na sociedade. Observar suas reações ao que era imposto pelo sistema dominante, à luz dos termos acima citados, ajuda a justificar o enfoque da narrativa de protagonismos que se vislumbra revelar. Certeau chama de *estratégia*

[...] o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com *uma exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc) [...].²⁹

Já a reação causada e permitida por determinada estratégia em vigor, representada

²⁶ Ibidem, p. 121-154.

²⁷ A intriga. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1889, n. 13, p. 1. Acervo Digital da Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: < <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/cidade-rio/085669> >. Acesso em: 09 de mar. 2022.

²⁸ DOMINGUES, *Cidadania levada a sério: os republicanos de cor no Brasil...* p. 143.

²⁹ CERTEAU, *A Invenção do Cotidiano – ...* p. 93.

pelos grupos dominantes, observada, principalmente, nas atitudes referentes aos grupos populares, nos quais as parcelas negras podem se enquadrar, foi pelo autor traduzida como *tática*, sendo esta

[...] a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento dentro da visão de campo do inimigo, e no espaço por ele controlado. [...] Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende [...]. O que ela ganha não se conserva. Este não lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia.³⁰

Nesta chave de entendimento e dando sequência cronológica ao pós-abolição, recorre-se, uma vez mais, aos estudos de Rios e Mattos, que, ao analisarem os relatos de camponeses descendentes daqueles que viveram o cativeiro, chegaram a algumas conclusões com base nos padrões de respostas. Ao que consta, segundo as historiadoras, os negros valeram-se, muitas vezes, da questão da garantia de sua reputação para se fortalecerem, perante a aceitação social.³¹

O bom comportamento e a confiabilidade, respaldados pelos papéis que, muitas vezes, essas pessoas manifestaram possuir na vida cultural e religiosa, no entorno de onde viviam, de acordo com as autoras, podem ser aqui colocados como as demonstrações práticas de que estavam se comportando de maneira tática, para se resguardarem de ações persecutórias que, por ventura, pudessem lhes alvejar. E, atrelado ao tema das perseguições, cabe lembrar Sidney Chalhoub³², ao discorrer acerca da mentalidade dominante, presente no imaginário político no imediato pós-emancipação:

[...] a relação que se estabelece entre trabalho e moralidade: quanto mais dedicação e abnegação o indivíduo tiver em seu trabalho, maiores serão os seus atributos morais. Uma das justificativas ideológicas

³⁰ CERTEAU, *A Invenção do Cotidiano...* p. 94-95.

³¹ RIOS; MATTOS, *Memórias do cativeiro...* p. 221.

³² CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim* – o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. São Paulo: Brasiliense, 1986.

fundamentais para o projeto era a intenção de moralizar o indivíduo pelo trabalho. Era preciso inculcar nos cidadãos o hábito do trabalho, pois essa era a única forma de regenerar a sociedade, protegendo-a dos efeitos nocivos trazidos por centenas de milhares de libertos – indivíduos sem nenhum senso de moralidade.³³

A estratégia de políticos influentes e da classe dominante, citada acima, era uma retórica que visava, muito além da repressão à ociosidade, a explícita regeneração moral dos indivíduos. Porém, a questão do trabalho árduo, de acordo com os entrevistados do campesinato, foi pontuada como uma permanência que se pode estabelecer entre a época da escravidão e o tempo da liberdade, vindo a reforçar a disposição para a labuta, e não algo que se construiu como reação aos discursos moralizantes.

Dessa perspectiva, é interessante notar que o trabalho duro não aparece como um ponto essencial a definir o tempo do cativo nas narrativas consideradas. Na maioria delas, o trabalho é antes um ponto de continuidade do que de ruptura entre o tempo do cativo e o tempo da liberdade. São os direitos de ir e vir, de dispor de seu próprio corpo e de regular autonomamente as relações de família que marcam as descontinuidades a serem ressaltadas entre o “Tempo do Cativo” e o “Tempo da Liberdade”, nas falas baseadas na tradição familiar dos descendentes diretos dos últimos cativos do Continente.³⁴

Nestes relatos, a questão da possibilidade de mobilidade espacial é bastante apontada como recurso de sobrevivência que conduziu os negros aos variados destinos por eles experienciados³⁵. A livre movimentação que passaram a usufruir deve ser, então, considerada, elencando seus projetos pessoais, seus anseios por cidadania, a própria forma como interpretavam o termo “liberdade” e outras variáveis, concernentes ao âmbito cultural de sua existência.

Com relação a alguns segmentos afrodescendentes, que não pouparam esforços e trabalharam duro para garantir o acesso e a manutenção da terra na Zona da Mata mineira, desde o século XIX, até os idos dos anos 1920, Elione Silva Guimarães, ao analisar algumas famílias incluídas neste perfil, aponta que “[...] formaram alianças e teceram negociações com poderosos locais, aproveitaram as oportunidades e sofreram os reveses da sorte [...]. Lutaram para conquistar e defender suas terras, por meio de negociações,

³³ Ibidem, p. 44.

³⁴ RIOS; MATTOS, *Memórias do cativo...* p. 50.

³⁵ Ibidem, p. 113.

por vias legais e a ferro e fogo”.³⁶

Kit McPhee³⁷, ao pesquisar as relações raciais no Rio de Janeiro, no início do século XX, levantou os vestígios daqueles negros que o destino conduziu a ocupações características do setor urbano. Suas observações apreendem as trajetórias de alguns trabalhadores da zona portuária carioca, os conflitos inerentes àquele grupo racializado, enquanto operários e a reação do Estado, diante das posturas adotadas pelas pessoas em questão, sobre as quais pontuou que

o comportamento dos trabalhadores afro-brasileiros dedicados ao transporte de café no Rio de Janeiro aponta para os perigos implícitos na atribuição de uma consciência de classe uniforme e abarcadora aos trabalhadores do Brasil durante as tumultuosas primeiras décadas do século XX – uma consciência de classe sistematicamente atacada pela violência do Estado durante a Primeira República [...].³⁸

Seja com relação aos negros mineiros oriundos do campesinato ou acerca daqueles estivadores de café do Rio de Janeiro, as narrativas são múltiplas e atestam que anomia não é, nem de longe, a palavra mais adequada para caracterizá-los. Pode-se citar muitas outras trajetórias e caminhos aqui não mencionados, como, por exemplo, os que, através da música, fizeram carreiras consolidadas, afirmando sua propriedade intelectual, numa sociedade que por tanto tempo os reduziu a mercadoria.

Expressiva fração dessa população negra encontrava-se organizada e buscando suporte à sua maneira. Seja por meio do parentesco, da boa reputação, das redes de sociabilidade, da aptidão para o trabalho, da arregimentação, do entretenimento etc; através de várias frentes de resistência souberam contornar os entraves de acesso pleno à cidadania, impostos cotidianamente à sua existência. Hipótese esta que vem a ser corroborada pelo surgimento de um clube no interior de Minas Gerais, em 1925, fundado por trabalhadores negros.

³⁶ GUIMARÃES, Elione Silva. A população não branca e a perspectiva de acesso e manutenção da terra (Zona da Mata de Minas Gerais, 1818-1929). In: GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (org.). *Políticas da raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2014, p. 227.

³⁷ McPHEE, Kit. “Um novo 13 de maio”: trabalhadores portuários afro-brasileiros no Rio de Janeiro, 1905-1918. Tradução de Janaína Marcoantonio. In: GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (org.). *Políticas da raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2014.

³⁸ *Ibidem*, p. 304.

1.2 Leopoldina: história, personagens e cotidiano

Compreendendo o recorte espacial do estudo em questão, a cidade de Leopoldina é parte componente de um grupo de municípios pertencentes à Zona da Mata mineira, denominação esta que faz referência à presença da mata Atlântica, que cobria as encostas da serra da Mantiqueira, quando da sugestão do termo para a região, a sudeste do estado de Minas Gerais.

Durante o período colonial, tal território era conhecido como *Sertões Proibidos*, devido à sua utilização como rota de contrabando do ouro proveniente da atividade mineradora. Frente a esta característica do lugar, a administração colonial alegava tratar-se de área perigosa, com índios agressivos, na tentativa de manter o local isolado e livre de colonização.³⁹

Posteriormente, a abertura do Caminho Novo, estrada que ligava a província mineira à capital do país, possibilitou a ocupação gradual do local. A mesma rota que levava grandes quantidades de pedras preciosas para o Rio de Janeiro, de lá, também, trazia centenas de negros escravizados para as minas de ouro, em localidades até então habitadas por indígenas das etnias Puri e Coroado.⁴⁰

Quanto à fundação do lugar que mais tarde viria a se tornar município, este teve sua origem ainda no início do século XIX, quando da doação de sesmarias e da chegada de desbravadores interessados em explorar a região. O ribeirão, que algum tempo depois ajudaria a dar nome ao lugarejo, era o *Córrego do Feijão Cru*. A nomenclatura seria em virtude de uma lenda envolvendo a alimentação dos tropeiros que por ali passavam e acabavam parando para descanso e alimentação. Alguns acabavam se fixando.

O povoado, inicialmente conhecido por *Arraial do Feijão Cru*, no tempo em que fazia parte de Barbacena, também já foi o distrito de *São Sebastião do Feijão Cru*, quando, então, já pertencia ao atual município de Rio Pomba. Em 1831 teria sido construída a primeira capela e as duas casas iniciais do local⁴¹, que já contaria, porém, com moradores, desde o findar da década de 1820, segundo a pesquisadora Nilza Cantoni (apud Nogueira, 2011, p. 14).⁴²

³⁹ NOGUEIRA, Natania Aparecida. *Leopoldina: instrução, mito político e formação das elites na Zona da Mata mineira (1895-1930)*. Ed. do autor, 2011, p. 13-14.

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ JÚNIOR, Barroso. *Leopoldina e seus primórdios*. Rio Branco: Gráfica Império, 1943, p. 61.

⁴² NOGUEIRA, *Leopoldina: instrução, mito político e formação das elites na Zona da Mata mineira (1895-1930)*... p. 14.

Teve sua emancipação em 27 de abril de 1854, obtendo a categoria de cidade sete anos depois. Após a instalação da câmara municipal apareceram os primeiros arruamentos, nos entornos do templo religioso ali existente. Suas ruas iniciais teriam sido a Riachuelo, atual Joaquim Ferreira Brito; Direita, atual rua Gabriel Magalhães; e Rosário, atual rua Tiradentes.⁴³

Em 16 de outubro de 1861, pela lei estadual número 1.116, a antiga *Villa de Leopoldina* deixou de ser considerada vilarejo, tendo seu nome encurtado.⁴⁴ Até o final do século, fazia parte da arquidiocese do Rio de Janeiro, quando, por meio de um decreto pontifício, em 1897, passou a compor a circunscrição eclesiástica da cidade de Mariana, já em Minas Gerais.⁴⁵ Seu nome oficial, desde então, trata-se de uma homenagem à segunda filha do Imperador Dom Pedro II, princesa Leopoldina Bragança e Bourbon, quando do desmembramento de Mar de Espanha, comarca à qual também pertencera no passado.

A segunda metade do oitocentos representa, para o município, tanto o ápice do seu destaque econômico na região em razão do plantio de café, quanto o símbolo de sua autonomia administrativa, conquistada na década de 1850.⁴⁶ A plantação e o beneficiamento do grão em questão sustentavam e movimentavam boa parte das transações da economia local, estruturada nas atividades agrícolas, que dispunham para esta finalidade de um dos maiores plantéis de escravizados do estado.⁴⁷

A cidade, para acompanhar o cultivo do café e lhe permitir escoamento, já no final do XIX, possuía energia elétrica e uma das mais importantes redes de transportes da Zona da Mata, a Leopoldina *Railway* Ltda. Culminando com a iminência do fim da escravidão e sendo facilitada pela malha das ferrovias, a partir da década de 1880, a chegada de imigrantes já era noticiada nos periódicos locais, como na *Gazeta de Leopoldina* e no *O*

⁴³ MACHADO, Luja; CANTONI, Nilza. Por conta do aniversário de emancipação. *Leopoldinense*, Leopoldina, 24 de abril de 2015. Disponível em: <<https://leopoldinense.com.br/coluna/347/por-conta-do-aniversario-de-emancipacao>>. Acesso em: 23 de mar. 2021.

⁴⁴ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n.129, 16 de out. de 1921, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

⁴⁵ CANTONI, Nilza. *Disputas de limites entre Rio e Minas*. Disponível em: <<https://cantoni.pro.br/2005/05/27/disputas-de-limites-entre-rio-e-minas/>>. Acesso em: 21 de mai. 2021.

⁴⁶ NOGUEIRA, *Leopoldina: instrução, mito político e formação das elites na Zona da Mata mineira (1895-1930)*... p. 15.

⁴⁷ ANDRADE, Rômulo. Cafeicultura na Zona da Mata. *Revista Brasileira de História*, n. 22. São Paulo, 1992, p. 93 - 131.

Leopoldinense.⁴⁸

No tocante à avultada atividade cafeeira, importante ressaltar que não somente da bebida amarga mantinha-se a economia do lugar, no tempo em questão, mas, também, de atividades ligadas à pecuária e ao cultivo de gêneros, como arroz, milho e fumo. O plantio destes últimos contava com a mão de obra italiana, principalmente, na colônia Constança, fundada em 1910. Acerca desta produção diversificada, o periódico *O Pharol*, de Juiz de Fora, no ano de 1916, destacou:

Na colônia “Constança”, do município de Leopoldina, foram plantados este anno [sic], 117 alqueires e 35 litros de arroz e 143 alqueires e 37 litros de milho. Segundo cálculo feito pelo esforçado director [sic] da colônia, senhor Climério Godinho, a colheita ali será a seguinte: arroz, 9.360 alqueires, e milho, 858 carros. O tempo tem corrido muito bem para as roças, sendo muito possível que a colheita exceda o cálculo. Na “Constança” fizeram este anno [sic] também grandes sementeiras de fumo.⁴⁹

Quanto à receita proveniente da lavoura cafeeira, referente ao grupo da Mata, durante a Primeira República, Cláudia Viscardi fez algumas projeções, baseadas em estudos da região. De acordo com a pesquisadora, “a cafeicultura da Zona da Mata mineira representou, durante todo o período em foco, a maior parte das exportações estaduais do produto, com uma porcentagem mínima, de aproximadamente 70%, contra 30% do Sul de Minas.”⁵⁰

O início do século XX foi ali marcado pela consolidação da política oligárquica, mantida pelas famílias abastadas que detinham influência e poder local. Renomados fazendeiros dominavam, não somente o palco eleitoral, como, também, os mais diversos setores da sociedade, naquele contexto em que o coronelismo simbolizava a principal mola propulsora da estrutura política vigente, na gênese do Brasil republicano.

É o caso dos irmãos Custódio e José Monteiro Ribeiro Junqueira, personalidades influentes, herdeiros de extensas e lucrativas propriedades rurais, fatores que ajudam a

⁴⁸ NOGUEIRA, *Leopoldina: instrução, mito político e formação das elites na Zona da Mata mineira (1895-1930)*.... p. 17-18.

⁴⁹ *O Pharol*, Juiz de Fora, n. 11, 13 de jan. de 1916, p. 1. Acervo Digital da Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/258822/per258822_1916_00011.pdf>. Acesso em: 09 de mar. 2022.

⁵⁰ VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Elites políticas em Minas Gerais na Primeira República. *Estudos Históricos*, v. 8, n. 15. Rio de Janeiro, 1995, p. 39 – 56. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1993>>. Acesso em: 15 de mar. 2021.

delinear a dimensão do poder de que desfrutavam, perante a população, naquela época. Fundadores do Ginásio Leopoldinense, apelido pelo qual, ainda hoje, a escola é conhecida, já atuavam há alguns anos em cargos da política municipal e eram, também, banqueiros, empresários e pecuaristas. O primeiro exercia a medicina e o segundo, a advocacia.

Quanto à família Ribeiro Junqueira, seu prestígio político estendeu-se para além das fronteiras leopoldinenses, quando, durante a República Velha, foram cooptados pelo PRM (Partido Republicano Mineiro) nomes influentes da localidade, passando estes a comporem as oligarquias regionais.⁵¹ Neste contexto, tendo sido deputado estadual e federal, José, também, foi escolhido para agente executivo de Leopoldina, cargo referente ao de prefeito, no ano de 1910.⁵²

Outro político de atuação nacionalmente conhecida e que tem sua história vinculada a Leopoldina é o jornalista e advogado Carlos Luz. Eternizado nas narrativas locais, enquanto nome de uma das principais ruas que cortam o centro da cidade, foi eleito vereador no ano de 1923, adquirindo, também, a presidência da Câmara Municipal. Em seguida, Carlos Luz tornou-se prefeito por um mandato de três anos, tendo se reeleito em 1927, para mais quatro anos.⁵³

Ainda no tocante à administração municipal, de acordo com a obra de Luiz Eugênio Botelho, na qual compilou dados históricos, acerca do município, quem esteve à frente do poder na cidade, de 1931 a 1945, foi o senhor Francisco de Andrade Bastos, em um primeiro momento, desempenhando a função de agente administrativo. Já a partir de 1937, exercendo o cargo de prefeito, conforme alterações na estrutura organizacional da política, empreendidas pelo presidente Getúlio Vargas.⁵⁴

Destinado, principalmente, aos filhos dos produtores rurais, não só da cidade, mas, também, das redondezas, o Ginásio oferecia ampla abrangência pedagógica em sua grade curricular. Municipalizada posteriormente, a atual Escola Estadual Professor Botelho Reis, já naquela época, contava com um corpo docente erudito e respeitado. A arquitetura monumental, em estilo neoclássico, do prédio que abriga o colégio, passou por reformas,

⁵¹ NOGUEIRA, *Leopoldina: instrução, mito político e formação das elites na Zona da Mata mineira (1895-1930)*.... p. 29.

⁵² JUNQUEIRA, Ribeiro. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-monteiro-ribeiro-junqueira>>. Acesso em: 04 de mar. 2021.

⁵³ LUZ, Carlos. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/carlos_luz>. Acesso em: 08 de mar. 2021.

⁵⁴ BOTELHO, Luiz Eugênio. *Leopoldina de hoje e de ontem*. Leopoldina: Edição do autor, 1967, p. 17.

entre os anos de 1918 e 1926, tornou-se um diferencial na estética da cidade, no que concerne à sua imponência, inclusive no tempo presente, compondo seu patrimônio cultural, de acordo com o IEPHA.⁵⁵

Muitas instituições de ensino particulares foram sendo instaladas em Leopoldina nos anos seguintes, de acordo com uma tendência que prezava o capital cultural, uma vez que a lavoura cafeeira já dava sinais de esgotamento, no início do século XX. Esta linha de raciocínio, expressa nos dizeres acima, é endossada pela pesquisadora Natania Nogueira, nas palavras abaixo:

Nesse contexto, assiste-se a um processo de edificação de estruturas de pensamento onde a escola é a chave para o “progresso”. Dentro da ideologia dominante, ela deveria ser aberta a todos, mas segundo as condições de cada classe. A sociedade em questão começa a sofrer sua hierarquização já no plano espacial: a cidade, enquanto espaço geográfico, é o habitat natural da elite, lugar onde a cultura burguesa se desenvolvia, onde a modernidade se instalava. Era na cidade que se localizavam as melhores instituições de ensino às quais tinham acesso apenas aquelas frações que podiam dispor de capital (econômico ou cultural).⁵⁶

Como a maioria das classes marginais estava no campo, produzindo os bens que representavam os pilares da economia local, constata-se a segregação, notada no espaço citadino, de acordo com a classe social do indivíduo, para não mencionar, ainda, a questão racial, muito embora estejam historicamente correlacionadas. Nessa lógica, que coloca o espaço urbano como detentor da modernidade e da cultura, representadas, em grande parte, pelas instituições de ensino, não cabia aos mais carentes, que compunham as engrenagens do sistema de produção, desfrutar.

Essa tradição de possuir e manter qualificadas e numerosas escolas, por esta época, rendeu à cidade apelido um tanto quanto intelectualizado. Cabe lembrar as palavras de Roberto Capri, em obra na qual analisou alguns municípios mineiros, quando a esse respeito disse que “Leopoldina se pode considerar a ‘*Athenas da Zona da Mata*’. A instrução pública, principal propulsor da civilização de um povo é aqui largamente

⁵⁵ As informações foram extraídas do site oficial do IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/14-patrimonio-cultural-protetido/bens-tombados/148-escola-estadual-prof-botelho-reis>>. Acesso em: 15 de mar. 2021.

⁵⁶ NOGUEIRA, *Leopoldina: instrução, mito político e formação das elites na Zona da Mata mineira (1895-1930)*.... p. 27.

administrada, como atestam os seus estabelecimentos de ensino [...]”.⁵⁷

Torna-se importante mencionar ilustre presença que, por poucos meses, contemplou a cidade e seus habitantes com sua companhia. Comprovando que, para além da política, sobressaiam-se os expoentes relacionados a Leopoldina, faz-se necessário lembrar que o poeta paraibano Augusto dos Anjos por lá viveu durante seus últimos tempos. O renomado escritor, no ano de 1914, dedicou-se à função de liderar a direção do velho Grupo Escolar, atual Escola Municipal Ribeiro Junqueira.

O poeta marcou a pacata cidade mineira não só em vida, posto que seu corpo encontra-se, ainda, hoje, enterrado no cemitério municipal, e seu túmulo é atração turística para determinados grupos de pessoas que visitam o lugar. Acolher os restos mortais do nacionalmente conhecido “poeta da morte”, certamente, lega ao município valioso arcabouço cultural, no âmbito da história e da literatura, no tempo presente. Eternizado por entre os lastros da memória coletiva local, Augusto dos Anjos tem seu nome presente em ruas e colégios do lugar.

Com base nas informações esboçadas até aqui, é possível desnudar uma proeminente década de 1920, com um qualificado sistema de ensino para as elites, vigorando a todo vapor, visando a uma manipulação cultural dos letrados, a fim de que a cidade projetasse seus reflexos no mosaico da política nacional. A defesa dos interesses dos grandes latifundiários locais, pautando os discursos de abrangência federal será a tônica para os investimentos em uma educação diferenciada, de excelência e que servisse de modelo para as cidades vizinhas.

Ainda no âmbito da cultura, porém, adentrando na questão do associativismo, os anos 1920, também, serão responsáveis pela inauguração na cidade de duas agremiações similares em sua essência, porém, antagônicas, se analisadas pelo viés classista e/ou racial. A primeira delas, o Clube dos Cutubas, apesar de não contar a princípio com uma sede física, foi idealizado e iniciou suas atividades no dia primeiro de janeiro de 1925. No ano seguinte, seria a vez de outra associação estreitar na cidade. Devidamente instalada, surgia o Clube Leopoldina, em 04 de abril de 1926.

Os dois locais de encontros dançantes, além de outras frentes de atuação inerentes à experiência do clubismo, foram fundados quase que no mesmo ano, mas suas semelhanças resumem-se, praticamente, à primeira frase. O Clube Leopoldina servia bem

⁵⁷ CAPRI, Roberto. *Minas Gerais e seus Municípios*. São Paulo: Pocaí Weiss & Cia, 1916, p. 248.

aos anseios das ilustres famílias, em sua maioria compostas pelos já mencionados endinheirados fazendeiros, membros das poderosas oligarquias locais que dominavam a cidade em quase todas as suas esferas.

Um clube pomposo, situado em um prédio imponente, de fachada em estilo eclético, certamente agradava àqueles que, de algum modo, cercavam a cidade por todos os lados em matéria de dominação. Esses exerciam forte influência e demonstração de poder na vida dos cidadãos mais simples e menos inseridos no circuito das grandes decisões que norteavam o futuro de sua gente. Seu primeiro presidente, ratificando a tendência acima demonstrada, foi o doutor José Monteiro Ribeiro Junqueira. Na sede da instituição já havia funcionado a Cadeia Pública e a Câmara Municipal, antes de sua criação⁵⁸.

Já o Cutubas, local de lazer fundado pelos negros leopoldinenses, driblando múltiplos obstáculos impostos pela sociedade, não encontrou muitas facilidades para continuar existindo. Esteve à mercê da boa vontade dos associados e de pessoas que simpatizavam com o grupo para emprestarem suas casas ou espaços, a fim da realização de reuniões e eventos. A resistência e a garra típicas do povo afrodescendente não permitiram que eles desistissem, tendo permanecido por quase uma década naquela espécie de nomadismo⁵⁹, pelas ruas da cidade.

Os textos de algumas das atas de reuniões observadas para o estudo podem confirmar que os integrantes do clube levaram muitos anos para conseguirem um local fixo e a garantia de sua estabilidade no que tange à instalação e acomodação. O documento de 08 de março de 1927, por exemplo, dá a nós a informação de que a reunião, naquele dia, acontecera em casa do associado e 2º fiscal, senhor Antônio José Alves.⁶⁰

Morador da Rua das Flores, o membro da agremiação em questão, assim como outros de seus colegas, disponibilizava sua residência com certa frequência para os encontros da diretoria do Cutubas. Porém, este viera a falecer no princípio do ano de 1928, deixando enlutados os sócios e amigos do clube.⁶¹ Não tardou para que a discussão sobre uma sede provisória fosse proposta. Em 15 de abril, decidiu-se pelo aluguel do

⁵⁸ GRIBEL, Joseph. Clube Leopoldina-1930. *Leopoldinense*. Disponível em: < <https://leopoldinense.com.br/noticia/945/clube-leopoldina-1930>>. Acesso em: 02 de jul. 2020.

⁵⁹ A palavra nomadismo, foi aqui utilizada, no sentido de ressaltar o caráter itinerante que a conduta dos associados do clube vinha demonstrando, ao longo dos anos, pelo cenário urbano. Tal característica pode ser endossada pelas passagens extraídas das atas de reuniões do clube, exploradas nesta mesma página.

⁶⁰ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 08 de mar. 1927, p. 3.

⁶¹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 27 de mar. 1928, p. 14.

espaço ocupado antes pelo antigo cinema de Leopoldina, o *Cine Brazil*, pelos próximos meses⁶².

Durante o ano de 1929, voltaram a se reunir nas casas de seus sócios e dirigentes, quando, no ano seguinte, já se encontravam instalados na sede da UBOL, sindicato dos trabalhadores industriais. A direção da entidade operária não mediu esforços, ao disponibilizar suas dependências para que se pudesse dar sequência à agenda do clube negro⁶³. Voltaram a alugar o espaço do *Cine Brazil*, em 1934⁶⁴, antes de conseguirem resolver a questão residencial da agremiação, com a compra de uma casa no dia 05 de dezembro daquele ano.⁶⁵

Na memória da população, ainda hoje, é nítida a defesa da narrativa que atesta que os negros nunca foram bem-vindos ao território que esteve a serviço dos endinheirados do local, naquele tempo. A propósito, quando adquiriram um imóvel e puderam desfrutar de sua sede própria, passaram a dividir a rua Sete de Setembro com o Clube Leopoldina. Puseram-se a confrontar, diariamente, na região central da cidade, suas diferenças, sejam elas com relação à cor da pele de seus frequentadores, à aparência de cada prédio, ao prestígio que detinham perante a alta sociedade, às condições de surgimento ou aos saldos disponíveis em cada caixa.

Também, na década de 1920, problematizando o perfil majoritariamente agrário, atribuído à cidade, no tempo em questão, surge a entidade denominada União Beneficente Operária Leopoldinense. Perceber, neste contexto, a existência de um insipiente discurso sindicalista, articulado com as pautas operárias e inserido no circuito da luta de classes é instigante.

A exemplo do que foi dito acima, pode-se observar, em edição do jornal *Gazeta de Leopoldina*, indícios de que o senhor Cândido Velloso, que mais tarde tomaria frente da UBOL, antes mesmo de sua fundação, já se encontrava engajado com as ideias de arregimentação proletária no local. Consta, do dia 29 de abril de 1923, que uma certa “comissão operária das festas do Centenário”, cuja liderança estava a cargo do senhor Velloso, apresentaria uma solenidade e desfile pelas ruas da cidade, em parceria com o Grupo Escolar Ribeiro Junqueira.

Em prol da comemoração do dia do trabalho, o evento visava a prestigiar a

⁶² CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 15 de abr. 1928, p. 15.

⁶³ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 20 de mar. 1930, p. 25.

⁶⁴ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 13 de jul. 1934, p. 63.

⁶⁵ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 13 de dez. 1934, p. 67.

comunidade escolar com uma tela pintada pelo artista Mário Reis, que figurou nas festas do Centenário. Como sinal de gratidão ao grupo operário, pelo presente recebido, os alunos cantariam o Hino da Independência, enquanto o quadro fosse solenemente colocado no local escolhido.⁶⁶

Interessante ressaltar o desfecho da ocasião, que se deu, em um primeiro momento, por meio de um discurso do professor José Lintz, saudando o operariado leopoldinense. Ainda mais relevante é observar o conteúdo da fala, proferida pelo professor Júlio Ferreira Caboclo, na sequência, com um comício que demonstrava ter a pretensão de conclamar a classe trabalhadora.⁶⁷

De acordo com a notícia, seriam dissertados os seguintes tópicos, na fala do docente: “Para forjar uma pátria nova”, “Reivindicações de direitos”, “Socialismo” e “Palavras ao operariado”. A notícia no jornal é finalizada com um apelo, por parte da comissão, pelo “comparecimento de todas as classes sociais, para maior realce da comemoração do dia do trabalho.”⁶⁸

Essa relação entre uma instituição de ensino e a pauta operária é bastante sugestiva e um indício de que os discursos socialistas não eram reverberados por vozes isoladas no local. Já difundidos e aglutinados no Brasil, desde a Primeira Grande Guerra, eles não somente circulavam na cidade, mas, principalmente, contavam com o apoio de outros segmentos, para além do nicho proletário.

O grupo com pretensões sindicalistas parecia dispor de uma rede solidária à causa, quando, ainda, preparava-se para se organizar. Cabe aqui mencionar a relação de proximidade que vai pautar os laços estabelecidos entre a instituição que visava a defender os direitos dos trabalhadores e o Clube Carnavalesco dos Cutubas, quando de sua fundação, alguns anos depois.

Inaugurada, naquele tempo, à rua Presidente Carlos Luz, a consolidação física da UBOL veio a confirmar que o proletariado já ensaiava sua atuação na localidade⁶⁹ no intuito de se respaldar das incongruências do capitalismo. Importante ressaltar os estreitos laços de solidariedade, mantidos entre a associação e o Cutubas, uma vez que a diretoria

⁶⁶ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 7, 29 de abr. de 1923, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

⁶⁷ *Ibidem*.

⁶⁸ *Ibidem*.

⁶⁹ FRANKLIM, Margareth Cordeiro. *Cutubas: clube de negros, território de bambas - memória e patrimônio afrodescendente de Leopoldina/MG*. Belo Horizonte: Utopika Editorial, 2014, p. 31.

deste último, de acordo com ata de reunião do dia 08 de outubro de 1927⁷⁰ tenha registrado uma homenagem feita ao presidente daquela instituição.

Conforme o texto do documento, a União era recém fundada em Leopoldina, tendo iniciado seus trabalhos na cidade em setembro do referido ano, não informando, porém, o documento, a data da inauguração. Cândido Velloso, seu primeiro líder e de tamanha estima entre os dirigentes afrodescendentes, parece não ter hesitado em retribuir as honrarias, quando, em momentos de necessidade financeira do clube, chegou a emprestar a sede de seu sindicato, para que as reuniões da agremiação negra continuassem ocorrendo e a ideologia por trás da criação do clube pudesse se manter.

Tempos depois, já na década de 1980, em edição especial do jornal, em comemoração aos 90 anos da *Gazeta de Leopoldina*, ao Clube dos Cutubas foram, também, rendidas homenagens. Um texto escrito por Elias Abraham Neto, trazendo uma série de informações concernentes ao início das atividades do grêmio na cidade, fornecem indícios que ajudam a delinear um pouco mais a figura de Cândido Augusto Velloso. Segundo a matéria, ele teria sido um pastor de igreja evangélica e teria seu nome ligado à fundação do clube, bem como à formulação do contrato quando da compra da casa por sua diretoria, em 1934.⁷¹

Nos dizeres da reportagem: “O Clube dos Cutubas, [...] nasceu do cérebro de um operário, um homem extraordinário, dotado de inteligência criadora, profissional competente e dedicado, e respeitado pastor presbiteriano, Cândido Augusto Velloso.”⁷²

No dia 26 de outubro de 1927 tem-se uma comprovação, através da *Gazeta de Leopoldina*, de que o Cutubas realmente demonstrou certa confluência de interesses com a UBOL. A notícia, que vem detalhando a finalidade da organização sindical, constata a composição de sua diretoria, da qual o senhor Maximiano Ramiro, diretor do clube negro naquele ano de 1927, preenchia o cargo de 2º secretário.⁷³ Ele seguiria na direção do Cutubas até abril de 1934.⁷⁴

A informação no jornal tece elogios à UBOL, ressaltando o caráter utilíssimo da iniciativa, da qual diz ainda que “[...] a novel [sic] agremiação [sic] do operariado

⁷⁰ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 08 de out. 1927, p. 10-11.

⁷¹ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 642, 18 de abril de 1985, p. 4. Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

⁷² *Ibidem*.

⁷³ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 78, 26 de out. de 1927, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

⁷⁴ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 08 de abr. 1934, p. 49.

leopoldinense tem por fim principal socorrer [sic] os sócios e suas famílias em caso de moléstia ou invalidez para o trabalho [...].”⁷⁵

Por mencionar os anos 1930, também por meio de notícia veiculada na *Gazeta*, é dado saber que a diretoria da UBOL pretendia realizar eleição para decisão democrática de sua nova liderança, para o mandato que vigoraria de setembro de 1933 a setembro de 1934. Por meio do anúncio, que data de 22 de julho de 1933, também é possível constatar quem era o presidente da instituição naquele período, tratando-se do senhor Sebastião França. A votação aconteceria no dia 18 de agosto.⁷⁶

A imprensa, por sinal, desde o final do século XIX, já demonstrava intensa atividade naquele interior rodeado de montanhas, conforme atestado por pesquisa da historiadora Nilza Cantoni, ocasião em que chegou a catalogar 21 títulos. Grande parte destes, porém, não resistiu à virada do século. Não foi o caso da *Gazeta*, periódico que serviu de suporte às investigações deste estudo. O jornal em questão teria iniciado suas primeiras publicações em abril de 1895, tendo sido a mais longeva de suas folhas ⁷⁷, chegando a existir por 109 anos.

Aprofundando no setor econômico, o local pautou-se, até certo ponto, pelo ritmo da atividade agropecuária, seja com relação ao plantio e beneficiamento do café, à produção leiteira e seus derivados ou outro produto componente de suas plantações. Mesmo quando o assunto era a industrialização, esta demonstrou estar atrelada ao trato dos gêneros cultivados em suas extensas lavouras, para que se adequassem às exigências comerciais, ao menos até determinado momento, como será demonstrado ao longo do texto.

Até o ano de 1911, cotidianas eram as propagandas presentes na *Gazeta* referentes à desnatadeira sueca, ao que consta, bastante interessante aos poderosos capitalistas do ramo leiteiro local. A *Alfa Laval*, nome da máquina em questão, utilizada para a produção de manteiga, esteve nas páginas de anúncios do periódico, diariamente, prometendo ser a

⁷⁵ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 78, 26 de out. de 1927, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

⁷⁶ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 73, 22 de jul. de 1933, p. 2. Acervo Digital da Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/851140/per851140_1933_00073.pdf>. Acesso em: 09 de mar. 2022.

⁷⁷ MACHADO, Lujá; CANTONI, Nilza. *Gazeta de Leopoldina - A imprensa em Leopoldina (MG) entre 1879 e 1899*. LEOPOLDINENSE. Leopoldina, 16 de fev. de 2016. Disponível em: <<https://leopoldinense.com.br/coluna/579/42-gazeta-de-leopoldina>>. Acesso em: 23 de mar. 2021.

“última palavra da perfeição”⁷⁸. Outros equipamentos referentes ao setor, também, eram constantemente ofertados, parecendo demonstrar uma significativa procura, demandada por alguns empresários existentes na cidade, aos fabricantes de tais utensílios. Tais fatos levam a crer no uso constante desses equipamentos, ainda nas décadas que adentraram na sequência temporal.

Há anúncios e notícias de laticínios, como na edição de 27 de abril de 1921. No dia do aniversário do município, dentre outras informações, a primeira página do jornal trouxe, além de uma matéria, rememorando sua história de fundação, uma nota abrangendo a quantidade de litros de leite recebidos pela extinta *Leiteria Leopoldinense*. A tal lista continha informações como o volume do líquido adquirido pela companhia, provenientes da própria cidade ou de seus distritos, bem como os nomes dos latifundiários que forneceram a referida quantia, para o mês de janeiro do ano em questão.⁷⁹

Porém, não somente nos assuntos agrários baseou-se o processo de produção no lugarejo mineiro em análise, haja vista a existência de um sindicato operário. Endossando a tese de que a década de 1920, notadamente o ano de 1925, foi crucial com relação ao crescimento econômico e à expansão cultural do município, pode-se citar a fundação da *Companhia Fiação e Tecidos Leopoldinense*.

Representando um marco na história local, esta fábrica chegou a empregar milhares de funcionários, simbolizando a diversidade por meio da qual a mão de obra disponível na cidade convertia-se em sustento familiar naquele princípio de século, e confirmando que o trabalho na lavoura e seus provenientes já contavam com diferenciada concorrência.

De acordo com informações contidas no endereço eletrônico da *Academia Leopoldinense de Letras*, um grupo pertencente à elite financeira, que detinha a hegemonia em amplas esferas no lugar, composto, dentre outros, pelos Botelho, e tendo como seu idealizador o senhor José Monteiro Ribeiro Junqueira, foi o responsável por conduzir a empresa, em seus primórdios. Seu primeiro diretor foi o empreendedor José Ribeiro dos Reis.⁸⁰

⁷⁸ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 145, 03 de out. de 1911, p. 4. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

⁷⁹ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 6, 27 de abr. de 1921, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

⁸⁰ OLIVEIRA, Gláucia Maria Nascimento Costa de. *Cadeira n° 24: José Ribeiro dos Reis*. Academia Leopoldinense de Letras e Artes. 2014. Disponível em: <<http://www.academialeopoldinense.com.br/p/caadeira-n17>>. Acesso em: 10 de mar. 2021.

Há registros na *Gazeta*, de maio de 1926, indicando que as instalações da fábrica ainda se encontravam em andamento, posto que era aguardada a chegada de muitos materiais importados, como equipamentos referentes aos batedores algodoeiros e à seção de fiação e tecelagem. A matéria do jornal indicava que a obra do edifício estenderia-se, no mínimo, até o fim daquele ano.⁸¹ Porém, em fevereiro de 1927, foi constatado que as obras ainda não haviam sido concluídas:

A Fábrica de Tecidos desta cidade tem, nestes últimos tempos, tomado grande impulso em suas obras, o que faz prever para breve tempo a sua inauguração. Trata-se de uma obra vultuosa, estando grandemente adiantada [sic] a construção [sic] do edifício principal, que ocupará [sic] todo um quarteirão da rua Floresta, que fará parte da nova cidade que se vae [sic] estender pelo vargado da antiga chácara João Lourenço, e os barracões de teares, machinas [sic], etc., que ficarão nos fundos, ocupando grande área. Em alguns compartimentos, já pavimentados, estão sendo montadas as primeiras machinas [sic] pelos técnicos [sic] da Companhia Fiação e Tecelagem Leopoldinense.⁸²

Ao longo do ano de 1927, a *Gazeta* publicou notas esporádicas, acerca do andamento das obras da fábrica, que, de acordo com a edição de 4 de janeiro de 1928, já teria parte de seu maquinário em movimento, desde o fim do ano anterior.⁸³ A indústria em questão esteve em pleno funcionamento na cidade, desde o início de suas atividades, até o ano de 1971, quando, por falência generalizada, percebida no setor em âmbito nacional⁸⁴, deu por encerradas suas produções no local.

Data, também, do primeiro mês, do ano de 1927, a introdução na cidade de uma fábrica de meias. De acordo com notícia, a indústria “[...] installada [sic] à rua Lucas Augusto, ao lado do prédio do *Club Leopoldina* possui [sic] nove machinas [sic] e é

⁸¹ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 17, 23 de mai. de 1926, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

⁸² *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, 1º de fev. de 1927, n. 208, p. 1. Acervo Digital da Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://memória.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=851140&pesq=tecidos&pagfis=73>>. Acesso em: 17 de mar. 2022.

⁸³ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 106, 04 de jan. de 1928, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

⁸⁴ Acerca dos processos mundiais que desencadearam crises por obsolescência técnica no ramo têxtil brasileiro em fins dos anos 1960 e a consequente renovação nas tendências da moda e das inovações tecnológicas características da década de 1970, contexto no qual se insere o fechamento da Companhia de Fiação e Tecidos Leopoldinense, conferir: FUJITA, Renata M. L.; JORENTE, Maria José Vicentini. A indústria têxtil no Brasil: uma perspectiva histórica e cultural. In: *Revista Moda Palavra e-Periódico*, vol.8, n.15, jan./jul.2015. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/download/5893/4139/16740>>. Acesso em: 25 de mai. 2021.

accionada [sic] por um motor electrico [sic]. A sua capacidade é de vinte dúzias diárias, do artigo para homens e senhoras. Todo o serviço [...] vae [sic] ser executado por moças.”⁸⁵ Já o jornal do dia 30 trazia a informação da inauguração do estabelecimento industrial, na véspera da publicação, ressaltando a qualidade do produto e desejando prosperidade ao proprietário.⁸⁶

A *Fábrica de Meias Zenith*, ao produzir meias masculinas e femininas, de seda e algodão, vinha se destacando no mercado do ramo, apesar de seu prematuro funcionamento na cidade. Segundo análise dos redatores do jornal, os quais foram presenteados com alguns pares do produto, pelo dono da companhia, o senhor Francisco de Barros Júnior, o serviço por sua equipe prestado, “[...] não encontra competidor nos mercados, tal excellencia [sic] do fio empregado e a perfeição da sua fabricação [...]”⁸⁷

Nos anos 1920 e 1930, o jornal repercutira muitos acontecimentos de retumbância social e que movimentaram a vida da parcela elitizada da população urbana, em suas publicações. Os requintados bailes do Clube Leopoldina e outros eventos importantes que compunham a dinâmica do cotidiano da seletiva sociedade leopoldinense vinham impressos com certa frequência nas páginas do informativo.

Constata-se, a título de ilustração, nota do dia 09 de outubro de 1934, informando acerca do *Baile Rosa*, que aconteceria nas dependências do Clube Leopoldina. Os organizadores do festejo prometiam premiar aquela que portasse a *toilette*⁸⁸ que mais se distinguisse, dentre as demais. O evento, conforme destacou a notícia algumas semanas antes de seu acontecimento, “[...] consistirá num baile, que terá, como nota original, a *toilette* feminina, que somente poderá ser de pano côr [sic] de rosa da fábrica de tecidos local [...]”⁸⁹

Festivais, chás dançantes e bailes de Carnaval ocorridos no Clube Leopoldina eram, também, noticiados com certa constância pela *Gazeta*. No dia oito de agosto do ano

⁸⁵ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 204, 27 de jan. de 1927, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

⁸⁶ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 207, 30 de jan. de 1927, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

⁸⁷ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 211, 04 de fev. de 1927, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

⁸⁸ A palavra *toilette*, mencionada no texto do jornal, tem origem francesa, tendo sido apropriada no Brasil. Tratava-se, naquele tempo, de uma competição feminina, baseada nos trajes de festa e acessórios que as moças estariam usando em determinado evento. Ver: <<https://infopedia.pt/dicionários/lingua-portuguesa/toilette>>. Acesso em: 27 de jun. 2020.

⁸⁹ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 140, 09 de out. de 1934, p. 1. Acervo Digital da Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/851140/per851140_1934_00140.pdf>. Acesso em: 09 de mar. 2022.

de 1933, por exemplo, fora impressa uma nota no jornal acerca do “chá dansante [sic]” que ocorrera naquela casa, alguns dias antes da publicação. Na ocasião, eram parabenizadas as professoras do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira, enquanto organizadoras do evento.⁹⁰

Sumiço e roubo de cabeças de gado e éguas, recompensas pelas mesmas, porcos soltos no centro da cidade, notícias de fortes chuvas que ameaçavam as lavouras, ou mesmo a falta delas, sentida na roça, a cotação do café e outras trivialidades eram frequentemente noticiadas na *Gazeta de Leopoldina*. A programação dos filmes que seriam exibidos no *Cine Brazil* e no *Theatro Alencar*, também, constavam do conteúdo da folha em questão.

As novidades sobre o Carnaval nos meses que rodeavam seu acontecimento, acidentes ocorridos com o trem, as viagens que aconteceriam com pessoas residentes na cidade, visitantes que estivessem ali de passagem, anúncios de nascimentos, batizados, noivados, matrimônios, obituários e uma série de outros acontecimentos, que movimentavam o cotidiano da população no século passado, no interior mineiro, estavam no jornal reportado.

A Leopoldina da década de 1920, dentre uma imensa gama de situações corriqueiras, estava, também, engajada na missão de angariar verbas para a reconstrução da matriz de São Sebastião, que remontava da criação do município. O projeto constituía-se de uma obra que originasse uma imponente e suntuosa igreja, em estilo românico modernizado, em lugar do primeiro templo existente no local.

A velha construção, demolida em 1927, deu lugar à nova edificação, que ficava bem próxima da antiga, no topo do morro que encerra a rua central Lucas Augusto, podendo ser avistada do *Ginásio Leopoldinense*. A obra, direcionada pelo padre Aristides de Araújo Porto, durou 37 anos, de 1928 a 1965. Posteriormente, a Igreja Matriz de São Sebastião, que é inclusive o padroeiro da cidade, ganharia o *status* de Catedral, posto que se tornaria a sede do bispado, com a instalação da Diocese, em 1942.⁹¹

⁹⁰ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 92, 08 de ago. de 1933, p. 1. Acervo Digital da Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/851140_per851140_1933_00092.pdf>. Acesso em: 09 de mar. 2022.

⁹¹ REIS, Jussara Fernandes. Em direção aos céus: A construção da Catedral de São Sebastião e a instalação da Diocese em Leopoldina - MG. ANPHU MG – XVIII Encontro Regional, 24 a 27 de jul. de 2012, Mariana – MG. *Anais* [...]. Mariana: Revista de Trabalhos Acadêmicos, 2015, p. 1 a 10. Disponível em: <http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340745019_ARQUIVO_EmDirecaoaosCeus.pdf>. Acesso em: 09 de mar. 2021.

A dinâmica em torno da edificação em questão atesta a existência de uma rede de sociabilidades considerável, permeando as relações institucionais e estampando o apoio mútuo entre os envolvidos. O próprio *Theatro Alencar*, também reinaugurado próximo à data do início da obra sacra, em 14 de janeiro de 1928⁹², vai oferecer sessões cinematográficas convidando a população católica para comparecer às exhibições. O intuito da iniciativa era a arrecadação de fundos para o referido projeto, conforme noticiou a *Gazeta*, em 20 de janeiro de 1928, dia do padroeiro do município, como já mencionado.⁹³

Pegando gancho nesta linha de raciocínio, observa-se também colaboração do Clube dos Cutubas à Igreja. Em 1933, a diretoria do referido recinto, conforme destaque da folha em questão, oferecera uma festa composta de um leilão, em benefício das obras da Matriz, em sua sede. Uma nota de agradecimento foi feita à diretoria da agremiação, a qual, também, rendeu elogios à pessoa do senhor Maximiano Ramiro, “[...] o esforçado e digno presidente da sociedade em apreço.”⁹⁴

Ainda de acordo com as palavras dispostas na notícia, que transparece um propósito de fomentar as doações à causa católica, naquele contexto, “[...] certamente os amigos do Cotubas darão todo o apoio à festa de domingo, à qual trará mais um auxílio às obras da nossa Matriz.”⁹⁵ Aos dirigentes do clube coube, também, a incumbência de pedir prendas aos seus associados para a realização do evento⁹⁶.

É do mesmo ano o registro que atesta o auxílio oferecido pela instituição dançante, frequentada pelos brancos, membros da elite financeira da cidade, à construção do templo religioso em voga. Na noite do dia 15 de agosto, o Clube Leopoldina ofereceria uma solenidade em seus salões dançantes visando ao auxílio à entidade cristã. O baile noturno ofertado prometia ter a renda toda revertida à causa “divina”, representada pela igreja católica em debate.⁹⁷

Um outro templo, muito característico da composição urbana e inserido na

⁹² *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 110, 13 de jan. de 1928, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

⁹³ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 118, 20 de jan. de 1928, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

⁹⁴ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 111, 1º de set. de 1933, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

⁹⁵ *Ibidem*.

⁹⁶ *Ibidem*.

⁹⁷ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 95, 11 de ago. de 1933, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

dinâmica cotidiana do cidadão leopoldinense, é a Igreja do Rosário. Encontrando-se instalada na baixada da parte mais central da cidade, esta instituição amparava os eventos, referentes à obra da Matriz de São Sebastião, e dava-lhes suporte. Há relatos, por exemplo, de novenas realizadas em seu recinto, para compor a agenda do festival, realizado em benefício da nova casa de oração, que se erguia na parte mais alta do município, o mesmo do qual participara o Clube Leopoldina.⁹⁸

Acerca da construção da primeira capela do Rosário, os indícios encontrados, que permitem chegar mais próximo de sua data de fundação, atestam que, no ano de 1882, o interior da Matriz já estaria sendo edificado, conforme aponta uma doação em dinheiro, feita por Tobias Lauriano Figueira de Mello, e registrada no periódico *O Leopoldinense*.⁹⁹ O local religioso teria passado por algumas reformas ao longo do tempo, e seu altar principal, segundo Barroso Júnior, teria sido esculpido pelo entalhador português Castro Buena Flor, quando, na cidade, viveu, por volta do final do século XIX.¹⁰⁰

Tradicional no tempo em questão era a festividade conhecida por “*Mez [sic] de Maria*”, promovida pela igreja acima mencionada e que contava com ampla cobertura, por entre as páginas do periódico utilizado, para respaldar este estudo. O evento, composto por missas, procissões, por entre as ruas centrais da cidade e culminância comemorativa, mobilizava muitos fiéis para auxiliarem em sua organização. Acontecendo em maio, no mês dedicado à personagem santa, de suma importância aos praticantes do catolicismo, a festividade demonstrou seguir certa constância, em sua ocorrência anual, se considerarmos suas alusões na *Gazeta*.

Todo um esquema de funções delegadas era montado e publicado no jornal, além de informações sobre o acontecimento, trajeto dos cortejos e agradecimento aos contribuintes. Ao observar a reportagem do dia 27 de maio de 1926, é possível constatar, por exemplo, que os séquitos eram divididos entre aqueles compostos apenas por homens, e outros, formados só por mulheres. Os dois gêneros, também, apartavam-se, quanto às variadas atribuições requisitadas aos fiéis para o andamento da solenidade.¹⁰¹

Interessante notar a relação percebida entre determinadas categorias da sociedade

⁹⁸ Ibidem.

⁹⁹ *O Leopoldinense*, Leopoldina, 09 de abril de 1882, n. 28, p. 2. Acervo Digital da Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/706957/per706957_1882_00028.pdf >. Acesso em: 09 de mar. 2022.

¹⁰⁰ JÚNIOR, Barroso. *Leopoldina e seus primórdios*. Rio Branco: Gráfica Império, 1943, p. 22.

¹⁰¹ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 20, 27 de mai. de 1926, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

e a instituição cristã, que, através da festa católica, lograva unificar os divergentes interesses em torno de algo em comum. Nesta chave de análise, pode-se citar o leilão de prendas oferecidas pelos senhores fazendeiros, que ocorreria após a missa do dia 30, conforme consta na mesma notícia acima mencionada. Cabe aqui salientar o fato de que a grande maioria dos componentes das procissões que aconteceriam naquela data seria composta por “doutores”, homens “importantes” daquele tempo.¹⁰²

Em paralelo aos eventos católicos rotineiros envolvendo os fiéis e concatenando outras entidades que davam suporte à dinâmica religiosa, como muitas vezes demonstrou atuar o Clube Leopoldina e mesmo o Cutubas, podem-se citar algumas visitas eclesiais ocorridas naquele contexto. Movimentando a agenda apostólica em concomitância com a da população cidadina, algumas autoridades importantes, perante a hierarquia da igreja, chegaram a visitar o referido local.

O arcebispo de Mariana, dom Helvécio, teria visitado a cidade em algumas ocasiões, sendo que sua presença conferia-se, sempre em solenidade, conforme notado. Em dada estadia, já no início da década de 40, quando da criação da Diocese, fora ofertado um banquete para uma certa seleção de 100 convidados, que dariam as boas-vindas ao clérigo, no então Grupo Escolar Ribeiro Junqueira.¹⁰³ O ano era 1942, e a instalação da sede regional da Igreja em Leopoldina viria reforçar a atestação da força católica e política do pequeno município mineiro.¹⁰⁴

Dadas às circunstâncias esboçadas até aqui, a conjuntura em que a Leopoldina dos anos 1920 encontrava-se envolta parecia revelar uma tendência renovadora em variadas esferas. Os exemplos demonstrados são indícios de iniciativas que expressam uma preocupação, por parte de alguns grupos da sociedade, em introduzir opções de entretenimento que sanassem essas demandas da população cidadina, naquele período. Neste sentido, pode-se citar a reintrodução do *Theatro Alencar* e a criação dos clubes sociais e das instituições de ensino que se deram.

Todas essas mudanças nos hábitos, no cotidiano das pessoas, na produção

¹⁰² Ibidem.

¹⁰³ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, 20 de ago. de 1942, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

¹⁰⁴ REIS, Jussara Fernandes. Em direção aos céus: A construção da Catedral de São Sebastião e a instalação da Diocese em Leopoldina - MG. ANPHU MG – XVIII Encontro Regional, 24 a 27 de jul. de 2012, Mariana – MG. *Anais [...]*. Mariana: *Revista de Trabalhos Acadêmicos*, 2015, p. 1 a 10. Disponível em: <http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340745019_ARQUIVO_EmDirecaoaosCeus.pdf>. Acesso em: 31 de mai. 2021.

econômica e na estética da cidade simbolizaram uma tentativa de ruptura com um passado ainda bastante calcado no ritmo agrário, porém possibilitador da evolução da cidade, devido a investimentos oriundos do capital gerado, principalmente, pela atividade cafeeira.

Através de uma espécie de projeto de poder que se orquestrou por meio da junção de influentes oligarquias e de um importante segmento católico dominante no local, muitas transformações urbanas foram oportunizadas. As opções que passaram a compor a região central do lugar, nos anos 1920, consolidaram-se na década de 1930, traduzindo, para o tempo em questão, uma sugestiva atmosfera culturalmente mais dinâmica do que anos antes.

Já a fundação de uma agremiação negra bem como a aglutinação de uma insipiente classe operária, materializada na criação de um sindicato de trabalhadores industriais, que, por vezes, confundem-se, são indicativos sintomáticos das pautas que permeavam a existência da população urbana que, na maioria das vezes, não estampava os jornais.

Essas pessoas, menos inseridas nas narrativas cidadinas que envolviam os grupos dominantes, também, estavam se movimentando e desenvolvendo maneiras de burlarem o desabono ao qual eram cotidianamente submetidas. Tanto o ideal de pertencimento do grupo negro, que foi se lapidando em paralelo com a dificultosa aquisição da sede física, quanto a materialização de uma associação de viés classista, atestam a resistência representada por seus idealizadores no que tange a uma defesa mais concreta de sua sobrevivência.

O que se percebe, até aqui, é que os segmentos que integravam os habitantes da Leopoldina, dos anos 1920 e 1930, dispendo das ferramentas acessíveis a cada um deles, estava buscando ser notado. Os processos históricos característicos daquele tempo demonstraram certo esforço dos variados grupos que compunham a população em prol da garantia de uma posição respeitável na sociedade, que os permitisse existir de forma autônoma, levando-se em conta os valores que norteavam cada agrupamento naquele tempo.

Tomando caminhos opostos na corrida social ou valendo-se da solidariedade como estratégia na busca pela aceitação, no quadro das coletividades que desenhavam a cidade em seus pormenores, múltiplas foram as relações estabelecidas, assim como os vínculos negados, também consideráveis.

Neste contexto, o clube dos negros denotou destacada desenvoltura, ao utilizar de

vasta rede de amizades que dispunha para conseguir ir se desvencilhando das barreiras que ameaçaram sua continuidade, no princípio de sua existência. Basta que se atente para o fato de que, por aproximadamente uma década, entre apertos financeiros e crises internas, a iniciativa tenha conseguido se manter, ainda que na ausência de um teto físico que pertencesse ao grupo de fato.

Os caminhos encontrados por aqueles negros, para reforçarem sua liberdade, décadas depois do fim legal da escravidão, foram inúmeros. Dentre outros, ressalta-se o trabalho árduo, a persistência e o foco no objetivo de garantir e possibilitar que sua cultura resistisse aos obstáculos impostos cotidianamente ao seu sucesso. É possível que eles não tivessem ideia do que o futuro ainda reservava para a agremiação, ainda ativa há quase um século, vindo a demonstrar o quanto suas bases foram bem solidificadas, quando da construção de sua identidade.

1.3 Eu invejo esses negros ¹⁰⁵

Cidade que desde seus primórdios contou com expressivo número de habitantes negros por razões históricas, compreendidas através de um viés econômico, Leopoldina legou ao tempo presente múltiplos vestígios de aspectos da cultura afro-brasileira. Testemunhos de uma parte constituinte da história local, ainda pouco explorada, tais indícios são carentes de um olhar mais atento, no sentido de uma interpretação que lhes desvende os papéis, nas teias de relações às quais estavam inseridos, no que concerne às trajetórias do pós-abolição.

Representantes negros da historiografia nacional, Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes, quando de sua análise acerca das contribuições do povo afrodescendente para o Brasil de hoje, apontam estas como sendo de três ordens: econômica, demográfica

¹⁰⁵ No que concerne a tal termo de tratamento amplamente utilizado na presente pesquisa, em entrevista recente ao jornal *Valor Econômico*, o historiador Flávio Gomes justificou a preferência por “negro” em detrimento de “preto”, na escolha do título de sua nova obra. A tendência seguida na nomenclatura “*Enclopédia Negra*”, lançada em 2021 pela Companhia das Letras, em parceria com Lilia Moritz Schuwarcz e Jaime Lauriano, segundo o sociólogo, estaria em conformidade com a adotada pelo Movimento Negro brasileiro. Ainda de acordo com o professor, até os anos 40 do século passado, era mais usual a palavra “preto”, postura que viria se alterando, desde a proposta do ativista Vicente Ferreira, já nos anos 30, para que se aderisse à posituação do vocábulo “negro”, até então associado a usos pejorativos aqui no Brasil. Cabe a leitura da entrevista na íntegra. Para tanto, conferir TREFAUT, Maria da paz. *É impossível falar de racismo às avessas*. Valor econômico, São Paulo, 30 de abril de 2021. Disponível para assinantes em: <<https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2021/04/30/e-impossivel-falar-de-racismo-as-avessas-diz-historiador-da-enciclopedia-negra.ghtml>>. Acesso em: 18 de mai. 2021.

e cultural. No plano estatístico,

[...] os africanos ajudaram no povoamento do Brasil, tão grande era o tráfico negreiro. A título de exemplo, a evolução demográfica, [...] mostra que, até 1830, os negros constituíam 63% da população total, os brancos 16% e os mestiços 21%. A partir de 1850, a data da abolição do tráfico negreiro, acompanhada pela extinção da escravidão em 1888, a população negra começou a decrescer sensivelmente por causa das más condições de vida em que se encontrava e da mestiçagem com brancos e índios.¹⁰⁶

A cidade mineira estaria, então, enquadrada neste contexto, em que, apesar de uma queda notada na composição negra da população nacional, já nos preâmbulos da abolição, por conta dos fatores mencionados acima, ainda assim, essa se fazia sentir de maneira considerável. Fato este que deve ser aludido com veemência, principalmente levando-se em conta que este número vultoso representava pessoas, que, em sua grande maioria, tiveram sua liberdade privada sob vários aspectos.

Investigações que pautem os bastidores das inúmeras transações, baseadas na lavoura de café e outros ramos de serviços, o da construção civil, por exemplo, possivelmente ajudarão a montar um cenário de maior amplitude e mais aproximado da realidade que compôs o panorama dos tempos passados no lugar. Explorar o reverso da história dominante, à luz dos nomes comuns, que não usufruíam do mesmo prestígio dos seus renomados conterrâneos, perante a sociedade, pode trazer revelações valiosas.

O local das grandes empreitadas cafeeiras, de algumas famílias poderosas, com bastante influência sobre a vida daqueles mais desprovidos e de destacados sobrenomes na política nacional, também foi o destino de boa parte dos seres humanos destinados ao cativeiro que para a região foram trazidos. Conforme consta, pesquisa de Rômulo Andrade, tendo se apropriado dos números do censo demográfico do ano de 1872, apenas 26.633 pessoas, de um total de 41.886, constituía-se de cidadãos livres.¹⁰⁷

Diante de considerável número de pessoas, oriundas do tempo da escravidão, tornava-se relevante questionar o que estariam fazendo, em que circunstâncias estariam

¹⁰⁶ MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. 2. ed. São Paulo: Global, 2016, p. 20.

¹⁰⁷ ANDRADE, Rômulo. *Legitimidade, Compadrio e Mortalidade de Escravos: Freguesia de Minas Gerais e Rio de Janeiro, Século XIX*. Disponível em: <<https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/portal/download/diamantina-2008/D08A022>>. Acesso em: 1º de jul. 2021.

vivendo, que fé professavam... enfim, como poderia ser retratada essa parcela tão ilustrativa da população leopoldinense, tempos depois, considerando os algarismos acima esboçados? É prudente que se reflita, acerca de tais indagações, para que sejam identificadas as permanências da época remota, espelhadas na sociedade do tempo em voga.

Os anos passaram-se, deixando algumas práticas e relações escravocratas para trás, porém, sabe-se que não somente em rupturas baseou-se o evento da abolição. Cabe perguntar: como estariam vivendo e sendo representados os descendentes daquele percentual de cativos, algumas décadas depois, frente à constatação de que para o período em questão mais de um terço dos habitantes era constituído por afrodescendentes escravizados?

São perguntas um tanto quanto complexas de serem respondidas, frente às limitações dos acervos referentes aos negros de que se dispõem para a pesquisa deles, ou seja, o livro de atas de reuniões do Clube dos Cutubas, explorado no próximo capítulo deste trabalho, apreendeu, em grande medida, aspectos alusivos ao funcionamento técnico da agremiação.

Como será notado, conforme o avanço da leitura da pesquisa, muitas informações valiosas poderão ser extraídas dos pormenores narrados na coleção de registros acerca da dinâmica de atuação da instituição. Além de todo o procedimento padrão e formalizado, dispensado à época, pelos outros tipos de organizações dos inúmeros grupos similares da sociedade, o relato de seus encontros era, também, reflexo de quase todos os eventos relacionados ao cotidiano do clube.

Muitas relações estabelecidas dentro das paredes do grêmio são através das páginas do livro de atas descortinadas, desnudando um grupo coeso, em alguns momentos, e fragilizado, principalmente, pelas dificuldades financeiras, em tantas outras situações. Os principais desentendimentos entre os associados e as formas como articulavam as soluções das pendengas, os acordos comerciais, a organização de seus bailes, a aquisição de dinheiro para sua sobrevivência ou as eleições para a nova diretoria, estão ali descritos, dentre tantas outras situações corriqueiras da sociedade.

O toque humano que movimentava aquela entidade foi por seus sábios dirigentes devidamente transmitido para o papel com a necessária sensibilidade, que, hoje, aliada a um olhar atento, por parte do pesquisador, pode vir a revelar detalhes inerentes a um modo próprio de viver de seus integrantes. Porém, como já mencionado, existem várias lacunas

que requerem uma investigação mais esmiuçada, no que concerne a um aprofundamento na vida cotidiana da gente ali analisada.

Diante do que foi discorrido acima, fica mais claro o entendimento sobre a tentativa de se cruzarem os dados com outras fontes de pesquisa, como o jornal *Gazeta de Leopoldina*. O periódico tornou-se um veículo de comunicação bastante difuso para a época, sendo mesmo o de maior circulação naquele contexto, conforme pontuou Nogueira¹⁰⁸. Frente à característica explanada, a folha pode ser considerada bastante útil para o estudo sob variados aspectos, tomando-se sempre a devida cautela, posto que se trata de um informativo, na grande maioria das edições, com a nítida função de retratar o dia-a-dia da elite financeira leopoldinense.

Na tentativa de se extrair o máximo de informações relevantes das fontes disponíveis, buscou-se examinar o jornal inclusive nos seus silêncios. O caráter seletivo da narrativa evidenciado na *Gazeta*, um informativo escrito por brancos e sobre os brancos, nem sempre daria espaço para a grande parcela negra da população cidadina. Ancorando-se nas assertivas de Paul Ricoeur, que, à luz dos abusos da memória, afirmou ser impossível lembrar-se de tudo, bem como, ressaltando a impossibilidade de se narrar tudo, é interessante observar:

A narrativa comporta necessariamente uma dimensão seletiva. [...] Como notamos então, a ideologização da memória é possibilitada pelos recursos de variação que o trabalho de configuração narrativa oferece. As estratégias do esquecimento enxertam-se diretamente neste trabalho de configuração: pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases, refigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela. Para quem atravessou todas as camadas de configuração e de refiguração narrativa, desde a constituição da identidade pessoal, até a das identidades comunitárias que estruturam nossos vínculos de pertencimento, o perigo maior, no fim do percurso, está no manejo da história autorizada, imposta, celebrada, comemorada – da história oficial [...]. Está em ação aqui uma forma artilosa de esquecimento, resultante do desapossamento dos atores sociais de seu poder originário de narrarem a si mesmos.¹⁰⁹

¹⁰⁸ NOGUEIRA, Natania. Guerra Fria em charges: *Gazeta de Leopoldina* (1951). *Revista Cajueiro: Ciência da Informação e Cultura da Literatura*, Aracaju, v. 3, n. 1, p. 137-190, nov. 2020/mai. 2021. Disponível em: < <https://seer.ufs.br/index.php/Cajueiro/article/view/16486> >. Acesso em: 31 de jan. 2022.

¹⁰⁹ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alan François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 455.

São percebidos no periódico em questão, diariamente, os relatos cotidianos do povo leopoldinense, as viagens de homens importantes, os rumos da política local e os números referentes à safra do café. Todas essas citadas são dimensões em que um breve raciocínio permite, facilmente, vislumbrar a ausência do protagonismo negro, em potencial, sugerido nos documentos referentes ao clube, por exemplo. O que em uma cidade fortemente agrária, entretanto, no contexto do pós-abolição, não constitui uma excentricidade, vindo de um veículo de comunicação organizado pela elite econômica local.

Um dos locais de lazer da estimada predileção dos habitantes da cidade, nos anos 1920 e 1930, por exemplo, o Clube Leopoldina, de acordo com a oralidade e mesmo fotografias do tempo em questão, não tinha suas portas principais abertas a quem fosse “de cor”¹¹⁰, a não ser que estivesse a serviço ou fosse músico. Neste caso, o portão dos fundos receberia tais pessoas. Na grande maioria das vezes, portanto, o personagem principal da *Gazeta* será o leopoldinense branco, afortunado e de sobrenome afamado.

Porém, com uma busca pormenorizada pelas edições da folha, abordada nas décadas em questão, foram encontradas algumas menções esporádicas a moradores do município, de origem afrodescendente. Exatamente, nestas brechas das narrativas, é que vai se concentrar esta fase da pesquisa, tentando extrair destas escassas evidências, e até mesmo das lacunas citadas, informações acerca do cotidiano do negro leopoldinense no tempo em questão.

Se por um lado, a respeito dos hábitos sociais do leopoldinense, era o Clube Leopoldina e seus frequentadores que protagonizavam as páginas do jornal investigado, quase que diariamente, por outro, quando o assunto era o 13 de maio na cidade, por exemplo, os negros ganhavam certa vez, mas não voz, na folha em questão. Suas comemorações e até mesmo da sociedade como um todo pela abolição da escravidão ocupavam restrito espaço de exposição por entre as edições do periódico que demonstrava ser porta-voz dos brancos que habitavam a localidade que compõe o cenário desta pesquisa.

¹¹⁰ De acordo com Margareth Franklim, à época da fundação do Clube dos Cutubas, a forma como a sociedade dominante local referia-se às pessoas negras era por meio da expressão “de cor”. A obra da pesquisadora foi baseada na oralidade circulante, por meio da memória de pessoas que viveram no período em questão e podem atestar aqueles tempos remotos. Conferir: FRANKLIM, Margareth Cordeiro. *Cutubas: clube de negros, território de bambas – memória e patrimônio afrodescendente de Leopoldina/MG*. Belo Horizonte: Utopika Editorial, 2014, p. 10.

Inúmeros foram os indícios detectados, às vésperas ou após a data em comemoração à Abolição, permeando o recorte temporal estabelecido de acordo com o contexto envolvendo a fundação e consolidação do Clube dos Cutubas na cidade, os anos entre 1920 e 1940. Nesta esteira, interessante mencionar notícia da *Gazeta* de 1926, quando, na página principal, trouxe reportagem intitulada “*Canhenho*”. Tratava-se de espécie de caderneta, bloco de notas, ou ainda, mais metaforicamente, da capacidade que se tem de armazenar algo na memória; o epíteto em questão fora utilizado para dar nome ao texto jornalístico em voga.¹¹¹

Na ocasião detalhada, explicitamente pela ótica de um observador branco, a batucada comemorativa dos negros, àquela noite de 15 de maio, era minuciosamente observada e descrita, deixando transparecer, inclusive, em tom poético, certo ar de invidía, frente à alegria do grupo em festa. Difícil mesmo, detalhadas as circunstâncias, era encontrar a linha tênue que separava a diversão da religiosidade naquele evento, tão amalgamadas e traduzidas na mais autêntica expressão manifestada por seus representantes.¹¹²

A dança e ou a crença afro-brasileira por aqueles negros executadas em algum ponto da cidade, que não nos é dado conhecer, através do texto, é referenciada de modo pejorativo, já no início da narrativa, como o “bulhento” caxambu. Espécie de batuque, o ritmo em questão embalava aquele ajuntamento de pessoas que farreavam e brindavam em agradecimento à emancipação de seu povo. Presumivelmente, o evento ocorrera próximo à residência do narrador, que não se contivera em descrever aquele incômodo aos seus ouvidos, ao passo que contagiante, naquela edição da *Gazeta*.¹¹³

Em semelhante publicação, um dia depois, em 16 de maio, foi relatada a ocorrência de uma “roda de caxambu”, sendo esta, porém, menos concorrida do que nos anos anteriores. Porém, o acontecimento fora em Recreio, à época distrito de Leopoldina, que tem hoje sua emancipação administrativa, compondo um pequeno município vizinho de nossa protagonista. O texto diz, ainda, como justificativa à parca movimentação do evento, que “os pretos vão desaparecendo vertiginosamente da nossa tona, e deve-se acrescentar, com prejuízo para a lavoura, pois o negro, apesar dos pesares, é um excelente

¹¹¹ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, 15 de mai. de 1926, n. 10, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

¹¹² *Ibidem*.

¹¹³ *Ibidem*.

trabalhador, de resistência incomparável.”¹¹⁴

A satisfação e a gratidão expressas em alusão ao 13 de maio, evidenciadas pelas leituras das matérias do jornal citado, dão o tom da representatividade da data para aquela gente no tempo em questão, ressaltando o quanto o dia era simbólico em termos de liberdade. Toda a versatilidade composta pela junção da profissão da fé com a demonstração de prazer é externada, porventura, na forma daquela espécie de contagiante oração.

Por mencionar o ecletismo característico da mescla cultural, experienciada em solo brasileiro, desde os mais tenros contatos, não há como falar em contribuições da cultura negra sem aludir ao tema do sincretismo religioso aqui estabelecido. Explorando, ainda, o mês de maio de 1926, pelas páginas da *Gazeta*, é possível perceber como a religiosidade compunha o pano de fundo do cenário, referente à comemoração leopoldinense da abolição da escravatura.

Tanto as matrizes de raízes africanas, quanto a fé no catolicismo demonstraram permear ações envolvendo os negros. Sobre o envolvimento considerável, de setores negros da cidade, com ações oriundas da igreja de Roma, este foi demonstrado, em momentos anteriores, no decorrer desta pesquisa.

No próprio dia 13, o periódico publicou uma pequena nota, referindo-se à data como “duplamente festiva”, uma vez que, além de celebrar o fim do cativeiro, ocorrido há exatos 38 anos antes, também, era dia de solenizar, de acordo com o calendário litúrgico, a Ascensão do Senhor. “Uma das mais brilhantes conquistas do Brasil no terreno das liberdades públicas”¹¹⁵, conforme o próprio texto ressalta, associada ao evento católico na mesma notícia, atenta para o fato da conveniência de ter a Igreja, naquele momento, seus discursos vinculados a temáticas de cunho humanista. Missas na “Matriz” e no “Rosário” são anunciadas ao fim da matéria.

Cabe refletir sobre a indagação que se segue. Estariam realmente livres aquelas pessoas, após uma questionável abolição e inserção de seus ancestrais em uma sociedade com padrões aristocráticos tão enraizados em seus pormenores?

Analisar as constantes buscas empreendidas pelos afrodescendentes, em prol de sua liberdade plena, requer voltar os olhos para suas formas de resistir e subverter o

¹¹⁴ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 11, 16 de mai. de 1926, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

¹¹⁵ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 9, 13 de mai. de 1926, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

sistema dominante no Brasil, naquela primeira metade do século XX. Neste intuito, observam-se as conclusões de Rachel Soihet, ao demonstrar a resistência desenvolvida pelos grupos subalternos, quando de sua análise de toda a trajetória do evento constituído pelo Carnaval carioca, perpassando, desde o entrudo, até o advento da Era Vargas. Ela afirma:

[...] apesar de toda a pressão, os populares não esmoeceram. [...] Integraram-se à vida da cidade, inter-relacionando-se com as demais classes sociais. Rejeitaram a segregação que se lhes pretendia impor e, a partir de suas manifestações culturais, desenvolveram formas alternativas de organização, garantindo a expressão de suas necessidades, anseios e aspirações. Conseguiram assim romper, em grande parte, com as algemas que se lhes pretendiam aprisionar [...].¹¹⁶

Corroborando a afirmação disposta acima, Munanga e Gomes dizem que “[...] o processo de luta e resistência negra ganhou outros contornos. [...] os negros brasileiros após a abolição tiveram que implementar um longo e árduo processo de construção de igualdade e de acesso aos diversos setores da sociedade [...]”¹¹⁷. Com a cidadania limitada, estas parcelas da população engajaram-se na missão de viabilizar e fazer cumprir sua própria inserção social.

De acordo com os dois estudiosos citados, ainda que a liberdade dos afrodescendentes não fosse aceita, naquele momento, por grande parte do povo brasileiro, eles continuavam a investir toda a sua energia participativa, para fazer sobreviver sua cultura. Seguindo na esteira desse raciocínio, volta-se aqui à nota do jornal do dia 15, por meio da qual pode-se observar o seguinte trecho:

[...] Na sua quase totalidade estão bêbados, não bêbados de cair, mas muito ‘tocados’. As crioulas saracoteiam, na roda, enquanto um preto velho, cheio de entusiasmo, faz rufar o seu tambor. Essa gente, vê-se, está embriagada de gozo, batucando, assim ao relento, obtida, previamente, a licença da polícia. Se a inveja não fosse um feio pecado, eu diria que invejo esses negros. Embora rotos, maltrapilhos e famintos, eles, alheando-se de todo sofrimento, cantam e gozam, e, amanhã, sob o rigor do sol ardente, trabalharão moídos, mas contentes ainda. São felizes na sua extrema miséria [...].¹¹⁸

¹¹⁶ SOIHET, *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas...* p. 179.

¹¹⁷ MUNANGA; GOMES. *O negro no Brasil de hoje...* p. 107.

¹¹⁸ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, 15 de mai. de 1926, n. 10, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

Com a necessária cautela, torna-se possível sugerir alguns apontamentos e problematizá-los, perante a leitura do fragmento da matéria do jornal, esboçada anteriormente. Até que ponto, por exemplo, poderia aquele grupo ser caracterizado por miserável em sua essência? Sabe-se que, um ano antes, um agrupamento, também, de pretos, havia criado um grêmio recreativo na cidade, que, apesar de ainda não contar com sede física, tinha coesão e disciplina o bastante para ser considerado, enquanto organização. Não estaríamos aqui falando de uma mesma coletividade?

Mesmo que não se tratasse de um grupo somente, talvez parcelas deles se mesclassem, afinal, Leopoldina não compreendia, como não compreende hoje, uma cidade de tão grande porte. Para a época em questão, contava com pouco mais de 50 mil habitantes, de acordo com censo realizado, em território nacional no ano de 1920.¹¹⁹ Porém, deve-se aqui pensar em sua configuração urbana, que contava com uma população reduzida, posto que a maior parte das pessoas encontrava-se alocada na vasta extensão rural do município.¹²⁰

Bêbados, maltrapilhos e famintos. De quem teria partido tais características atribuídas àquelas pessoas? A descrição dada aos negros remete à forma depreciativa, como em tantos momentos de nossa história, o afrodescendente fora retratado por meio de um viés etnocêntrico. A única certeza é que os dizeres foram dispostos na primeira página de um jornal de ampla circulação no lugar em pauta, por alguém sob a alcunha de “Valete”.

Cabe, neste ponto da narrativa, lembrar a fala de Carlo Ginzburg, quando a partir da discussão acerca da isenção de objetividade das fontes, que seriam produtos histórica e socialmente forjados, disse que “uma crônica hostil pode fornecer testemunhos preciosos”.¹²¹ Apurar o olhar sobre estes indícios, malogrados em um primeiro momento, ajuda a revelar o cotidiano de pessoas comuns e suas práticas culturais, incutidos nas

¹¹⁹ Há que se considerar aqui, que o número aproximado de 50.000 habitantes fora obtido levando-se em consideração todo o território pertencente a Leopoldina à época em questão, para fins de análise. Porém, se levarmos em conta a formatação do município atual, vários distritos que antes faziam parte da sua jurisdição, hoje já se emanciparam. A critério de comparação, se observarmos o espaço geográfico da cidade de agora, com o equivalente naqueles tempos, teríamos aí então um número próximo dos 40.000 habitantes. Informações disponíveis em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6461.pdf>>. Acesso em: 05 de jul. 2021.

¹²⁰ NOGUEIRA, Guerra Fria em charges: Gazeta de Leopoldina (1951)... p. 23.

¹²¹ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 21.

expressões dos demais grupos da sociedade.

Acerca daquilo que é nítido e demonstrou menos subjetividade, ao se extrair informações do material, fica a constatação de que a euforia, a animação e a garra daquelas pessoas, de alguma maneira despertaram a atenção do narrador. Se há um denominador comum a ser apontado, como componente dos variados núcleos de negros, que ali residiam, manifestando-se, ou não, pelas ruas e instituições físicas da cidade, àquela época, este seria a alegria inata de sua gente.

Este mesmo entusiasmo fez o escritor sentir inveja daquelas pessoas que, a seu ver, levavam uma vida muito menos regrada e desapegada da ambição que pautava a elegância emoldurada da alta sociedade, ditando-lhe as posturas engessadas das obrigações e condutas sociais.

No último parágrafo do texto, o “Valete” deixa essa impressão evidenciada, quando compara sua classe com a dos negros. Segundo ele, à sua própria gente faltava esse tom autêntico e contente, ao se entregar e se divertir, despreziosamente, em uma festa. “Enquanto nós outros, homens de sociedade, em dolorosa porfia, buscamos o próprio conforto e o da família, sofrendo na opulência, porque a ambição nos ensina a querer mais, muito mais ainda, enquanto envelhecemos, elegantemente, curtidos em conserva [...]”¹²²

Sentimento este percebido com certa frequência no dia-a-dia do Clube dos Cutubas, posto que inerente a seus frequentadores, os quais lotavam seu salão, cuidadosamente ornamentado em dias de bailes; ou, simplesmente, como o ingrediente principal, quando os planos consistiam em preparar desfiles de Carnaval a serem exibidos na cidade. De acordo com a leitura do livro de atas da associação, em matéria de entretenimento, o evento em questão era uma das predileções de sua gente.

Seja dentro das paredes físicas do grêmio, ou enquanto um movimento organizado de forma independente da instituição em voga, a festa de Momo foi, por muitos anos, um diferencial na cidade, sendo atraídos inclusive os vizinhos das localidades próximas, no intuito de apreciar a folia em Leopoldina. Não há como pesquisar a questão dos negros que fundaram e frequentavam o Cutubas, sem esbarrar no quesito carnavalesco.

Por mencionar esta intrínseca relação, cabe aqui expor ideia defendida por

¹²² *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, 15 de mai. de 1926, n. 10, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

Roberto DaMatta, no que concerne aos motivos antropológicos que levariam os afro-estrangeiros no Brasil a terem estabelecido uma conexão de tamanha intimidade com a folia do mês de fevereiro ou início de março. De acordo com o estudioso, tal elo encontraria-se sedimentado na própria natureza do evento e no histórico de marginalização social, atribuído a este grupo específico. A alegria, neste caso, não seria suficiente para apreender todo o arcabouço de signos imbricados em referida parceria.

Bastante apreciado no gosto nacional, o Carnaval já protagonizou diversas pesquisas. DaMatta, por exemplo, caracterizou-o como um rito de inversão, em que a lógica social do cotidiano altera-se e há uma troca de papéis, salientando a transmutação de pobre em nobre. É como se, ao desfilar, os participantes realizassem-se, interpretando personagens fictícios que a vida verdadeira não lhes permitiria ser.

[...] o desfile [...] se fundamenta na teatralização que tem como tema personagens, ambientes e ações de um período aristocrático ou mítico, tal como esse período é percebido pelos membros das classes dominadas. Chama a atenção, nesses desfiles, a inversão constituída entre o desfilante (um pobre, geralmente negro ou mulato) e a figura que ele representa no desfile (um nobre, um rei, uma figura mitológica) e, ainda, a participação de toda a sociedade inclusiva, seja como juiz, seja como torcedor.¹²³

Nesta ótica defendida pelo sociólogo, a festa do rei Momo representaria uma alternativa ao mundo real, um símbolo significativo de uma trégua entre dominantes e dominados. Era como se o Carnaval, os bailes ou o próprio salão do clube reproduzissem um espaço igualador de várias posições sociais, que seriam distintas em outro cenário, fora daquele contexto.¹²⁴

Por este viés, quanto a um plano mais generalizante da questão festiva, a existência diária estaria condicionada ao sofrimento e às amarguras do ser. Já no tocante às comemorações, estas, possivelmente, seriam traduzidas como que representantes da leveza despreocupada de uma vida sem preocupações. Ancorando-se uma vez mais nos argumentos teóricos em questão, eis os dizeres abaixo:

As festas, então, são momentos extraordinários marcados pela alegria e por valores considerados altamente positivos. A rotina da vida diária é que é vista como negativa. Daí o cotidiano ser representado pela

¹²³ DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 58.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 56.

expressão *dia a dia* ou mais significativamente, *vida* ou *dura realidade* da *vida*. Em outras palavras, sofre-se na *vida*, na rotina impiedosa automática do cotidiano, em que o mundo é reprimido pelas hierarquias do poder [...].¹²⁵

Já na ótica defendida por Soihet, tomando por pano de fundo a atmosfera carnavalesca carioca e outras festividades afins, os significados da participação popular em festas como o carnaval seriam bastante complexos. Para a pesquisadora, análises como a demonstrada acima seriam um tanto quanto simplistas, impossibilitadas de darem conta de apreender a profundidade de tamanhos signos sociais expressos, dada sua superficialidade. Em suas palavras lê-se:

Muitos autores consideram a festa uma válvula de escape para o cotidiano, permitida, controlada e estimulada pelos grupos dominantes. Constituir-se-ia, em última instância, em um recurso utilizado pelo poder para manipular e reforçar a ordem vigente, capitalizando em proveito próprio os excessos nela manifestados. Esta é, porém, uma perspectiva simplista, unidimensional, que elide a complexidade dessa forma de expressão, de grande riqueza para o descortínio das atitudes, valores e comportamentos dos diversos grupos sociais.¹²⁶

Neste panorama, as ocasiões festivas seriam percebidas, por conseguinte, como potenciais palcos refletores de uma grande mescla de costumes, reproduzindo o intercâmbio de variadas vivências, práticas e saberes. Evidenciaria - se, desta maneira, a circularidade cultural presente em tais circunstâncias, configurando-se, estas, categóricos canais de sociabilidade entre aquelas camadas envolvidas. Sedimentando esta pesquisa, uma vez mais, nos dizeres da historiadora:

A festa constitui, portanto, um cenário privilegiado de observação. Em medida diversa, de acordo com a modalidade, nela estão presentes aspectos expressivos do universo cultural dominante, imbricados em elementos próprios da cultura popular, com suas tradições, seus símbolos e suas práticas. Nesse local do encontro e lazer, resulta, via de regra, a influência recíproca entre os diferentes segmentos [...].¹²⁷

No tocante ao Carnaval, nele as contribuições dos populares seriam ainda mais peculiares e envoltas em signos culturais, se comparado às festas, enquanto termo mais

¹²⁵ Ibidem, p. 52.

¹²⁶ SOIHET. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas...* p. 25.

¹²⁷ Ibidem, p. 25-26.

generalizante. Tratava-se de evento por meio do qual determinados grupos conseguiam edificar uma cidadania paralela, posto que, em outros contextos, eram limitados no que concerne à ocupação espacial.¹²⁸ Tal fenômeno constituiria, desta maneira, “o zênite de sua liberação, momento de penetração no reino da utopia.”¹²⁹

Trazendo a questão para o âmbito local, chega-se, neste ponto, a mais uma brecha da narrativa, encontrada no periódico em foco, com relação à população negra da cidade. Dentre tantas páginas ao longo do ano, envolvendo assuntos que retratavam o cotidiano de parcelas aristocráticas do lugar, em fevereiro, era o momento de, por meio da festa e da dança, os afrodescendentes conseguirem colocar seu time em campo, no espaço citadino e no jornal, como na reportagem do dia 10 de fevereiro de 1928¹³⁰, que será explorada mais à frente.

Algumas pequenas notas, crônicas e reportagens eram dispostas no intuito de informar sobre o Carnaval, antes, durante e depois da ocorrência do evento, que continuaria reverberando ao longo do ano, ainda que em referências muito sutis e esporádicas pelas páginas do informativo. Analisando estas lacunas percebidas nos discursos do sistema dominante, Mônica Pimenta Velloso argumenta:

Interessa investigar as brechas de liberdade, através das quais os cidadãos conseguem reinventar práticas e maneiras próprias de vivenciar o espaço. É através dessas “microliberdades” que os grupos – considerados subalternos – exercitam a sua criatividade e capacidade de dar respostas às injunções dos poderes. É nessa perspectiva que são enfatizados os movimentos táticos, através dos quais tais grupos, na atitude de aparente aceitação da ordem imposta, fariam deslocar – de forma imperceptível – as fronteiras da dominação [...].¹³¹

Pressionando estes limites impostos pela sociedade hegemônica, o Clube dos Cutubas teve seu nome mencionado no jornal, no dia 10 de fevereiro de 1928, quando dos bastidores das comemorações carnavalescas. A coluna intitulada “*Carnaval*”, no texto “*Está chegando a hora!*”, trazia, em um tom que se assemelha ao estilo de crônica literária, notícias sobre os acontecimentos e as apresentações que já ocorriam na cidade, relacionados à aguardada festa, conforme parte da notícia transcrita a seguir:

¹²⁸ Ibidem, p. 49.

¹²⁹ Ibidem, p. 179.

¹³⁰ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, 10 de fev. de 1928, n.122, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

¹³¹ VELLOSO, Monica Pimenta. *A cultura das ruas no Rio de Janeiro (1900-1930): mediações, linguagens e espaços*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2004, p. 27.

Aqui estou, negrada velha, para de pena em punho sem pena falar do Carnaval, salvo si [sic] a pena empena porque aí ficarei sem arma. – Ora, vamos lá. – Domingo que já passou, Leopoldina já sentio [sic] um perfumezinho de Momo [...]. Mas, como ia dizendo, o cheirinho do carnaval foi forte. O “Prazer das Morenas” sahio [sic] e os “Cotubas” também vieram ao olho da rua. Ambos muito bem afinados, ensaiados e aplaudidos. A chuva, burlando a lei dos homens, brincou de entrudo e ninguém chamou a polícia. Os nossos clubs [sic] este anno [sic] vão cantar lindos versos primorosos de um poeta carnavalescamente mômico. Serão organizados vários blocos ou cordões, eu sei de um, composto de moças bonitas, que vae [sic] cantar versos à cadência de boa música. Eu não dou aqui os versos porque o espaço que me é reservado é pequeno e não cabe o grande entusiasmo [sic] folião de Leopoldina [...].¹³²

Constata-se, ao final do texto, uma espécie de crítica por parte de quem o escreveu, quanto ao curto espaço cedido para o assunto, em destaque, na presente folha analisada. Interessante, também, ressaltar o fato do destacado ânimo carnavalesco do cidadão leopoldinense vir a ser mencionado, quando da conclusão da queixa evidenciada. Segundo o escritor em questão, a empolgação da população adepta à folia não seria compatível com a delimitação imposta pelos redatores do jornal àqueles assuntos.

Ainda explorando a mesma notícia, em seus últimos dizeres, após algumas informações mais técnicas, referentes aos horários das programações momescas, naquele ano, tem-se um fragmento interessante de se observar. O trecho diz o seguinte: “Caiamos na farra grossa, não tenhamos receio, medo ou... vergonha! Sim, devemos ficar sem essa coisa [sic], e só assim poderemos tirar a máscara que usamos todo o anno [sic], e principalmente a máscara symphática [sic] de PIERROT”.¹³³

Pierrot¹³⁴, o personagem da antiga comédia italiana, símbolo do amor incompreendido, é a alcunha assumida por quem assina o texto no periódico, cuja identidade não é dada a conhecer. Ao mesmo tempo em que brinca com a questão da sugestiva revelação de seu autor, o texto do jornal remete para a teoria demonstrada, neste

¹³² *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, 10 de fev. de 1928, n. 122, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

¹³³ *Ibidem*.

¹³⁴ A respeito do personagem Pierrot, vale apreciação do trabalho de Stetina Dacorso e sua abordagem psicanalítica acerca do assunto. Conferir DACORSO, Stetina Trani de Meneses. As máscaras de Menotti del’Picchia: Arlequim, o desejo – Colombina, a mulher – Pierrot, o sonho. *Estud. psicanal.* [online]. 2008, n.31, p. 142-149. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372008000100018&lng=pt&nrm=is>. Acesso em: 1º de set. 2021.

estudo, no tocante aos papéis que seriam representados pela sociedade, seja no carnaval ou fora dele, ao longo do ano.

Era como se os participantes mascarados das festas de carnaval conseguissem se exhibir e se expressar, em grande medida, naqueles momentos, como não acontecia, quando estavam de rosto descoberto nas ruas, no dia-a-dia, ao longo do ano, fora daquela data. Como que utilizando máscaras simbólicas, que lhes ajustavam às convenções sociais hegemônicas, o cotidiano era o revelador, naqueles casos, do verdadeiro baile de máscaras, que insistia em inibir a espontaneidade e autonomia de determinados grupos, nos quais os frequentadores do clube se enquadravam.

Frente à análise esboçada até aqui, é notada uma linha tênue existente entre os negros em Leopoldina, nas décadas de 1920 e 1930 e os movimentos referentes ao carnaval, perpassada pelo emblemático Clube dos Cutubas. O recinto, território dos pretos por excelência naquela localidade, muitas vezes, foi o principal articulador do estreito vínculo estabelecido entre as duas dimensões apresentadas.

Um dos métodos utilizados, para tentar detectar o protagonismo negro no jornal, foi, portanto, através das menções feitas ao clube dos negros, uma vez que os veículos de informação não costumavam aludir à cor de pele da pessoa mencionada nas reportagens. O contrário acontecia, quando se tratava de colunas criminais ou excentricidades, ainda que referentes a outros lugares, que não a cidade.

Nesses casos, ressaltava-se o fato de serem os envolvidos nas histórias relatadas de origem afrodescendente, como nos exemplos demonstrados a seguir: “Existe, actualmente [sic], em S. Paulo, um preto de nome Cypriano Egydio, que conta 150 annos [sic] de idade. Ouvido pela imprensa, disse que nasceu em Campos, de onde partiu para S. Paulo, acompanhando uma família de fazendeiros [...].”¹³⁵

Residem no districto [sic] de Itamaraty [sic], do visinho [sic] município de Cataguazes [sic] há cerca de 70 annos [sic], o sr. Manoel Carioca e a sua esposa, ambos de côr [sic] preta, muito estimados e bem relacionados no referido districto [sic] e circumvisinhança [sic]. Elle [sic] conta actualmente [sic] 96 annos [sic] de idade, e sua velha esposa, a tia Anna, como é conhecida, tem já os seus 102 janeiros. São dois macróbios dignos de nota. O que há de mais importante, porém, é que na tia Anna estão nascendo novos dentes, iguaes [sic] aos que lhe nasceram aos 7 annos [sic]. O facto [sic] tem provocado a atenção dos

¹³⁵ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, 05 de fev. de 1927, n. 212, p. 1. Acervo Digital da Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/851140/per851140_1927_00212.pdf>. Acesso em: 12 de set. 2021.

moradores de Itamaraty [sic], e consta que um conhecido cientista [sic] daquele [sic] lugar [sic] pretende ir fazer observações sobre o caso, que, pela sua raridade, merece ser levado ao conhecimento da Escola de Odontologia do Rio de Janeiro, ilustrado [sic] com algumas photographias [sic].¹³⁶

Retomando a urbe refinada e exaltada pela oficialidade, cuja hegemonia e influência foram os passaportes para que as trajetórias de seus representantes estampassem as páginas dos meios de comunicação da época, com frequência, cabe dizer que esta não era a única. Existia, em paralelo, uma cidade negra bastante dinâmica que fazia jus a maior visibilidade e espaço, para além do carnaval ou do exotismo.

Por meio desta leitura do lugar, percebe-se que a atuação de seus membros nem sempre foi contemplada e divulgada nos impressos locais, salvo por meio de estratégias, em sua grande maioria, culturais. Suas formas de expressão, vinculadas à movimentação carnavalesca ou a outras festividades, quando conseguiram obter destaque no noticiário, foram, algumas vezes, precedidos por discursos depreciativos, constatados em algumas circunstâncias observadas por este estudo.

O que não significa dizer que a admiração não esteve presente nas escassas narrativas envolvendo o setor negro citadino, pelas páginas do periódico analisado. Alvos da cobiça de quem escreveu um dos textos analisados, a farra, a animação e a entrega sincera dos afrodescendentes, ao momento de descontração compartilhado por seu grupo, ficaram evidentes na sequência do discurso.

Para os outros segmentos da cidade, de alguma forma, em alguns momentos, aqueles homens e mulheres fizeram-se invejáveis, posto que não resignados, frente ao desprezo emitido cotidianamente. Suas práticas e representações, apesar da pouca ênfase, repercutiram naquele tempo, reverberando seus reflexos nas impressões pessoais da opinião pública, mesmo quando não puderam contar, fidedignamente, com o que era impresso nos informativos locais.

¹³⁶ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, 25 de jan. de 1927, n. 202, p. 4. Acervo Digital da Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/851140/per851140_1927_00202.pdf>. Acesso em: 12 de set. 2021.

Capítulo II: Resistir para manter a existência: táticas de manutenção cultural

2.1 As formas de resistência no início do século XX

2.1.1 Movimento negro

Ao se propor o estudo sobre um clube carnavalesco, fundado por afrodescendentes, nos anos 1920, na Zona da Mata mineira, e analisar o comportamento de seus associados, ao longo das décadas de 1920 e 1930, fez-se necessário atentar ao que, de um modo geral, sucedia-se com o “povo de cor” do entorno, na época em questão. Os diversos segmentos do movimento negro que surgiram nesse contexto tiveram de se mobilizar em um cenário no qual seus atores sociais tentavam se reinventar, para garantir sua representatividade, enquanto cidadãos brasileiros, perante a sociedade hegemônica.

Pessoas essas, na grande maioria das vezes, invisibilizadas e silenciadas, por uma elite econômica e intelectual branca, a qual era reservado todo o protagonismo histórico. Tendo em vista garantir que sua ancestralidade tivesse lugar na posteridade e muitas vezes mediar reivindicações políticas, essas parcelas da população valiam-se do termo “raça”¹³⁷, como fator fundamental, que os organizava, em torno de um projeto comum.

Reunidos enquanto indivíduos pertencentes ao mesmo grupo racial, os negros são aqui observados, como emissores de respostas ao que se percebia imposto pelo sistema dominante e às injunções dos poderes, no que concerne à sua existência. Nesse caso, cabe refletir acerca do termo poder, para, então, discutir-se sobre a questão da resistência notada em razão dele.

Nesse sentido, Michel Foucault propôs que se observasse o poder de modo nominalista, afinal, “uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada.”¹³⁸

¹³⁷ O conceito “raça” é definido como uma construção social, com pouca ou nenhuma base biológica. A raça é importante porque as pessoas classificam e tratam o “outro” de acordo com as ideias socialmente aceitas. Referenda-se aqui, a posição de Edward Telles: “o uso do termo raça fortalece distinções sociais que não possuem qualquer valor biológico, mas a raça continua a ser imensamente importante nas interações sociológicas e, portanto, deve ser levada em conta nas interações sociológicas [e históricas]”. TELLES, Edward. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Fundação Ford, 2003, p. 38.

¹³⁸ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I – a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p. 89. Disponível

Por essa ótica, o poder, apesar de ser notado em todos os âmbitos da sociedade, não deve ser considerado pelo viés institucional, nem tampouco enquanto estrutura.¹³⁹

Importante ressaltar que, ainda na concepção foucaultiana, acredita-se que onde há o poder, está a resistência, e que o primeiro existiria somente em função da segunda mencionada.¹⁴⁰ Judith Revel, ao estudar o termo baseada na abordagem de Michel Foucault, completa acerca da resistência:

[...] a resistência se dá, necessariamente, onde há poder, porque ela é inseparável das relações de poder, assim, tanto a resistência funda as relações de poder, quanto ela é, às vezes, o resultado dessas relações; na medida em que as relações de poder estão em todo lugar, a resistência é a possibilidade de criar espaços de lutas e agenciar possibilidades de transformação em toda parte. A análise dos vínculos entre as relações de poder, e os focos de resistência é realizada por Foucault em termos de estratégia e de tática: cada movimento de um serve de apoio para uma contra-ofensiva do outro.¹⁴¹

Tem-se que, da maneira como De Certeau interpretou estas relações de dominação, entre o opressor e o oprimido¹⁴², já demonstradas por este estudo, em seu primeiro capítulo, Foucault, também, assim o fez. Seguindo a linha da lógica das táticas como uma resposta subversiva às estratégias impostas pelos grupos hegemônicos, na observância das práticas e representações dos grupos populares, Foucault traduziu a ideia por trás do significado de resistência em função do poder.

No caso dos negros, esta resistência deu-se em variadas frentes. Conforme o contexto e a situação permitiam, estes homens e mulheres valiam-se de sua astúcia para driblar as condições que lhes feriam a cidadania com as quais, frequentemente, deparavam-se, independentemente do status de liberdade.

As redes de solidariedade, as formas de sociabilidade, a organização em torno de discussões raciais e a arregimentação do povo preto e mestiço foram algumas das variadas maneiras de resistir que podem ser apontadas, diante das leituras históricas. Este leque de

em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf>. Acesso em: 26 de fev. 2022.

¹³⁹ GRABOIS, Pedro Fornaciari. Resistência e revolução no pensamento de Michel Foucault: contracondutas, sublevações e lutas. In: *Cadernos de ética e filosofia política*, v. 2, n.19, fev. de 2011, p. 7 - 27. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/55736> >. Acesso em: 26 de fev. 2022.

¹⁴⁰ Ibidem.

¹⁴¹ REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. Tradução: Carlos Piovezani Filho, Nilton Milanez e Maria do Rosário Gregolin. São Carlos: Claraluz, 2005, p. 74. Disponível em: < <https://pt.slideshare.net/aprsantosufpe/revel-judith-foucault-conceitos-essenciaispdf>>. Acesso em: 26 de fev. 2022.

¹⁴² CERTEAU, *A Invenção do Cotidiano...* p. 94-95.

situações mencionadas, no Brasil, faz alusão à ocorrência dos movimentos negros, que começam a ser gestados ainda no período escravocrata, preconizando posturas de resistência ao mesmo.

Antonio Risério, ao propor um debate em torno da divisão da história dos movimentos negros, no Brasil, em dois momentos, utiliza como ruptura simbólica, entre eles, a campanha abolicionista, por toda sua representação e abrangência em termos de consequências, no que concerne às relações humanas e de trabalho. Primeiramente, a luta seria contra a condição escrava, do final do século XVI a meados do XIX.

De acordo com análise do antropólogo, o segundo momento da trajetória de tais grupos compreenderia manifestações, desde o início do século XX, até os primeiros anos do XXI. Recorrendo à abolição, como ponto de partida que justifique ações no tempo presente, ele menciona as “[...] reivindicações que, ainda hoje, e com intensidade notável, acham-se inscritas na agenda social brasileira. Pelo simples motivo que o Brasil ainda não concluiu a obra transformadora ali iniciada.”¹⁴³ A busca pela conquista de uma cidadania plena e pela diminuição dos desequilíbrios sociais e raciais norteariam esses posicionamentos.

Para Regina Pahim Pinto, configura movimento negro toda a luta dos afrodescendentes, no intuito de resolver seus problemas, decorrentes dos preconceitos de raça, na sociedade na qual estão inseridos.¹⁴⁴ Já observando a questão pelo ângulo de uma militância política mais contundente, tem-se a contribuição de Joel Rufino dos Santos, que deu a seguinte definição para o movimento negro:

[...] todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo [aí compreendidas mesmo aquelas que visavam à autodefesa física e cultural do negro], fundadas e promovidas por pretos e negros [...]. Entidades religiosas [como terreiros de candomblé, por exemplo], assistenciais [como as confrarias coloniais], recreativas [como “clubes negros”], artísticas [como os inúmeros grupos de dança, capoeira, teatro, poesia], culturais [como o Movimento Negro Unificado]; e ações de mobilização política, de protesto anti-discriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos, literários e ‘folclóricos’ – toda essa complexa dinâmica, ostensiva ou encoberta, extemporânea ou cotidiana, constitui

¹⁴³ RISÉRIO, Antonio. *A utopia brasileira e os movimentos negros*. São Paulo: Editora 34, 2007, p. 325.

¹⁴⁴ PINTO, Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*, São Paulo, Tese de Doutorado, FFLCH-USP, 1993.

movimento negro.¹⁴⁵

Naquele contexto pós-abolicionista, os negros começaram a se arregimentar e organizar em torno de discussões assentadas em um fator identitário que os reunia por meio da justificativa da raça. O intuito principal era sanar a marginalização social, cultural e educacional, que se explicariam em decorrência desse histórico segregativo que os permeia, inclusive com relação ao mercado de trabalho, que, quase sempre, mantinha suas portas fechadas para os não brancos.

2.1.2 O caso de São Paulo

Registros de movimentos negros perpassam boa parte da história do país, mas, a partir da Lei Áurea de 1888, eles começam a sair da clandestinidade e assumir um caráter cada vez mais expressivo. Tais formas de associações surgiram em função da segregação racial, que impedia a população em questão de frequentar certos locais, em várias regiões brasileiras. Diante desse cenário discriminatório, esses grupos tiveram de sobreviver, conforme eram ditadas as regras, porém, enquanto agentes históricos, eles se organizaram de modo a garantir uma forma de inserção na sociedade civil hegemônica.

O Clube dos Cutubas, enquanto fruto do seu tempo, em muitos aspectos pode ser melhor compreendido, quando inserido em um contexto macro, no que diz respeito à inclusão social, discussões raciais ou apenas entretenimento e assistencialismo. Tal conjuntura remete-nos a um panorama de múltiplas organizações, bem estruturadas e consolidadas, que emergiram como que em resposta a um processo de abolição, iniciado lá no século XIX, visando integração dos libertos à sociedade da qual fazem parte.

Impossível não se destacar o fato de que, no início do século XX, a situação tenha sido, então, ainda mais excludente com os afrodescendentes do que hoje, haja vista tratar-se de uma atmosfera envolta em discussões, sobre teorias de branqueamento racial e substituição da mão de obra negra pela do imigrante europeu. Como alertou Ana Lúcia Duarte Lanna, “de certa forma, para as autoridades, apagar a “mancha negra da nossa história” significa simplesmente esquecer o problema social representado pelo ex-

¹⁴⁵ SANTOS, Joel Rufino dos. Movimento negro e crise brasileira. In: SANTOS, Joel Rufino dos e BARBOSA, Wilson do Nascimento. (orgs). *Atrás do muro da meia noite; dinâmica das culturas afro-brasileiras*. Brasília: Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 1994, p. 157.

escravo.”¹⁴⁶

Partindo desta premissa, buscaram-se indícios de agrupamentos similares que se destacaram pelo êxito no processo de recrutamento da gente negra e mereceram, portanto, relevância no cenário acadêmico. Dito isto, chegou-se a três instituições de peso, nos anos em questão: a imprensa negra paulista, o Centro Cívico Palmares e a Frente Negra Brasileira, ambas de atuação em São Paulo, sendo esta última consideravelmente influenciada pelas outras duas mencionadas. Estaria o Clube dos Cutubas reverberando os ecos que os vizinhos paulistas reproduziam sobre as montanhas mineiras?

A Frente Negra Brasileira existiu de 1931 a 1937, mas, no âmago de suas motivações, pode-se perceber a influência de periódicos que já circulavam na década anterior, denunciando situações de racismo e alusões ao movimento Palmares, que, além de entidade recreativa, propunha-se, também, a um incipiente debate político. A FNB teria aprofundado, na década de 30, o que o CCP esboçara nos anos 20, uma vez que este tenha tido um tempo de vida útil entre 1926 e 1929. Assim sendo, dentre uma imensa gama de manifestações, a Frente Negra merece ênfase pela “arregimentação, e pela tentativa de estruturação orgânica dos quadros com uma liderança burocrática bem definida e com uma disciplina mais ou menos delimitada”, como foi bem observado por Florestan Fernandes.¹⁴⁷

A Frente surge em um momento de ebulição social, em que conflitos raciais demonstravam a substituição das teorias racistas de branqueamento pelo mito da democracia racial.¹⁴⁸ A forma como foi permitido a essas pessoas incluírem-se, de alguma maneira, entre os grupos hegemônicos, uma vez que estavam elas no centro de todo o debate acima citado, foi por meio de um discurso moralista, que visava libertar os afrodescendentes dos “vícios” que acompanhariam os mesmos. O próprio jornal oficial da FNB, “A Voz da Raça”, ilustrou essa questão em certa ocasião:

Segundo uma antiga máxima que simboliza uma verdade profunda, é a ociosidade a mãe de todos os vícios [...] Trabalhar para a grandeza do Brasil deverá ser o nosso lema, para que sejamos respeitados, e para isso é necessário guerra de morte ao álcool e a desmoralização de nossos bailes, que está arriscando a nossa raça e os nossos costumes,

¹⁴⁶ LANNA, Ana Lúcia Duarte. *A transformação do trabalho: a passagem para o trabalho livre na Zona da Mata Mineira, 1870-1920*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988, p. 75.

¹⁴⁷ FERNANDES, Florestan. *Significado do protesto negro*. São Paulo: Cortez, 1989, p. 73.

¹⁴⁸ OLIVEIRA, Laiana Lannes de. *A Frente Negra Brasileira: política e questão racial nos anos 1930*, Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em História), UERJ, 2002, p. 7.

prevenindo nossa mocidade, principalmente nossas mocinhas, que devido a isso estão sendo preteridas nos empregos em benefício das estrangeiras [...].¹⁴⁹

Com relação ao fato de São Paulo ter dado a largada, no que concerne a associações de cunho racial, deve-se levar em conta sua posição de pioneira no processo de industrialização no país. Característica essa que se encontra atrelada a peculiaridades econômicas locais, oriundas de seu significativo ciclo cafeeiro, que, por sinal, já se encontrava em decadência lá pela década de 1920. Este papel proeminente na economia e política nacionais configurou-se em um cenário de ruptura, às vésperas do alvorecer dos anos 1930, com a crise do café no mercado mundial e do capitalismo, de um modo geral.

Todas essas mudanças, acompanhadas do então recente fim da escravidão e os problemas de mão de obra que este causou, culminaram no recebimento de um grande contingente de imigrantes europeus, em solo brasileiro, nesta época. Sobre a questão da transição para o trabalho livre, particularmente na região do Oeste Paulista e a justificativa para a escolha do elemento europeu, Lanna é da seguinte opinião:

O estudo desta região é fundamental já que aí está o centro dinâmico das transformações que sofrem o Brasil neste momento. A associação do capitalismo comercial com o empresário agrícola e o desenvolvimento da industrialização são os marcos da transição do capitalismo em curso [...] A forma predominante dessa transição em São Paulo foi a utilização do imigrante europeu, com a substituição física do negro pelo branco. Existe todo um processo de constituição da nação que justifica esta forma de transição. O imigrante é compreendido como elemento que é capaz de “branquear” a nação, dar novo conteúdo ao trabalho manual, permitir o desenvolvimento com ordem e progresso.¹⁵⁰

2.1.3 O caso do Rio de Janeiro

No âmago dessas discussões, com o claro propósito de suprimir a contribuição cultural do elemento negro das narrativas oficiais do país, encontra-se a justificativa do propósito maior do que se convencionou chamar de Movimento Negro, em suas mais

¹⁴⁹ *A Voz da Raça*, São Paulo, 29 de jun. de 1935, n. 46, p. 4. Acervo Digital da Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=845027&pagfis=176>>. Acesso em: 14 de mar. 2022.

¹⁵⁰ LANNA, Ana Lúcia Duarte. *A transformação do trabalho: a passagem para o trabalho livre na Zona da Mata Mineira, 1870-1920*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988, p. 45.

diversas nuances. Uma dessas variações, o associativismo, foi por Petrônio Domingos classificado como “uma noção dinâmica, envolvendo um processo contraditório e conflitivo que combina resistência, assimilação e (re)apropriação de ações coletivas e formas organizativas para a defesa dos interesses específicos do grupo.”¹⁵¹

Associações de cunho racial paulistas são abundantes na historiografia, porém Domingues aponta vestígios delas, também, no Rio de Janeiro, ainda que se escassos. No tocante à capital federal à época da Primeira República, o historiador, por meio de uma investigação na imprensa carioca, detectou, na primeira década do século XX, ao menos três delas: *A Confederação Brasileira dos Homens de Cor*, de 1903, o *Grêmio dos Homens de Cor*, de 1909 e o *Centro Cívico Monteiro Lopes*, em finais do ano de 1910.¹⁵² A maioria delas, todavia, esvaiu-se dos noticiários, pouco tempo após o seu surgimento.¹⁵³

Também, na década de 1920, há indícios de informações sobre agremiações, até então desconhecidas academicamente, que o pesquisador conseguiu costurar, por meio do cruzamento de alguns fragmentos. É o caso da *Associação dos Homens de Cor*, de 1921 e o *Centro Patriótico Treze de Maio*, de 1929.¹⁵⁴

Expressões do associativismo negro no Rio de Janeiro, tais entidades demonstraram representar, nos achados de Domingues, finalidade educativa para seus associados, exaltação do status de liberdade e dos abolicionistas, garantia de entretenimento e, em alguns momentos, engajamento político, apesar de sua aparente curta duração.¹⁵⁵

No que tange às manifestações de conotação racial cariocas de um modo mais abrangente, cabe salientar, também, a dinâmica representada pelas redes de sociabilidades, vinculadas à figura de Tia Ciata e outros baianos de grande popularidade, na capital federal no final do século XIX e início do XX. Mais subjetivas em relação às associações negras propriamente ditas, as performances articuladas por eles não eram, porém, menos substanciais e significativas que os agrupamentos institucionais racializados.

¹⁵¹ DOMINGUES, Petronio. Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930). In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 34, n. 67, 2014, p. 251-281. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rbh/a/tVPZ74sD7FXPzSjrgh5BVtk/?format=pdf&lang=pt> >. Acesso em: 26 de fev. 2022.

¹⁵² *Ibidem*.

¹⁵³ *Ibidem*.

¹⁵⁴ *Ibidem*.

¹⁵⁵ DOMINGUES. *Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro...*

Conforme pontuou Helena Theodoro, quando de sua pesquisa acerca da comunidade baiana e das ialorixás, erradicados no Rio, estes se originam de comunidades terreiros na Bahia, chegando em levadas à capital federal, em uma espécie de diáspora que visava fomentar o tráfico interprovincial, quando do fim do tráfico internacional, em 1850.¹⁵⁶

Hilária Batista de Almeida, a baiana Tia Ciata, nasceu em Salvador, no ano de 1854, tendo chegado no Rio de Janeiro em 1876, já com 22 anos de idade. Figura emblemática na “Pequena África”¹⁵⁷, colônia baiana na cidade do Rio, ela simboliza todo o arcabouço de estratégias de resistência cultural às perseguições empreendidas contra o negro, após a emancipação representada pela Lei Áurea.¹⁵⁸

Seu esposo teria conseguido um emprego no gabinete do chefe de polícia, por meio da indicação feita pelo presidente da república, Wenceslau Brás, grato por ter vivido uma cura, por meio das rezas de Ciata.¹⁵⁹ Sua casa, deste modo, vai se tornando uma referência, tanto com relação ao terreiro ali funcionando, quanto no que concerne às festas. Tendo a música como uma de suas principais aliadas, a tia baiana, assim como outros de seu tempo, organizava eventos que se tornaram verdadeiros núcleos de sociabilidade negra em seu espaço, um reduto do samba e da negritude, naquele contexto.¹⁶⁰

Até o final de sua vida, no ano de 1924, Tia Ciata será bastante atuante nesta frente, valendo-se de seu protagonismo, espiritualidade ancestral e habilidades culinárias e artísticas, para, por meio de uma teia social conquistada, poder continuar contribuindo para a garantia da existência de sua gente¹⁶¹

De acordo com análise do pesquisador Roberto Moura aos depoimentos de João da Baiana, personagem lendário do samba carioca, acerca dos eventos no lar de Tia Ciata, aquele disse que, das festas, saía sempre um samba, que dava origem aos batuques e ao

¹⁵⁶ THEODORO, Helena. Guerreiras do samba. In: *Textos escolhidos de cultura e arte populares*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2009, p. 223-236. Disponível em: <http://www.tecap.uerj.br/pdf/v6/helena_theodoro.pdf>. Acesso em: 1º de mar. 2022.

¹⁵⁷ Tal denominação, “Pequena África”, fora utilizada por Heitor dos Prazeres, para se referir à região da cidade do Rio de Janeiro, que se localizava, desde a zona do cais do porto, até a Cidade Nova, tendo por capital a Praça Onze. Conferir MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca, 1995, p. 93.

¹⁵⁸ MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca, 1995, p. 96.

¹⁵⁹ *Ibidem*, p. 97.

¹⁶⁰ *Ibidem*, p. 99.

¹⁶¹ *Ibidem*, p. 114.

candomblé, por conseguinte.¹⁶² Nota-se, desse modo, a rede dinâmica de interação presente nesses encontros tão significativos para a manutenção da cultura negra naquela conjuntura, envolvendo a dança e a religião.

O contexto, conhecido na historiografia como “*Belle Époque* carioca”, foi marcado por uma ampla reforma urbana, empreendida pelo prefeito Pereira Passos, no ano de 1904, sob o comando do presidente da República Rodrigues Alves, visando tornar moderna a cidade do Rio de Janeiro. Capital federal à época, o local deveria ser a vitrine do Brasil, copiando os moldes refinados dos principais centros europeus, como Paris.¹⁶³

Como alertou Mônica Pimenta Velloso, um grande fosso cultural, entre o Estado e a sociedade, seria notado, neste princípio de século, em uma cidade na qual as autoridades e a burguesia vislumbravam modelos europeizados, não só esteticamente, como, também, nos costumes. Reduto considerável de afrodescendentes, no Rio de Janeiro de Pereira Passos, seria incompatível a coabitação da “Pequena África” com a “Europa Possível”, buscada por seus políticos, em concordância com a mentalidade eugenista em voga, conforme pontuou a historiadora. Eram realidades muito distintas e distantes.¹⁶⁴

Afinal, o espaço citadino era percebido, enquanto uma arena cultural simbólica, que se estabelecia no cotidiano, expresso por múltiplas territorialidades culturais. O urbano, na concepção modernizante, teria, assim, uma visão funcionalista, que pretendia fixar padrões de conduta que são inválidos, quando se fala em heterogeneidade de relações sociais, como era a realidade daquele Rio, fragmentado, neste aspecto.¹⁶⁵

Os negros baianos radicados no lugar por esta época, habitavam a cidade paralela a qual a modernidade queria suplantiar. Velloso conclui que “[...] dentro desse contexto é que vai vivificar a ideia de pertencimento ao pedaço, onde é clara para o grupo marginalizado a noção do “nós” e “eles”. O fato de pertencer a um espaço não traduz vínculos de propriedade (fundiária) mas sim uma rede de relações.”¹⁶⁶

Esta rede, enquanto estratégia de sobrevivência da cultura, incluía variadas

¹⁶² Ibidem, p. 93-94.

¹⁶³ VELLOSO, Mônica Pimenta. As tias baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, 1990, p. 207-228. Disponível em: <<http://academiadosamba.com.br/monografias/velloso.pdf>>. Acesso em: 26 de fev. 2022.

¹⁶⁴ Ibidem.

¹⁶⁵ VELLOSO, Mônica Pimenta. *A cultura das ruas no Rio de Janeiro (1900-1930): mediações, linguagens e espaços*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2004, p. 13.

¹⁶⁶ Ibidem, p. 207-228.

práticas do cotidiano, observadas na urbi, como relações comerciais, trabalho, música, festas, rodas de samba, manifestações religiosas, vizinhança solidária, dentre outras. Tratava-se de demarcar e defender seu *pedaço*, em posturas que, claramente, denotavam a resistência presente nas atitudes destes grupos excluídos. Conforme pontuou Roberto Moura,

Eram comuns essas atividades entre os baianos na Pequena África, alguns como Tia Ciata, com seu comércio de doces e aluguel de roupas, ou Tia Bebiana, com seu ofício de pespontadeira, organizando pequenas corporações marcadas pela solidariedade de laços entre seus membros, geralmente já ligados pela nação ou pela religião. A ausência da família nuclear é compensada pela vitalidade do grupo [...]. Durante alguns anos, principalmente os que se organizavam coletivamente, conseguem bons resultados, tornando-se simpáticos aos cariocas e tradicionais no mercado.¹⁶⁷

Dessa maneira, a população negra do Rio de Janeiro, seus principais ícones, sua organização e atuação, são percebidos, durante o período da Primeira República. Resistir de variadas maneiras foi necessário, para garantir que continuasse existindo sua herança cultural, nas gerações posteriores.

Se as agremiações físicas cariocas não tiveram tanto lastro acadêmico, a fama de Ciata, Bebiana, Carmem, dentre tantas outras, e toda a rede de apoio em torno delas, porém, marcaram um legado de luta simbólica, que reforma urbana nenhuma conseguiu conter. Sua trajetória encontra-se devidamente inscrita, posto que, a partir dos anos 1980, notou-se uma tendência historiográfica a interpretar essas mulheres como protagonistas no processo cultural que gestou a cidade do Rio de Janeiro.

Retomando o panorama nacional à época, conforme ele avança, Moura atenta para a gradual mudança sentida, também, no plano social, com relação ao grupo dos negros, dada a Revolução de 1930 e toda a transição na política. Segundo ele, essa parcela da população tratava-se de uma “[...] gente que progressivamente se integraria, a partir do processo de proletarização que se acentua no fim da República Velha e da redefinição de sua vida cultural, com a solidificação das novas instituições populares, legitimadas e submetidas pela legislação de Vargas.”¹⁶⁸

Dadas as circunstâncias, pondera-se o fato de que as notícias referentes à

¹⁶⁷ MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca, 1995, p. 69-70.

¹⁶⁸ Idem, p. 106.

arregimentação, engajamento e táticas dessas parcelas da população, em evidência nos grandes centros urbanos, já circulavam na primeira metade do século XX, tendo chegado, inclusive, à, nem tão pacata, cidade do interior mineiro. À luz desses posicionamentos mais expressivos, puderam os leopoldinenses, também, confrontar seus *apartheids* de cada dia, à sua maneira, porém, sem nunca sucumbir à obliteração cultural, imposta pelos setores dominantes.

2.2 O Clube dos Cutubas

Na iminência de completar um centenário de existência, no ano de 2025, o Clube dos Cutubas tem habitado com maior intensidade o imaginário da população leopoldinense, posto que sua diretoria atual demonstre se movimentar em prol do resgate de algumas tradições inerentes à agremiação.

Tanto sua jovem direção, quanto membros da velha guarda do clube, anseiam e realizam pequenas ações, no tempo presente, em busca de possibilidades de restabelecimento de atividades culturais que, outrora, animaram os salões do grêmio. Nesse sentido, podem ser citados projetos interdisciplinares, de escolas da cidade, em parceria com o Cutubas, que movimentaram, inclusive, as redes sociais da agremiação nos últimos tempos.

Por mencionar o setor educacional, também puderam ser notadas ações, visando reativar as memórias e as sociabilidades pretéritas do clube. É o caso do livro escrito pela professora Margareth Cordeiro Franklim, em 2014, que se propôs a contar a história do Cutubas, através da perspectiva do racismo estrutural, presente na sociedade leopoldinense daquela conjuntura, que ajudou a compor o pano de fundo do surgimento do clube.¹⁶⁹

Tentando reverter uma narrativa elitista, engessada até algum tempo atrás, certos indivíduos, do meio acadêmico ou não, demonstram posturas no sentido de ecoar vozes sufocadas pelo silêncio inquietante, acerca da população afrodescendente, atestado pelas instituições oficiais de memória.

Esta é uma tendência percebida, nas últimas décadas, como constatou Maria Solange Ribeiro, ao discorrer, acerca da ênfase que a temática do negro ganhou, a partir

¹⁶⁹ FRANKLIM, Margareth Cordeiro. *Cutubas: clube de negros, território de bambas - memória e patrimônio afrodescendente de Leopoldina/MG*. Belo Horizonte: Utopika Editorial, 2014.

dos anos 80, nos trabalhos historiográficos, quando dos cem anos da abolição da escravidão no Brasil¹⁷⁰. De lá para cá, teria surgido um considerável número de pesquisas acadêmicas, abordando o assunto que, antes, era mais escasso de ser constatado entre teses e dissertações. Já Antonio Risério recua um pouco mais no tempo e retoma a década de 1970 como propulsora de tais conteúdos, destacando os negromestiços. Segundo o pesquisador,

[...] salvo antropólogos, filhos e filhas-de-santa e um pequeno punhado de artistas e intelectuais, tínhamos todos apenas uma ideia muito vaga da natureza variada dos quilombos, de insurreições escravas urbanas e do significado de inquices, caboclos, voduns e orixás na vida de nosso povo. Naquela década de 1970, no entanto, negromestiços e ameríndios voltaram a ganhar visibilidade na cena social, política e cultural do Brasil. Uma visibilidade cada vez mais intensa [...]. época em que [...] se avolumaram, entre nós, os estudos, ensaios, pesquisas, panfletos, canções, produtos audiovisuais e poemas sobre o negro, as culturas de origem africana e a questão sociorracial em nosso país, depois de algum tempo de relativo silêncio sobre o assunto.¹⁷¹

Situado neste propenso resgate pela produção histórica dos sujeitos subalternizados, nos últimos tempos, encontra-se o interesse pelo passado da referida agremiação. Compreender a percepção que seus fundadores e associados tinham do mundo e as representações que nele exprimiam, sustenta o objeto desta pesquisa. Sobre esse aspecto, a historiadora Agata Bloch, ao analisar a trajetória da historiografia “vista de baixo”, pontua que

A história de subalternos nem sempre se refere à trajetória de grandes heróis que lideravam os grupos marginalizados. Nem sempre tem que representar a voz da resistência ou da luta contra a injustiça. Às vezes, estas são as histórias da sua vida cotidiana, da sua luta diária pela sobrevivência e para marcar o seu lugar na sociedade [...] ¹⁷²

Retomando o clube e suas peculiaridades, *Cutubas*, *Cutuba* ou ainda *Cotubas*, conforme verificada a grafia em alguns periódicos locais como a *Gazeta de Leopoldina*,

¹⁷⁰ RIBEIRO, Maria Solange Pereira. *O romper do silêncio: história e memória na trajetória escolar e profissional dos docentes afrodescendentes das Universidades Públicas do Estado de São Paulo*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001, p. 18.

¹⁷¹ RISÉRIO, Antonio. *A utopia brasileira e os movimentos negros*. São Paulo: Editora 34, 2007, p. 392.

¹⁷² BLOCH, Agata. A historiografia colonial “vista de baixo”: ameaça, uma abordagem nova ou complementar à história “vista de cima”? In: SILVA, Thiago Cedrez da; GANDRA, Edgar Avila; SIMÕES, Elvis Silveira (orgs.). *História em movimento: múltiplas abordagens*, v. 1. Porto Alegre: Casaletas, 2020, p. 10-25.

foi fundado em 1º de janeiro de 1925, com a finalidade de tentar sanar algumas demandas de seus frequentadores.¹⁷³ Por possuir maior quantidade de melanina na pele, estas pessoas não eram queridas, em muitos locais públicos da referida cidade, como praças e ruas; e também em alguns locais da iniciativa privada, tais quais renomadas escolas que contemplavam, não só o município, mas, também, a região da Zona da Mata mineira.

Sua gênese estaria relacionada com certas carências da expressiva gente negra, na mesma localidade, que, na maioria das vezes, era condicionada a posições inferiores no tocante ao campo empresarial. Projetar sua inserção social, ainda que de forma autônoma e, por vezes, complacente, fez-se necessário. No clube em questão, eles entrariam pela porta da frente, divertiriam-se e constituiriam diversos vínculos e formas de interação que ajudam, hoje, a contar a história pelas lentes do protagonismo negro, de fato, ali estabelecido.

Pensado e criado para divertir, ao longo da trajetória analisada, o clube chegou a se portar de forma assistencialista, tendo, porém, seu foco voltado para as atividades recreativas, com especial atenção aos desfiles carnavalescos. Por vezes, seus dirigentes encontraram-se, ora ajudando financeiramente seus colaboradores, ainda que por meio do perdão das dívidas das mensalidades atrasadas, ora promovendo o levantamento de fundos, para auxiliar nas obras da matriz da Igreja Católica local. Esse exemplo será observado pela leitura das atas de reuniões do clube, analisadas no próximo tópico deste estudo.

Criar laços de solidariedade é uma importante estratégia de defesa, quando o assunto são as agremiações negras, não somente no que concerne ao apoio mútuo entre os próprios associados, mas, também, no que diz respeito à dinâmica de poder que envolve a teia de relações em que a entidade está inserida. Em Leopoldina, não foi diferente, posto que, desde o início de sua existência, a sociedade observada manteve certa reciprocidade, tanto com lideranças operárias, quanto com mandatários locais, diretamente envolvidos com a política de então.

No caso paulista, Regina Pahim Pinto interpretou o associativismo negro, do início do século XX, como uma “tentativa de o negro formar um grupo étnico no sentido político e, assim, ganhar força e coesão para se colocar perante a sociedade e reivindicar

¹⁷³ RIGUETE, *Leopoldina sob a ótica do preto e branco nas páginas da Gazeta: Clubes Cutubas e Leopoldina – décadas de 20 e 30 do século XX...*

o seu espaço e os seus direitos”¹⁷⁴. Quanto ao Cutubas, pode-se considerar que, além das questões culturais, sociais e trabalhistas, seus fundadores demonstraram estar atentos, também, à necessidade de se defenderem em um cenário no qual se encontravam à mercê dos grupos hegemônicos. Muitas das vezes, essa defesa significava alianças, e não enfrentamento.

Sua conduta, entretanto, não deixou dúvidas, quanto a uma preocupação primordial, com os momentos de lazer e o comportamento adequado de seus associados, prezando, sempre, pela moral e os bons costumes a cada baile ocorrido nas dependências de seu recinto. Faz-se necessário aqui ressaltar que estamos nos referindo aos anos 1920, quando criar uma consciência nacional higiênica, visando o progresso do país, estava em pauta nas narrativas médicas, sanitárias, políticas e intelectuais. Preocupação esta que se estendia para além do físico e do mental da população, interferindo também no social.¹⁷⁵

Em um plano mais amplo, as medidas do branqueamento eram colocadas em prática de modo cientificamente legitimado. O que estava em foco, sugeria ser um projeto de inclusão que era gestado em torno de se delimitar, categoricamente, quem detinha o poder e as regras proferidas por parte desses grupos dominantes. As medidas visavam fazer com que o negro seguisse a cartilha moralizante imposta, na tentativa de minorar os prejuízos supostamente causados às outras parcelas da população, de acordo com a mentalidade racista da época.

As ações deviam ser educacionais e funcionar como ferramentas de saneamento dos males que afligiam o povo brasileiro, sendo que higiene e ordem social estavam intimamente relacionadas naquele contexto. Nos dizeres de Marta de Carvalho (1998, p. 467), “parece ser o objetivo dos adeptos ou simpatizantes do higienismo e da eugenia educar o maior número de pessoas por meio da divulgação sobre a maneira de viver considerada por eles ‘indispensável’ para o ‘melhoramento da raça’ e o progresso do país” (apud, JUNIOR; CARVALHO, 2012, p. 443).

O pensamento embasado no eugenismo, por vezes, ditou as regras excludentes que silenciaram, ou simplesmente ignoraram, os negros nas mais corriqueiras tarefas

¹⁷⁴ PINTO, Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Tese (doutorado em antropologia social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: 1993b.

¹⁷⁵ JUNIOR, Laerthe; CARVALHO, Eliane de. O discurso médico - higienista no Brasil do início do século XX. In: *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 10, n. 3. Rio de Janeiro, nov. de 2012, p. 427 - 451. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406756996005> >. Acesso em: 20 de jan. 2021.

cotidianas. Essas pessoas “tiveram de literalmente ‘rebolar’ e serem criteriosamente autênticas, para terem o mínimo de aceitação.”¹⁷⁶ Pode-se aqui aludir, uma vez mais, aos conceitos propostos por Michel de Certeau, quando, engenhosamente, sugere suas *táticas* e *estratégias*¹⁷⁷, percebidas nos mecanismos das relações humanas de dominação e subversão, que se aplicariam a estas parcelas marginalizadas da sociedade.¹⁷⁸ Assim como pontuado, também, por Monica Pimenta Velloso, utilizando-se desse mesmo arcabouço teórico, para caracterizar a conduta negra ao dizer que

[...] A estratégia de sobrevivência da cultura negra estrutura-se a partir do duplo jogo que implica a resistência e a acomodação. Era baseado nesta tática que o grupo buscava garantir a ocupação do espaço social urbano. Tal estratégia se expressaria sobretudo nas festas, nas danças e nos rituais que se fundamentavam na duplicidade, na capacidade de envolver o adversário, seduzindo-o para o jogo.¹⁷⁹

Longe de serem anômicos, os negros precisaram ressignificar os códigos sociais existentes, no intuito de mesclar uma forma de manutenção da sobrevivência com a subversão do sistema dominante e segregacionista. Inserir-se na sociedade de classes, portanto, pareceu ser um dos objetivos principais que norteou as articulações dessas pessoas, influenciando suas atitudes, decisões tomadas e seu comportamento na coletividade.¹⁸⁰

Local dos pretos por excelência, o Cutubas é a expressa representação da territorialidade daquela gente, que, por ele, manifestava forte sentimento de pertença, conferindo um valor cultural e imaterial ao seu legado. Simbolicamente, o clube possui um emblema, representado por um leão.

¹⁷⁶ RIGUETE, *Leopoldina sob a ótica do preto e branco nas páginas da Gazeta: Clubes Cutubas e Leopoldina – décadas de 20 e 30 do século XX...*

¹⁷⁷ CERTEAU, *A Invenção do Cotidiano...*

¹⁷⁸ RIGUETE, *Leopoldina sob a ótica do preto e branco nas páginas da Gazeta: Clubes Cutubas e Leopoldina – décadas de 20 e 30 do século XX...*

¹⁷⁹ VELLOSO, Monica Pimenta. *A cultura das ruas no Rio de Janeiro (1900-1930): mediações, linguagens e espaços*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2004, p. 58.

¹⁸⁰ DOMINGUES, Petrônio. *Protagonismo negro em São Paulo: história e historiografia*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019, p. 23.

IMAGEM 1 - O leão, símbolo do clube



Fonte: elaborada pela autora, em 15 de março de 2022.

A noção de representação proposta por Roger Chartier aplica-se aos signos do Cutubas e à dinâmica envolta em sua existência naquele campo social antagônico. Para o teórico, “[...] práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; [...] marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo [...]”.¹⁸¹

A garra e a força retratados pelo felino alegórico estariam evidenciados, também, na própria etimologia do termo, que personifica a sociedade, afinal, *cutuba* viria do tupi-guarani, significando, em seu sentido literal, “*o que fere*”, “*o cortante*”; podendo vir a ser traduzido como valente, inteligente, forte, ou, ainda, excelente, de acordo com o dicionário.¹⁸² Atualmente, o leão, imponente, adorna a parede ao fundo do salão dançante do clube.

No hall de entrada da sede social do clube, encontra-se a galeria dos ex-presidentes da instituição, incluindo os nomes representativos de seus pioneiros construtores, descendentes de homens valentes de outrora.¹⁸³

¹⁸¹ CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988, p. 23.

¹⁸² CONFERIR em: < <https://www.dicionarioinformal.com.br/cutuba/> >. Acesso em: 23 de abr. 2021.

¹⁸³ FRANKLIM, Margareth Cordeiro. *Cutubas: clube de negros, território de bambas: memória e patrimônio afrodescendente de Leopoldina – MG*. Belo Horizonte: Utopika Editorial, 2014, p. 12.

IMAGEM 2 - Galeria dos ex-presidentes do Cutubas



Fonte: elaborada pela autora, em 15 de março de 2022.

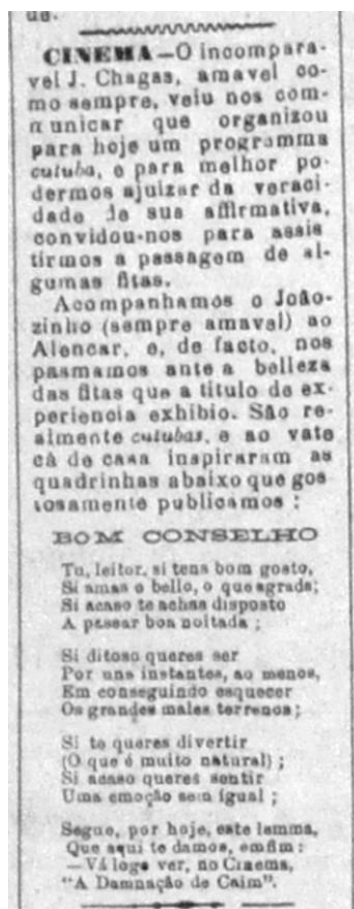
Como destacou Margareth Franklin,

No passado, para a comunidade negra recém saída da escravidão, o Clube dos Cutubas era o lugar para gastar as horas preciosas roubadas do trabalho nas fazendas de café, na estrada de ferro, nas fábricas de tecidos, na indústria pioneira de energia elétrica, na construção civil, nas casas de família.¹⁸⁴

Quanto ao nome escolhido para representar a instituição, importante aqui ressaltar o fato de que, pelo menos desde 1911, o termo já circulava por entre os cidadãos, compondo o vocabulário dos leopoldinenses. A fatídica constatação pode ser comprovada com a análise de um exemplar da *Gazeta de Leopoldina* para o ano em questão, que traz uma notícia acerca do então *Cine Alencar*, em que elogios são tecidos pelo redator aos filmes veiculados pela empresa, conforme se pode observar na imagem a seguir,

¹⁸⁴ Ibidem, p. 10.

IMAGEM 3 - *Cutuba*, em 1911, no jornal *Gazeta de Leopoldina*¹⁸⁵



Fonte: *Gazeta de Leopoldina*.

A leitura do texto noticiado acima corrobora o indicativo de que o vocábulo em questão era aludido, naqueles tempos, quando se pretendia caracterizar o que era “bom”, “de qualidade”, ou até mesmo “maravilhoso”. *Cutubas*, quatorze anos depois de qualificar os filmes reproduzidos pelo cinema da cidade, nomearia a agremiação que logrou reunir um grupo de negros, daquela localidade.

Um dos primeiros grandes desafios enfrentados pelos que compunham o clube das “pessoas de cor” foi no tocante às suas instalações, enquanto instituição física. Muitos de seus frequentadores, que descendiam daqueles que haviam participado da construção das grandiosas residências imponentes, que ornavam as ruas da cidade no passado, por ironia, batalhavam, naquele tempo, pela conquista de um local próprio, ainda não alcançado.¹⁸⁶

O clube tinha significados simbólicos para os membros que a ele pertenciam.

¹⁸⁵ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, 12 de nov. de 1911, n. 179, p. 1. Disponível em: Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina – MG.

¹⁸⁶ RIGUETE, *Leopoldina sob a ótica do preto e branco nas páginas da Gazeta: Clubes Cutubas e Leopoldina – décadas de 20 e 30 do século XX...*

Ainda assim, aquela gente ansiava e necessitava da concretude de paredes sólidas, onde pudessem dançar, discutir suas pautas, ensaiar o carnaval e desfrutar de modo ameno de seu tempo livre. Afinal, descontraír se fazia essencial, após a rotina diária de trabalho, independentemente da ocupação que exerciam.

Grande parte de seus membros fundadores era composta por pedreiros, marceneiros, carpinteiros, trabalhadores rurais, operários ou por aqueles que exerciam outras funções, no ramo da prestação de serviços.¹⁸⁷ Esses mesmos homens, com o próprio suor, reergueram o espaço que seria destinado a seu lazer, mas não sem antes amargarem, por muito tempo, a falta de um lugar físico, que pudessem chamar de seu, enquanto continuavam insistindo em existir como grupo.

Durante alguns anos, no início de sua trajetória, precisaram utilizar as casas dos próprios associados para as tomadas de decisões, sejam acerca dos desfiles de carnaval do ano em questão, dos bailes de micareme, ou de outras tantas festas que organizaram. Angariar fundos para a aquisição de uma sede exclusiva ao clube e outros assuntos inerentes à dinâmica de funcionamento da entidade, também, estavam entre os principais assuntos tratados, nas discussões em pauta.

Os encontros formais, que foram devidamente registrados e, hoje, encontram-se disponíveis, ajudam a desenhar a busca da construção de identidade traçada por aqueles homens e mulheres, quando, possivelmente, deu-se a consolidação do clube na cidade. Trata-se do momento em que o negro buscava sua inserção na sociedade, muitas vezes, por meio da resistência representada pelo clubismo, ou mesmo por meio das festas.

A casa do senhor Antônio José Alves, situada à, então, Rua das Flores, serviu deveras aos encontros dos associados. Irineu José da Silva, Virgilino da Silva, Sebastião Silva e Luiz Januário, também, foram alguns membros que cederam seus domicílios para a realização dos encontros. No ano de 1928, chegaram a dispor das dependências do prédio público do Cine Brazil [sic], “que só lhes deu prejuízo, ao alugarem por dois meses, a título de experiência”¹⁸⁸, conforme expresso em ata do dia 27 de maio do ano em questão.

Durante 1930, estiveram alojados no espaço cedido pela UBOL, União Beneficente Operária Leopoldinense, conforme consta em documento de 20 de março, do

¹⁸⁷ FRANKLIM, *Cutubas: clube de negros, território de bambas: memória e patrimônio afrodescendente de Leopoldina – MG...* p. 10.

¹⁸⁸ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 20 de mar. 1930, p. 25-27.

referido ano.¹⁸⁹ De 1931 a 1934, voltaram a alugar o espaço do Cine Brazil, mas a venda do prédio forçou-os a dar um passo mais ousado, obrigando a fazer, então, um empréstimo para a aquisição de uma residência, à rua Sete de Setembro¹⁹⁰, que seria o local de longos anos de existência, que perdura até os dias de hoje.

IMAGEM 4 - Fachada do Clube dos Cutubas



Fonte: elaborada pela autora, em 15 de março de 2022.

A casa simplória, cinza e discreta, fica localizada no mesmo logradouro que abrigava o “rival” e requintado Clube Leopoldina dos tempos passados, quando o Cutubas, também, experimentava seus melhores momentos. A alegria era compartilhada pelos frequentadores de ambos os endereços, na alegórica vizinhança, em noites de bailes, contando estes, porém, com limites espaciais bem definidos, de acordo com a cor do indivíduo.

Quanto aos sócios do Cutubas, torna-se pertinente reforçar que seus ancestrais, anteriormente, trabalharam, de forma árdua, nas plantações de café que fomentavam o estilo de vida sofisticado daqueles que frequentavam a agremiação vizinha, a mesma que negava o direito de participar de sua programação a quem fosse “de cor”, anos depois.¹⁹¹ Como bem pontuou Margareth Franklin, “no Clube Leopoldina os pretos não entravam, salvo fossem trabalhadores da limpeza ou músicos, e apenas pela porta dos fundos”¹⁹².

¹⁸⁹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 20 de mar. 1930, p. 25-27.

¹⁹⁰ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 05 de dez. 1934, p. 67.

¹⁹¹ RIGUETE, *Leopoldina sob a ótica do preto e branco nas páginas da Gazeta: Clubes Cutubas e Leopoldina – décadas de 20 e 30 do século XX...*

¹⁹² FRANKLIM, Margareth Cordeiro. *Cutubas: clube de negros, território de bambas: memória e*

Ao descrever a emblemática geografia da parte externa dos dois clubes, a pesquisadora registrou que “no espaço urbano a linha divisória que separa pretos e brancos é representada em suas dimensões simbólicas e materiais pela Rua Sete de Setembro”¹⁹³, pois, o edifício onde funcionou integralmente o Clube Leopoldina, no passado, fica do outro lado da rua. Saindo-se pelo portão de entrada do salão do Cutubas, basta atravessar a via e seguir alguns poucos metros, pela calçada, para se ter acesso à edificação de dois andares, com sacada imponente e fachada em estilo eclético, que abrigou a agremiação da elite financeira por tanto tempo.

O recinto, frequentado pelos brancos abastados do lugar, tem sua data de fundação em 04 de abril de 1926, quando o Cutubas já travava suas lutas pela sobrevivência há mais de um ano, imprimindo sua trajetória em outros pontos da cidade, sempre no afã de aquisição da sede própria, que só veio a ocorrer, em 1934. Atualmente, também resistindo à ação do tempo, o Clube Leopoldina encontra-se em funcionamento, porém, ocupando apenas a parte traseira da grandiosa e mencionada construção, sendo sua portaria acessada pela rua Lucas Augusto, naquelas redondezas.

2.3 Vozes esquecidas

2.3.1 Está na memória

A escolha pela abordagem da pesquisa a partir das atas de reuniões traduz-se pela importância que esses encontros sugerem, uma vez que são indicativos de uma consciência política presente e registros de memória. Tais documentos serviram, no passado, como inscrição formal das deliberações da diretoria e depósito de informações relevantes acerca de assuntos internos do povo negro que ali se aquilombava, no contexto segregacionista do pós-abolição, na cidade em questão.

O trabalho com a exploração desses escritos legados pelos fundadores e primeiros dirigentes do clube busca evocar, então, a construção referencial que fundamenta a existência da sociedade racial no local. Trata-se da tentativa de conferir a consolidação da identidade desse grupo, cujos membros compartilham, ainda hoje, lembranças coletivas e batalham por trazerem, à luz, seu devido reconhecimento.

patrimônio afrodescendente de Leopoldina – MG... p. 10.

¹⁹³ Ibidem, p. 9.

Essa luta, símbolo das reivindicações pelo direito à memória, foi muito bem pontuada por Luciana Quillet Heymann, ao dizer que “têm como objetivo reparar o silêncio e a invisibilidade que, muitas vezes, marcaram a vida dessas coletividades, e promover a sua integração à história da nação a partir de uma nova perspectiva.”¹⁹⁴

Quanto ao conceito de memória, no que tange à construção do grupo, Michael Pollak é da seguinte opinião:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, [...] em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade [...].¹⁹⁵

Pela ótica de Le Goff, no que concerne à memória, esta seria “onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro [...]”¹⁹⁶. De acordo com interpretação de Elsa Peralta, acerca do conceito de memória coletiva, desenvolvido por Halbwachs¹⁹⁷, e corroborando a teoria defendida por Pollak, o termo estaria diretamente ligado à dinâmica da concepção do grupo enquanto instituição. Conforme suas palavras,

[...] a função primordial da memória, enquanto imagem partilhada do passado, é a de promover um laço de filiação entre os membros de um grupo com base no seu passado coletivo, conferindo-lhe uma ilusão de imutabilidade, ao mesmo tempo que cristaliza os valores e as aceções predominantes do grupo ao qual as memórias se referem. [...] Halbwachs considera assim que a memória coletiva é o *locus* de ancoragem da identidade do grupo, assegurando a sua continuidade no tempo e no espaço.¹⁹⁸

¹⁹⁴ HEYMANN, Luciana. *O “devoir de mémoire” na França contemporânea: entre a memória, história, legislação e direitos*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 27 f, p. 3.

¹⁹⁵ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: < <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417> >. Acesso em: 1º de mar. 2022.

¹⁹⁶ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990, p. 478.

¹⁹⁷ Discípulo de Émile Durkheim, o sociólogo francês Maurice Halbwachs desenvolveu e aplicou o conceito de memória coletiva em três de suas principais obras. De 1925 a 1950, o teórico explorou o termo inserindo-o em suas pesquisas, com o intuito de demonstrar a forma como o passado é acionado nas lembranças relativas a grupos, sendo eles familiares ou não.

¹⁹⁸ PERALTA, Elsa. Abordagens Teóricas ao Estudo da Memória Social: Uma Resenha Crítica. In: *Arquivos da Memória: Antropologia, Escala e Memória*, n. 02 (nova série). Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa, 2007, p. 4-23.

No tocante aos fundadores do clube, seu livro de registros de reuniões é a expressão física dessa memória coletiva materializada no tempo presente. Quanto à análise dessas atas, que implica percorrer os fragmentos da trajetória passada dos primeiros dirigentes e frequentadores da agremiação, enquanto registros de memórias, Le Goff propõe a perspectiva do documento enquanto monumento. Em suas palavras,

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, das sociedades que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmitificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias [...].¹⁹⁹

Nessa ótica, que propõe a problematização da veracidade aparente dos documentos escritos, enquanto fontes de pesquisa, cabe ao historiador despir-se de conclusões ingênuas e desmontar os possíveis cenários presentes nos processos de construção aos quais os mesmos estão submetidos, ponderando as condições de produção desses registros.²⁰⁰

As atas de reuniões do clube têm muito a dizer, se analisadas com a devida cautela de um estudo, ancorado no confronto com outras fontes de pesquisa disponíveis sobre a época em voga, como jornais e entrevistas, por exemplo, e inseridas num contexto macro, livre de estereótipos, conclusões precipitadas e reducionismos.

2.3.2 As atas de reuniões do clube

As atas das reuniões do Cutubas, material que representa, além de importantes registros de memória do clube social negro, uma das principais fontes de pesquisa utilizadas para o estudo do mesmo, foram, através da atual diretoria da agremiação, buscadas, quando do início do processo acadêmico.

Ao iniciar a investigação prematura, envolvendo as fontes que seriam utilizadas

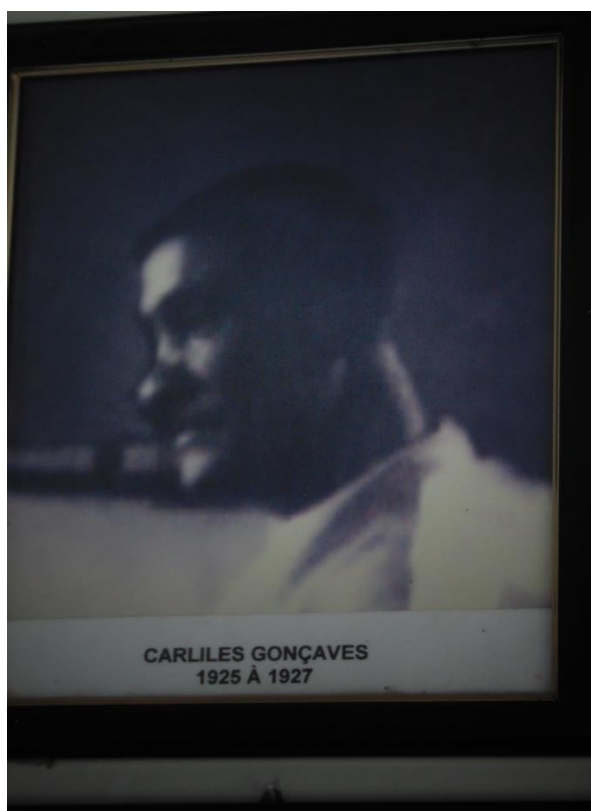
¹⁹⁹ LE GOFF, *História e memória...*

²⁰⁰ *Ibidem.*

para contar a história do clube, ainda durante a escrita do projeto de pesquisa, vasculhou-se brevemente os acervos concernentes à documentação antiga pertencente ao Cutubas. Pôde-se verificar, naquela ocasião, junto à direção do grêmio, que a única coleção de atas de reuniões, fisicamente, em posse da instituição, em novembro de 2019, era o livro referente ao período de 1948 até 1968.

Também se obteve, neste mesmo dia, a informação de que sobre os registros referentes aos primeiros anos de fundação do clube, não se tinha conhecimento de seu paradeiro, até aquele momento. Através da galeria dos ex-presidentes, afixada no corredor de entrada da agremiação, foi possível constatar-se que a pessoa de Carliles Gonçalves teria sido seu primeiro diretor, de 1925 a 1927.

IMAGEM 5 - Carliles Gonçalves, o primeiro presidente do clube



Fonte: elaborada pela autora, em 15 de março de 2022.

Segundo a atual presidência, o compêndio de atas concernentes ao recorte temporal de 1927 a 1935, em sua forma digitalizada, encontrava-se na Secretaria de Cultura Municipal de Leopoldina, não se tendo, até aquele momento, notícias do paradeiro certo do livro físico.

De acordo com os colaboradores daquela casa no tempo presente, nas figuras de Geraldo Neto, Gilmar, e o próprio presidente, Francisco, o material teria sido digitalizado,

recentemente, pelos acadêmicos da UEMG, unidade Leopoldina, sob coordenação do professor Inácio Frade, visando a preservação do mesmo.

Sua localização física, naquele momento, no entanto, carecia de investigação mais a fundo. O material, em arquivo, no formato pdf, solicitamente, foi disponibilizado, em questão de poucos dias, por Gilmar. Conforme situação pandêmica bastante restritiva no primeiro semestre de 2020, quando se começaram as etapas da dissertação, o andamento da pesquisa ateu-se à análise do material, apenas em seu formato digitalizado.

2.3.3 Atas de 1927

De acordo com o acervo que se tem em mãos, o dia 08 de março de 1927 foi quando se registraram, pela primeira vez, desde sua fundação em 1925, as atividades realizadas dentro das paredes simbólicas do clube, pois ainda não tinham uma sede física própria. As casas dos membros pertencentes ao grupo eram então utilizadas como locais das reuniões. O endereço do senhor Antônio José Alves, à Rua das Flores, centro de Leopoldina, por muitas vezes, sediou os encontros da direção e sócios do Cutubas.

Nesse princípio de análise, percebe-se que o modelo democrático mostrou-se uma constante, entre as deliberações dos diretores, que, mesmo frente à rigidez de suas normas internas, como será demonstrado ao final deste capítulo, acabavam cedendo e buscando a conciliação na resolução dos eventuais problemas. Quanto ao dia 08 de março, pode-se confirmar tal comportamento, ao observar que o senhor Mariano Guimarães pediu a palavra e leu um projeto sobre a mudança de cores da sociedade, que até aquele momento eram rosa e branco.²⁰¹

Após votação, no mesmo dia, ficou decidido que o tom cor-de-rosa permaneceria e adotariam também o verde. O mesmo apresentou, ainda, plano para montar uma lista a fim de angariar ações no valor de vinte mil réis, conforme moeda vigente à época do recorte temporal da pesquisa.²⁰² Atividades como essa denotam a intensa preocupação e o empenho em levantar-se um fundo, para a construção da futura sede da agremiação, que, após construída e em pleno funcionamento, arcaria com esses valores.

A participação do senhor Mariano era bastante ativa e este tinha considerável influência, dentro da sociedade, ao exercer o cargo de procurador. Prova disso é o fato de

²⁰¹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 08 de mar. 1927, p. 3.

²⁰² *Ibidem*.

ele ter apontado a necessidade de se mudar a diretoria do clube, então composta pelos senhores Adão Marcolino, no cargo de presidente, Osmar Penha, como vice-presidente e José da Silva, como secretário da agremiação.²⁰³

No dia 19 de maio aconteceu a eleição. Além da presença de Virgilino Silva, como 1º fiscal e Antônio José Alves, no lugar de 2º fiscal, houve participação de considerável número de associados, como fica claro pelos 18 votos computados. O resultado foi o seguinte: Maximiano Ramiro Ferreira venceu José Ignácio de Souza, por onze votos a sete. Este, por conseguinte, pela votação, tornou-se o vice, em detrimento do senhor Adão, o ex-presidente. Interessante observar que, se a intenção do requisitante era a renovação política dentro da sociedade, ele teve seu intento consolidado, pois perdeu o cargo de procurador para Aristides Modesto. Como secretário continuaria o senhor Avelino a exercer o cargo.²⁰⁴

Após os agradecimentos por parte da nova equipe, o líder eleito prometeu fazer todo o esforço necessário para continuar o trabalho em conformidade com a antiga liderança, frisando a importância da união em prol de se alcançar a prosperidade da instituição.²⁰⁵

No dia 29 de maio, novamente os associados reuniram-se, desta vez, para efetuar a posse da nova diretoria e solucionar algumas pendências existentes. Após terem sido empossados todos os selecionados no último encontro, colocou-se em pauta o caso do senhor Alfredo Pereira, o *baliza*.²⁰⁶ Integrante da agremiação que executava malabarismos com um bastão, abrindo caminho para o bloco da sociedade passar, durante os festejos carnavalescos, estaria ele sendo acusado de fazer “propaganda contra o clube”²⁰⁷.

Após a exposição do caso e da audição das opiniões de todos os presentes, decidiu-se pela demissão do indivíduo, frente à sua conduta suspeita. Teria havido, também, algum atrito com as moças participantes da associação, uma vez que foi designado o vice-presidente para se entender com elas, resolvendo o mal-entendido. Não fica claro, porém, o que de fato teria ocorrido.²⁰⁸

²⁰³ Ibidem.

²⁰⁴ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 19 de mai. 1927, p. 4-5.

²⁰⁵ Ibidem.

²⁰⁶ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 29 de mai. 1927, p. 6-7.

²⁰⁷ Ibidem.

²⁰⁸ Ibidem.

No dia 31 de maio, eles se reuniram, em caráter extraordinário. Tendo o senhor Alfredo Pereira entrado em acordo com o clube e esclarecido o mal-estar, envolvendo seu nome, este foi perdoado e readmitido para exercer sua antiga função. Foi aceito novamente, após questionamento das associadas, o cargo de “senhorita procuradora”²⁰⁹, que deveria ser preenchido por Minervina Alves.²¹⁰

Cuidaram ainda da criação de três listas que serviriam para uma missão de angariar sócios pela roça²¹¹, demonstrando o nítido desejo de expansão do projeto aglutinador, por parte dessas pessoas. É constatado, pela inexistência de atas referentes ao período, um hiato de quase cinco meses da última reunião para o encontro seguinte, que veio a acontecer no dia 8 de outubro. Esse se deu, principalmente, por conta da necessidade de se fazer a eleição para os cargos de tesoureiro e segundo secretário, dada a renúncia do senhor Garibaldi Cerqueira, então cuidador das finanças do grupo.²¹²

Aproveitou-se da ocasião para eleger, também, alguém que ficasse responsável por ajudar o senhor Avelino José da Silva, enquanto primeiro secretário. Feita a apuração, o resultado do pleito demonstrou a vitória de Manoel Arlindo Carneiro e Francisco Martins de Oliveira, culminando com o pedido de demissão de Avelino, ao passo que este tenha se sentido ofendido e desmerecido mediante a referida votação. Tudo se resolveu e ele voltou atrás de sua decisão, quando seus parceiros justificaram-lhe a criação do novo cargo, pelo motivo de existirem muitas atribuições, para um único secretário cumprir.²¹³

Ao final da reunião, trouxeram à tona assuntos relacionados ao acontecimento que o grupo mais apreciava e caracterizava, em grande parte, sua razão de existir: as festas. Foi definida uma comissão de homens para resolver a questão da música e outra para decidir sobre o uniforme que seria utilizado. Para essa última, como descrito no texto, poderiam ter a liberdade de convidar uma senhorita para compor o grupo.²¹⁴

Em 20 de novembro, a turma, novamente, reuniu-se, dessa vez, para discutir a questão do seu estatuto. Foi feita criteriosa análise e colocado em discussão, entre os participantes, cada artigo do referido documento, para serem realizados os ajustes necessários. A senhora dona Maria Benvinda foi nomeada para ser fiscal geral das moças

²⁰⁹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 31 de mai. 1927, p. 8-9.

²¹⁰ *Ibidem*.

²¹¹ *Ibidem*.

²¹² CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 08 de out. 1927, p. 10-11.

²¹³ *Ibidem*.

²¹⁴ *Ibidem*.

da sociedade.²¹⁵ Exatamente um mês após, aconteceu nova assembleia extraordinária, desta vez, tendo como finalidade principal a leitura final de seu conjunto de normas. Essa foi feita pelo senhor Manuel Procópio dos Passos, enquanto secretário interino, e teve aprovação de todos os presentes.²¹⁶

O senhor Avelino não compareceu nessa e nem na última reunião, por motivo de “força maior”²¹⁷, como descrito em ata. O presidente convidou Francisco Martins de Oliveira a “exercer”²¹⁸, ao passo que será notada sua participação mais efetiva nos encontros, desta data por diante, em todo o período abordado, como o redator oficial das atas seguintes.

O presidente, senhor Maximiano, incumbiu-se de levar os artigos do estatuto a serem registrados, devendo passar pelas mãos do “excelentíssimo senhor”²¹⁹ doutor Carlos Luz, o então prefeito de Leopoldina. Os pronomes de tratamento não eram economizados pelos componentes da direção do Cutubas, ao se referirem aos aristocratas leopoldinenses .

Terminados os assuntos mais burocráticos, passaram a tratar do baile do dia primeiro de janeiro de 1928, em que receberiam convidados de fora. O presidente pediu a todos que agissem com o máximo de boa vontade para que pudessem “levar a sociedade avante”.²²⁰

Dessa maneira, encerrou-se o ano de 1927, no livro de registros do Clube dos Cutubas. As principais lideranças da agremiação demonstraram estar dispostas a manter diálogo e relações de reciprocidade, com diferentes ramificações do meio urbano de Leopoldina. Alcançar um futuro de prosperidade para sua instituição dependia, diretamente, de cultivar vínculos estratégicos, no seu ciclo de amizades, fato que eles pareciam já haver compreendido.

2.3.4 Atas de 1928

Os membros do clube sofreram uma perda no início de 1928, com o falecimento

²¹⁵ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 20 de nov. 1927, p. 12.

²¹⁶ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 20 de dez. 1927, p. 13

²¹⁷ *Ibidem*.

²¹⁸ *Ibidem*.

²¹⁹ *Ibidem*.

²²⁰ *Ibidem*.

de seu sócio e 2º fiscal, senhor Antônio José Alves, ao qual foi atribuído um voto de pesar, no dia da primeira reunião do ano. Documentalmente falando, este ano para a sociedade começou no dia 27 de março, quando se encontraram para tratar da realização do micareme, evento comum naquele tempo. A festa fazia menção a uma espécie de carnaval fora de época.²²¹

Sobre o baile, não são dados maiores detalhes, nessa transcrição, apenas frisam que agiam de acordo com o estatuto, ao deliberarem sobre a estimada micareta. Como 2º fiscal, Luiz Januário foi nomeado, e para 3º, designaram Irineu José da Silva. Na sequência, puseram-se a discutir sobre as despesas do último carnaval, que classificaram como “muito acima da receita”²²². Tiveram então de desfaltar o caixa em trinta mil réis, dinheiro este retirado do fundo destinado à futura sede, o qual deveria ser criteriosamente repostos.²²³

O presidente aproveitou a ocasião para reforçar a necessidade dos associados se empenharem em conseguir aumentar as economias do clube. Às “gentis senhoritas”²²⁴ foi requisitado que trouxessem, nos próximos bailes, um pratinho de doces, a serem vendidos durante as festas. Maximiano ressaltou, por fim, que o que importava era “fazer dinheiro, ainda que fosse com a venda de flores”²²⁵. Cartões seriam impressos para as moças, sendo expressamente proibida a entrada daquelas que não possuíssem os mesmos.²²⁶

No dia 15 de abril, pela primeira vez, de acordo com as atas, puderam desfrutar de uma sede provisória, o antigo Cine Brazil, que teria sido alugado pela presidência do Cutubas. Foi feita leitura do estatuto, manuscrito, e foram realizadas modificações e adaptações em seus artigos. O selo do documento foi perdido, ao passo que se fez necessária sua transcrição e envio ao doutor Carlos Luz, para que fosse remetido a Belo Horizonte, a fim de registro.²²⁷

O assunto do aluguel do novo endereço voltou à cena das discussões em reunião do dia 27 de maio, uma vez que o alto valor da taxa vinha preocupando a direção do clube em demasia, pois já acumulavam uma dívida de duzentos contos de réis. Concluíram que a experiência só trouxe prejuízo aos cofres da instituição, tanto que voltaram a utilizar os

²²¹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 27 de mar. 1928, p. 14.

²²² Ibidem.

²²³ Ibidem.

²²⁴ Ibidem.

²²⁵ Ibidem.

²²⁶ Ibidem.

²²⁷ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 15 de abr. 1928, p. 15.

lares de seus sócios, neste mesmo encontro. Porém, a finalidade principal dessa assembleia foi a eleição dos novos membros que iriam compor a diretoria naquela gestão.²²⁸

A votação confirmaria a reeleição da chapa anterior, não havendo motivos para mais delongas, aqui, sobre o ocorrido, não fosse um detalhe um tanto quanto curioso relatado na ata. O fato é que o então presidente pediu para que se votasse livremente, porém, que apenas conservassem o nome do senhor Manoel Arlindo Carneiro na tesouraria. O presidente reiterou a importância de os associados manterem suas mensalidades em dia, o que não vinha acontecendo, de acordo com o mesmo.²²⁹

Seis meses passaram-se até que o grupo novamente se reunisse, no dia 25 de novembro, na casa do senhor Luiz Januário. A ata salienta, logo no início do texto, que o encontro contou com a presença de vários sócios e da senhorita Maria Silva, representando as demais sócias²³⁰, informação esta que vem alertar para a reduzida participação feminina nas reuniões, até aqui.

As decisões masculinas vão continuar pautando discussões importantes para o futuro do clube, mesmo tendo alguns resquícios registrados de reivindicações femininas, nesse sentido. Seguindo esta linha, foi lido um ofício do senhor Manoel Arlindo Carneiro, pedindo a renúncia do cargo de tesoureiro, por ter que se retirar da cidade. O mesmo foi convidado a continuar exercendo a função, haja vista ele ter permanecido no domicílio de origem.²³¹

Foram pedidos três votos de pêsames pelos falecimentos dos membros Eugênia Campos, grande defensora da sociedade, “saudosa e muito digna”²³², nas palavras do presidente; senhorita Maína da Silva, filha do associado Sebastião Antônio da Silva; e dona Alexandrina Cândida de Souza, mãe do vice-presidente do clube, senhor José Ignácio de Souza.²³³

Seguindo as deliberações, nomeou-se o sócio Maximiano Braga, para procurador, posto que o senhor Sebastião Ignácio Pereira “não preencheria os fins para os quais fora nomeado”²³⁴. Passando a falar sobre os bailes, decidiu-se que ficaria suprimido o cargo

²²⁸ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 27 de mai. 1928, p. 16.

²²⁹ *Ibidem*.

²³⁰ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 15 de nov. 1928, p. 17-18.

²³¹ *Ibidem*.

²³² *Ibidem*.

²³³ *Ibidem*.

²³⁴ *Ibidem*.

de porta-estandarte para o Carnaval. Foi nomeada uma comissão masculina, para tratar da festa popular e uma subcomissão, para angariar dinheiro na rua. Este último comitê poderia escolher, livremente, três senhoritas para compor o conselho responsável por arrecadar fundos.²³⁵

O vice-presidente ficou incumbido de tratar da música que seria tocada. No dia 28 de dezembro, seguinte, aconteceria um baile no clube, e combinou-se, então, de convidar as sociedades de Providência e Piacatuba, zonas rurais do município. Para a festa do dia 1º de janeiro, os convidados seriam os amigos de Recreio e Vista Alegre, desde que os rapazes estivessem comprometidos a pagar as entradas.²³⁶ Assim, encerrou-se mais um ano no livro de registros do clube dos Cutubas.

2.3.5 Atas de 1929

O dia 30 de maio de 1929 foi o dia da primeira reunião do ano, com grande número de sócios e a presença de todos os membros da direção.²³⁷ Importante aqui ressaltar que toda a época do carnaval, do ano em questão, passou, sem que tivesse havido registro de reuniões, para tratar das apresentações da sociedade, como de costume.

Os membros do Cutubas encontraram-se na casa do senhor Luiz Januário, para que se fizesse a apresentação de contas da diretoria em questão e realização de eleição e posse da nova equipe administrativa. Aproveitou-se o momento para a solicitação de que todos os presentes ficassem de pé e em silêncio, por dois minutos, em lembrança à saudosa dona Eugênia Campos, falecida no ano anterior.²³⁸

Em seguida, houve um agradecimento aos músicos da banda Santa Cecília, que gentilmente tocaram no baile sem receber pelos seus serviços. Nesse contexto, o senhor Alípio Assumpção, também, foi lembrado, uma vez que tivesse deixado de cobrar, por várias vezes, sua gratificação.²³⁹

Na sequência, foi anunciado o resultado da votação, que reelegeu a diretoria já em vigência, tendo à sua frente, o senhor Maximiano Ramiro Ferreira. O presidente

²³⁵ Ibidem.

²³⁶ Ibidem.

²³⁷ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 30 de mai. 1929, p. 19-21.

²³⁸ Ibidem.

²³⁹ Ibidem.

manifestou que pensava ser “um mau acerto essa continuidade”²⁴⁰, ao passo que, como apenas sócios, teriam muito mais a contribuir para a agremiação. Porém, diante da vontade geral revelada, eles aceitariam e fariam todo o possível que pudessem para a prosperidade do clube.²⁴¹

Fez-se a leitura de um agradecimento do doutor Agostinho Marciano de Oliveira, advogado, pelo recebimento de um cartão enviado pela comissão da presidência do Cutubas, no último dia 03, em razão de seu aniversário. O documento seguinte a ser lido foi um requerimento do senhor Avelino José da Silva, pedindo demissão do cargo de 1º secretário, função esta que já vinha exercendo por três anos, mas da qual, no entanto, precisaria se afastar, a partir daquele momento. Tal pedido não foi aceito pela assembleia.²⁴²

Instituiu-se uma fonte de renda, por meio do envio de cartas de felicitação, no dia do aniversário de cada amigo da sociedade, que, ao receber tal mimo, deveria retribuir, doando algum “auxílio” ao caixa da instituição. Uma comissão feminina foi formada para cuidar da entrega dos cartões, até o dia 31 de dezembro, composta pelas associadas Maria Silva, Maria de Lurdes e Altina Vidal.

O senhor Avelino propôs que se criasse uma tómbola e o senhor Irineu José da Silva pediu que a entidade ficasse incumbida de pagar ao sócio executor de serviços “acima de suas posses”. Ambas as sugestões foram aceitas. Essa atmosfera envolta em uma dinâmica organizacional que busca estratégias garantidoras da manutenção da agremiação remete-nos a Mônica Velloso, quando diz que “devido à experiência da privação e da exclusão social, o grupo emprega grande parte de sua energia participativa no empenho de esforços destinados a ampliar e desdobrar seus espaços de atuação.”²⁴³

No encontro seguinte, que aconteceu no dia 17 de novembro, foram tratados os arranjos sobre os festejos de carnaval do ano que viria. O presidente iniciou as discussões falando sobre o pagamento das mensalidades.²⁴⁴

Havia relato de pagamentos atrasados e, mediante este fato, como dispunha o próprio estatuto da sociedade, a suspensão do senhor Pedro Amadeu foi levada à votação.

²⁴⁰ Ibidem.

²⁴¹ Ibidem.

²⁴² Ibidem.

²⁴³ VELLOSO, Mônica Pimenta. *A cultura das ruas no Rio de Janeiro (1900-1930): mediações, linguagens e espaços*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2004, p. 31.

²⁴⁴ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 17 de nov. 1929, p. 22-24.

Foram computados 10 votos, a favor de que fosse dada nova chance ao membro citado, e esses partiram de dona Maria Benvinda e seus filhos, dona Porphira e senhor Irineu. As manifestações em prol do clube sobressaíram-se, afinal, 14 pessoas optaram pela privação do sócio inadimplente de continuar envolvido nas atividades corporativas. Não foi mencionado o tempo de punição dispensado pela instituição ao associado devedor.²⁴⁵

O episódio descrito acima vem destacar dois pontos a serem observados. O primeiro deles é considerar que os EUA e o mundo viviam os efeitos devastadores gerados pela falência da Bolsa de Nova York²⁴⁶, em outubro de 1929. Com a grande crise do capitalismo, a economia dos municípios mineiros, ligados à cafeicultura, sofreria grande abalo, que não tardaria a ser sentido, principalmente, entre os mais desprovidos.

Guiando-se pelo estatuto, o afastamento do membro em débito seria uma decisão incontestável. Porém, o presidente, comovido com a dificuldade financeira de seu parceiro e tentando resolver a pendência com um desfecho favorável ao colega endividado, conduziu a situação de forma complacente, propondo um pleito popular.²⁴⁷

Apesar de não ter sido suficiente para mudar o rumo da decisão, o fato vem demonstrar que, mesmo diante da enorme necessidade monetária do grupo, acolher ainda deveria ser uma das prioridades. Boa parte dos presentes, inclusive seu próprio líder, mostrou que não fazia sentido excluir alguém em uma instituição que foi criada, exatamente, para fazer frente a uma latente segregação que era dispensada à sua gente.²⁴⁸

Importante aqui ressaltar que essa premissa de comportamento excludente e/ou sua contestação, vez ou outra, serão notadas na retórica da diretoria do clube, em alguns momentos específicos. Tanto com relação aos inadimplentes, quanto no que concerne à questão das mulheres, o desconforto fez-se sentir, em determinadas situações.²⁴⁹

O senhor Maximiano Ramiro concentrou sua fala nas fantasias que seriam utilizadas no carnaval de 1930, que, segundo o mesmo, deveriam ser, “um pouquinho elevadas”²⁵⁰, em relação às anteriores e teriam de ser usadas por todos os foliões. Maximiano Braga foi da opinião de que as roupas deveriam ser feitas por uma só

²⁴⁵ Ibidem.

²⁴⁶ Sobre o *crash* da bolsa de valores norte americana, vale a leitura da obra produzida por Ivan Sant’Anna, que, além de escritor, possui formação em mercado de capitais pela Universidade de Nova York. Ver: SANT’ANNA, Ivan. “1929: quebra da Bolsa de Nova York - a história real dos que viveram um dos eventos mais impactantes do século”. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

²⁴⁷ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 17 de nov. 1929, p. 22-24.

²⁴⁸ Ibidem.

²⁴⁹ Ibidem.

²⁵⁰ Ibidem.

costureira, alegando terem sido, as do desfile do ano em questão, muito desiguais. Esta menção é o primeiro indício registrado de que realmente a participação do clube nas comemorações da folia carnavalesca no ano de 1929 é documentalmente comprovada, apesar das ausências de reuniões comprobatórias.²⁵¹

Por sugestão do 1º secretário, Avelino José da Silva, devia-se procurar gastar menos com a música, ao passo que, em outros cordões, os músicos tocavam por valores bem menores do que foi pago pela sociedade, até mesmo gratuitamente. Foi formada uma comissão central, composta de nove moças, sendo elas: Maria Sebastiana, a diretora; Maria José; Maria de Lurdes; Maria Roza; Sebastiana Lopes; Odália dos Santos; Mariazinha e Filhinha. A nona senhorita não foi informada pela ata em questão.²⁵²

O senhor José Elias seria dispensado do contrabaixo e se aproveitou para convidar o senhor Alípio a ficar responsável pelo instrumento durante os bailes carnavalescos, o qual aceitou com agrado. Discutiui-se ainda a formação de uma comissão para o contrato dos músicos, formada pelos senhores José Ignácio, Alípio e Maximiano Braga. Maria Sebastiana, na chefia da comissão feminina, sugeriu que, para baliza, ou mestre-sala do desfile, fosse escolhido um homem solteiro. Para porta-estandarte, sua opção era a dona Porphira.²⁵³

Foi citado que já se encontrava na Câmara um requerimento com o pedido de terreno para a futura sede. Por opinião do senhor Avelino, um baile deveria ficar marcado para o dia 24 de dezembro. Francisco Martins e Irineu José da Silva pediram a palavra ao final da assembleia, para lembrar aos presentes que o presidente daquela agremiação possuía uma quantia em dinheiro, emprestada à sociedade e que esta deveria ser paga, de acordo com a renda adquirida, principalmente nos bailes. Foi colocado que Maximiano “não dizia nada porque tinha acanhamento em dizer”²⁵⁴, mas que todos estivessem cientes da dívida.²⁵⁵

Uma observação a se destacar é o fato deste encontro ter contado com grande número de participantes. Além dos nomes já citados acima, fizeram-se presentes, tendo assinado uma lista de chamada, Leonídia A. de Jesus, Maria Silva, Maria Rita, Joventina de Oliveira, Sebastiana dos Santos, Risoleta A. Jesus e Eugênia Campos. Importante aqui

²⁵¹ Ibidem.

²⁵² Ibidem.

²⁵³ Ibidem.

²⁵⁴ Ibidem.

²⁵⁵ Ibidem.

ressaltar que cabe investigação sobre esta Eugênia, se seria filha da mencionada falecida, de nome idêntico. Quanto aos homens, os senhores Victor Mathias, Irineu Silva, Virgilino Silva, José dos Santos, José Egydio, José Martins, Felismino Silva e Armando Silva, também, compareceram.²⁵⁶

2.3.6 Atas de 1930

A primeira ata de 1930 é de uma reunião ocorrida no dia 20 de março, na sede provisória da União Beneficente Operária Leopoldinense, UBOL. A assembleia foi promovida, principalmente, com o intuito da organização do micareme do referido ano, conforme constava no artigo 21º, do estatuto da sociedade, parágrafo 2º, de acordo com texto da ata.²⁵⁷

Com relação à festa, o presidente reiterou a importância de que as senhoritas demonstrassem boa vontade em angariar dinheiro, afinal, o que se arrecadou no carnaval, não foi suficiente para bancar as despesas necessárias. Foi preciso retirar 80 mil réis do caixa, quantia essa que deveria ser rapidamente repostada, para que não se descontrolassem as finanças da associação. Ficaria suspenso, a partir da data da reunião, o cargo de fiscal das moças, permanecendo apenas o profissional responsável por supervisionar os homens.²⁵⁸

O senhor presidente aproveitou a ocasião para se queixar do fato de não estar se entendendo com as senhoritas, pois, segundo o relatado em ata, “tudo que elle (sic) pedia aos rapazes era ouvido, e que as moças não havia meio de concordar, de forma alguma”²⁵⁹. Ele, então, ameaçou deixar a direção, se esta situação assim permanecesse, exigindo o respeito que a posição hierárquica lhe conferia.²⁶⁰

Ao começarem as discussões sobre a troca da porta-estandarte para as comemorações do micareme, que aconteceria no Sábado de Aleluia, o senhor João Ovídio expressou sua opinião, contrária à substituição. Segundo o mesmo, a senhorita Maria Silva deveria preencher o posto, caso contrário, ficaria “muito feio”²⁶¹ para a sociedade.

²⁵⁶ Ibidem.

²⁵⁷ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 20 de mar. 1930, p. 25-27.

²⁵⁸ Ibidem.

²⁵⁹ Ibidem.

²⁶⁰ Ibidem.

²⁶¹ Ibidem.

Foi pedido para a referida moça que demonstrasse boa vontade, tendo ela respondido que “desfilaria com o coração cheio de entusiasmo”²⁶². Toda a discussão se deu no intuito de apaziguar uma situação de desentendimento que ocorrera entre ela e o baliza, senhor José Pacífico. Este se queixou de não haver sintonia, quando o mesmo tentava ensaiar os passos com a menina.²⁶³

José, ao dar ordens a ela, queria obediência incondicional, afinal, segundo ele, “era comandado pela música e ela (a porta-estandarte) era mandada pelo baliza”²⁶⁴. Como Maria resistiu a se submeter às regras dele, este veio a público manifestar sua insatisfação. O senhor Maximiano pediu que tudo ficasse resolvido, devendo José ter paciência e levar em consideração que a moça não tinha prática, e que Maria fizesse por onde honrar o nome da agremiação.²⁶⁵

O senhor Avelino sugeriu que o cordão desse novamente uma volta na rua, naquele próximo evento. Ficou, ainda, decidido sobre fornecer cartões para cada integrante do grupo, quando estes estivessem em salões alheios. O mesmo ficou combinado com os outros foliões. O senhor Felismino, responsável por arranjar os músicos, pediu que outro o substituísse na função, no ano seguinte, pois precisava descansar. A decisão foi postergada.²⁶⁶

Em 29 de maio, de acordo com o artigo 20º, do estatuto do Clube dos Cutubas, seus membros reuniram-se na UBOL, para apresentação de contas, eleição e posse da nova diretoria, conforme mencionou o título da ata. No decorrer da leitura do documento, constatou-se que a mesma gestão anterior foi mantida, com exceção do cargo de procurador, que ficou em aberto. O presidente agradeceu, pediu união de toda assembleia e lembrou a morte do saudoso senhor José Santos. Em sua memória foram feitos dois minutos de silêncio, com todos ficando de pé, em consonância com o pedido do falecido membro em vida.²⁶⁷

O pedido de demissão do senhor Avelino José da Silva, cerca de um ano atrás, ainda não havia sido homologado, pois a assembleia geral não concordava com a decisão. Precisavam resolver a situação do 1º secretário. A leitura da ata observada leva a crer que

²⁶² Ibidem.

²⁶³ Ibidem.

²⁶⁴ Ibidem.

²⁶⁵ Ibidem.

²⁶⁶ Ibidem.

²⁶⁷ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 29 de mai. 1930, p. 28-30.

como os demais membros não aceitaram sua saída, o mesmo viu-se pressionado a ficar, pois, de acordo com o registro, “[...] então pediu a ele se concordava com a opinião da assembleia, e este para não saltar por cima dos estatutos aceitou [...]”²⁶⁸.

Por proposta do senhor João Ovídio, todas as senhoritas deveriam entrar com determinada quantia em dinheiro, de vez em quando. Apesar de se tratar de uma sugestão, foi pedido que as moças tivessem boa vontade para com a sociedade que representavam. Para tanto, tratou-se da realização de um baile que ocorreria no mês de junho, ocasião em que as jovens mulheres colocariam em prática os meios de arrecadação de fundos para o caixa.²⁶⁹

Elas ficaram incumbidas de organizarem estratégias, como recolhimento da contribuição de suas outras colegas, que ainda não houvessem se manifestado, e programarem a venda de donativos e cartões, durante a próxima festa. O senhor Felismino voltou a se manifestar, ao final desse encontro, dizendo-se muito cansado e indisposto a continuar executando suas funções. Novamente, seus apelos não foram atendidos por aquele grupo.²⁷⁰

Em 30 de novembro de 1930, a coletividade negra da cidade de Leopoldina voltaria a se unir²⁷¹. Foi a primeira ata registrada da coleção, em que se percebeu que a reunião não pôde ter andamento por conta do reduzido número de participantes.

A intenção era de que se discutissem os festejos carnavalescos do ano seguinte, principalmente, mas faltaram, inclusive, membros da diretoria. Segundo consta no documento, não era permitido, perante o estatuto prosseguir, pois havia um número mínimo de integrantes a ser considerado, o qual não é especificado. O presidente fez os procedimentos de praxe, pediu que os poucos presentes assinassem o livro e suspendeu a sessão, declarando que só haveria baile, no dia 1º de janeiro subsequente.²⁷²

2.3.7 Atas de 1931

A única ata existente para o ano de 1931 refere-se a um encontro, ocorrido em 22 de novembro, para tratar do carnaval do ano seguinte. O local em que ocorreu tal reunião

²⁶⁸ Ibidem.

²⁶⁹ Ibidem.

²⁷⁰ Ibidem.

²⁷¹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 30 de nov. 1930, p. 30.

²⁷² Ibidem.

é citado como sede social do clube, porém não é identificado o endereço, em vez disso, foi deixado um espaço em branco no lugar do nome da rua. Tal detalhe aponta para a hipótese de não estarem eles, utilizando mais as dependências da UBOL, para se reunirem.²⁷³

É percebido um certo abatimento da Sociedade Carnavalesca dos Cutubas nestes quase 7 anos de existência. Apontamento este sugerido por alguns indícios, sendo o primeiro deles o episódio, ocorrido na última reunião, marcada há aproximadamente um ano, que não pôde acontecer, pela falta de participantes. Também, foi constatado o desejo de alguns de seus membros não quererem continuar a colaborar de forma mais efetiva para o andamento da agremiação, pedindo afastamento ou demissão.²⁷⁴

O registro de 1931 vem corroborar esta narrativa de desânimo, uma vez que fica explícito, bem no início de seu texto, que havia dúvidas por parte da direção, quanto a fazer o baile de carnaval em 1932. O presidente levantou a questão e deixou a par dos associados presentes resolverem, ao passo que todos optaram pela realização da festa. De acordo com Maximiano, a festa não custaria tanto aos bolsos da sociedade, quanto antes, pois haveria maior facilidade, desta vez, com relação ao salão e à luz. Essas mudanças podem estar relacionadas com a troca de seu endereço.²⁷⁵

Conforme solicitações manifestadas anteriormente, o senhor Felismino finalmente estava demitido. A assembleia geral, contrariada da decisão, viu a oportunidade para apelar pela volta de seu estimado colaborador e contaria, para isto, com a ajuda das senhoritas. O fato é que as moças já estavam adaptadas a serem ensaiadas por ele, e não desejavam uma substituição. Deram a ideia de o convidarem de volta. Levariam uma carta de aprovação por parte da diretoria. Estava, também, a cargo das mesmas montarem uma comissão para monitorar as listas, quando saíssem às ruas, provavelmente, no intuito de angariar doações.²⁷⁶

Mais um indício da preocupação com o futuro da agremiação é manifestado por sua liderança majoritária, ao questionar a inexpressiva participação dos sócios em seu último encontro e ameaçar deixar a sociedade, se assim continuassem a proceder. Diante do momento delicado, estratégias que visavam aumentar a empolgação de seus membros começaram a ser planejadas. Foi nesse contexto que o senhor Victor Mathias pediu a

²⁷³ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 22 de nov. 1931, p. 31-33.

²⁷⁴ *Ibidem*.

²⁷⁵ *Ibidem*.

²⁷⁶ *Ibidem*.

palavra e sugeriu que cada diretor trouxesse sua família para os encontros. O presidente incumbiu, então, cada membro de convidar outros para trazer ao clube.²⁷⁷

Começou-se então uma discussão a respeito da composição da dupla de baliza e porta-estandarte. Maximiano cogitou a hipótese de ser formado por duas moças, e não um rapaz e uma senhorita. Fica aqui subentendido que já havia acontecido algum problema por conta desse arranjo de dançarinos, pois, em reuniões passadas, chegaram a sugerir que o mestre-sala não poderia ser um homem casado. E, dessa vez, alguns membros eram da opinião de que se teria “mais liberdade”²⁷⁸, tratando-se de duas mulheres. Porém, decisão tão destoante do costume tradicional não foi, pela maioria, consentida, que preferiu seguir o conservadorismo do senso comum e compor o casal por um homem e uma mulher.²⁷⁹

A respeito do aluguel da bateria, foi discutido sobre cobrarem uma taxa de 10 mil réis pelo empréstimo, sendo o locatário responsável por pagar os estragos, caso estes acontecessem. O senhor Avelino José da Silva, entretanto, não concordou, dizendo que poderiam alugar por um valor maior. Assim encerram mais uma reunião e mais um ano no livro de atas da agremiação, com o seu presidente, reforçando, uma vez mais, a importância do comparecimento nos encontros e comprometimento de seus associados para o futuro daquele grupo. Ele finaliza com a seguinte frase: “só a união faz a força”.²⁸⁰

2.3.8 Atas de 1932

No dia 21 de fevereiro de 1932, às 13 horas, a direção do clube reuniu-se para tratar dos festejos do micareme daquele ano, de acordo o estatuto que regia a instituição. O encontro aconteceu na sede social daquela agremiação, não sendo informado, novamente, o endereço.²⁸¹

O evento contou com grande número de sócios e, inclusive, dos ex-colaboradores, senhores Virgilino e Adão Marcolino. Foi feito o comunicado da demissão de Avelino José da Silva e pronunciado o convite a Avelino Teixeira, para ocupar o cargo de 2º secretário, o qual foi aceito. O presidente declarou que precisaria descansar durante o mês

²⁷⁷ Ibidem.

²⁷⁸ Ibidem.

²⁷⁹ Ibidem.

²⁸⁰ Ibidem.

²⁸¹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 21 de fev. 1932, p. 33-35.

de maio, mas que continuaria como sócio no período. Foi exposto que, por motivo de doença, o senhor Geraldo César não poderia dançar no Sábado de Aleluia, razão pela qual a diretoria tenha solicitado o senhor Jacy Caetano, para preencher a vaga. Já o senhor Armando Silva manifestou vontade de mudar a porta-estandarte.²⁸²

Decidiu-se modificar a cor do diadema, ornamento utilizado nos festejos, que deveria ser branco, a partir de então. Ficou combinado, também, que iriam registrar em imagens aquele baile, tirando retratos. Os membros, em sua totalidade, deveriam adquirir uma fotografia, ao menos, no valor de 5 mil réis cada, para compensar o trabalho do profissional. Todos os que ali estavam presentes concordaram.²⁸³

Encerrado o assunto, o senhor João Ovídio pediu ao maestro que ensaiasse as músicas em casa, para adiantar o expediente no salão. Já Irineu José da Silva solicitou a palavra, ao fim das deliberações e se desculpou, por suas impertinências, não sendo específico, entretanto, quanto à natureza da situação que causou o arrependimento por ele manifestado. Não havendo mais nenhuma questão a tratar, a sessão foi encerrada.²⁸⁴

Em 17 de abril, deu-se uma reunião em razão do estabelecimento de um firmado com o senhor José Saturnino, que ficaria responsável pelo banjo, adquirido pela sociedade. Iriam fazer, também, algumas modificações com relação à realização dos bailes. O encontro, diferentemente do primeiro do ano, aconteceu à noite, às 20 horas, e serviu, também, como oportunidade para a realização de uma espécie de contrato, entre o cavalheiro mencionado e a instituição.²⁸⁵

Finalizado o acordo, deu-se sequência à discussão, que correu em torno da dinâmica dos próximos eventos que a associação promoveria, naquela cidade. Por ideia do senhor Armando, deveriam acontecer dois bailes e, nesses, sorteios de prêmios, para os rapazes e para as senhoritas. Sem dispor de muitas despesas, seriam confeccionados cartões à mão, os quais seriam vendidos. Quanto aos brindes ofertados, para as moças, em 2º lugar ganhariam mais três números para continuar concorrendo; já em 1º lugar seria oferecido um objeto de valor, dependendo esse da venda dos cartões. Os homens teriam direito a dançar gratuitamente no baile seguinte, sendo o mais sortudo, presenteado com uma gravata ou uma abotoadura.²⁸⁶

²⁸² Ibidem.

²⁸³ Ibidem.

²⁸⁴ Ibidem.

²⁸⁵ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 17 de abr. 1932, p. 36-38.

²⁸⁶ Ibidem.

Todo o dinheiro arrecadado seria destinado ao próximo carnaval, devendo ser poupado ao máximo. Fariam as experiências em um baile no dia 23 seguinte.²⁸⁷ Atitudes como as transcritas acima nos ajudam a compor o quadro estratégico, adotado pela sociedade, para angariar fundos e se manter em funcionamento. Além de todas as opções de renda já descritas pelas atas, fica comprovado que os bailes, também, eram cobrados.

2.3.9 Atas de 1933

Ocorreu reunião em 12 de março, por conta da organização do micareme. Dessa vez, a festa não aconteceria na rua, restringindo-se aos limites do salão daquele grêmio recreativo. Ficou combinado de o mesmo conjunto, que já havia tocado no carnaval, animar o baile vindouro. Dentre outros atributos, os frequentadores do Cutubas admiravam, bastante, tal banda, pelo fato de terem feito a trilha sonora, durante os três dias de folia momesca, recebendo apenas pequenas gratificações. Foi feito um agradecimento, por parte do presidente, àqueles profissionais.²⁸⁸

Ressaltou-se que se alguém desejasse saber a respeito da movimentação financeira da sociedade, que se dirigisse à residência do tesoureiro, pois este estaria disposto a expor todos os gastos e economias. Neste ínterim, aproveitou o senhor presidente para lamentar o fato de a associação estar muito parada e salientar que, todavia, as poucas atividades realizadas estavam devidamente registradas por escrito.²⁸⁹

Alguns assuntos, demonstrando certa falta de estímulo, por parte dos diretores, em prosseguir com a sociedade, foram tratados neste momento da reunião. As falas deixaram transparecer que as coisas não iam muito bem e que o encerramento das atividades do clube e seu consequente fim poderiam estar sendo cogitados por sua diretoria naqueles tempos. O presidente disse, por exemplo, que “a sociedade agora só contava com os amigos do coração, principalmente veteranos.”²⁹⁰

Possivelmente, essa fala tem sua origem na precária participação de seus membros, constatada nos últimos atos deliberativos daquela equipe. Foi dito, ainda, que tinham, anteriormente, intenção de continuar com o contrato do salão, somente até acontecer o carnaval, porém, resolveram renovar com o senhor Sabino Campos, para

²⁸⁷ Ibidem.

²⁸⁸ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 12 de mar. 1933, p. 40-41.

²⁸⁹ Ibidem.

²⁹⁰ Ibidem.

experimental por mais uns tempos, “até ver”²⁹¹, segundo palavras do diretor. O senhor Ovídio fez um questionamento sobre a resposta da Companhia Cosmo, deixando a dúvida sobre o fato de tal referência ter relação com um possível local a ser alugado pelo Cutubas.²⁹²

Já em 25 de maio, a equipe juntou-se para tratar dos assuntos do carnaval de 1934, que teria uma comissão composta pelos senhores Mário Malaquias, Carliles Gonçalves, Armando Silva, Roberto de Souza Filho, José Ignácio de Souza, José Augusto, Nestor Maximiano e José Martins.²⁹³

A ata registrou somente que todos teriam de começar a trabalhar, o quanto antes, em prol da festa cogitada, organizando sorteios, bailes e tudo o mais que garantisse o retorno de determinada renda para o clube. Foi lida, também, pelo presidente, uma carta de Mário Malaquias, a respeito da compra de um piano. Não havendo nada mais a tratar, desta maneira, finalizaram aquele resumido encontro.²⁹⁴

Agosto representou o mês em que se encerrou o contrato que havia sido firmado com o senhor José Saturnino, em abril, do ano anterior, pois, no dia 27, houve uma rápida reunião para oficializar o rompimento. Daquele dia em diante, o até então depositário do banjo do clube não teria mais certas obrigações e exclusividade com a sociedade. O Cutubas o convidaria, quando fosse necessário utilizar seus serviços, com o instrumento musical.²⁹⁵

O senhor Arlindo Reis, no dia 18 de dezembro, esteve reunido com a direção daquela organização, para oficializar um contrato de prestação de serviços, com a entidade, afinal, ficara vago o cargo de músico, antes ocupado pelo senhor Saturnino. O combinado foi que, por cada baile tocado, o artista deveria entregar à sociedade o valor de seis mil réis.²⁹⁶

Todo o compromisso de consertar as cordas arrebitadas e outros reparos no instrumento ficaria a cargo do Cutubas, tendo o músico apenas a obrigação de tocar e zelar pelo mesmo. Quando houvesse tocata particular, deveria ser revertido ao clube o valor de vinte por cento do preço cobrado.²⁹⁷

²⁹¹ Ibidem.

²⁹² Ibidem.

²⁹³ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 25 de mai. 1933, p. 42.

²⁹⁴ Ibidem.

²⁹⁵ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 27 de ago. 1933, p. 39.

²⁹⁶ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 18 de dez. 1933, p. 43.

²⁹⁷ Ibidem.

É notável a percepção de que o ano de 1933 tenha sido decisivo para o Cutubas, afinal, ao que tudo indica, seus membros tiveram de dispor de paciência e criatividade, para manterem a sociedade de pé, naqueles tempos de dificuldades internas. Se a situação se abrandaria depois, o trabalho árduo da sociedade vem demonstrar que a resiliência e a garra percebidos, em destaque no povo negro, foram fundamentais para a persistência do clube.

2.3.10 Atas de 1934

Após um ano de incertezas, o modo como passaram a ocorrer as reuniões viria a demonstrar que a animação com o clube voltara a mover seus associados. Em matéria de constância na realização dos encontros e frequência de seus membros, a agremiação conseguiu resultados nunca antes percebidos em seu livro de atas. A assiduidade e o comprometimento foram tamanhos que chegaram a acontecer até 5 reuniões no mês, e, por mais de uma vez, como serão aqui demonstrados os meses de maio e junho, por exemplo.²⁹⁸

Na reunião do dia 4 de março, combinaram de se reunir, preferencialmente, às sextas-feiras, a partir de então. O presidente deixou claro que tencionava fazer a prestação de contas das despesas do carnaval, mas que, por falta de tempo, esta não se realizaria naquela data, estando o tesoureiro prontamente disposto a elencar os gastos para quem assim o desejasse.²⁹⁹

Iniciaram, então, o debate, a respeito do micareme, ao que o senhor Felismino Silva foi da opinião de que apenas dançassem, evitando gastos desnecessários. Todos concordaram com o mesmo, porém, decidiram pela saída do cordão à rua, ao que deveriam começar logo os ensaios. José Ignácio contrataria a música, momento em que o presidente questionou se havia alguém conversado com o senhor José Sabino, afinal, somente ele tinha direito nos bailes.³⁰⁰

Em 11 de março, estiveram alguns membros do Cutubas novamente agrupados. Felismino propôs que se implantasse, no salão, as ideias da “embaixada do prazer”³⁰¹, não sendo possível, contudo, definir do que se tratava tal recomendação.

²⁹⁸ Ibidem.

²⁹⁹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 04 de mar. 1934, p. 44-45.

³⁰⁰ Ibidem.

³⁰¹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 11 de mar. 1934, p. 46.

O senhor José Ignácio apresentou o preço orçado pelos músicos, correspondente aos ensaios e à tocata na rua, para dois bailes, sendo trinta e cinco mil réis cada, valor aprovado pelos presentes. Só faltaria chegar a um acordo com relação ao maestro e à bateria.³⁰² Só tornariam a se ver no dia 23 do mês em questão.

O cordão da sociedade deveria sair no sábado e no domingo. O diretor aproveitou para dizer que precisaria se mudar de cidade, logo após a festa programada; portanto, seria necessário que se fizessem propagandas para a eleição, que ocorreria em 08 de abril. Os membros presentes foram: Roberto de Souza Filho, Felismino Silva, Agostinho Silva, Nestor Maximiano, José Martins, José Augusto e Francisco Martins.³⁰³

No domingo seguinte, dia 25, a diretoria julgou indispensável a realização de uma reunião extraordinária, O senhor José Ignácio de Souza, assumiu a posição de presidente, de forma temporária. A comissão formada para cuidar da folia fora de época novamente marcou presença, apenas com a ausência dos senhores Maximiano Ramiro Ferreira, o atual presidente, e Roberto de Souza Filho.³⁰⁴

Por ideia do senhor Nestor, a comissão “devia ser composta só de homens, que dizimpenhavam (sic) todo serviço, quer interno como externo”³⁰⁵, segundo palavras do escrivão.

Quanto à vaga da presidência, o senhor Felismino indicou os senhores Antônio Augusto e Alípio Assumpção. Já por ideia de José Ignácio, deveria concorrer o senhor Antônio Custódio. Francisco Martins defendia a candidatura de Nestor Maximiano.³⁰⁶

Em 8 de abril, o grupo esteve reunido para a eleição do presidente. O encontro que, de acordo com o registro em ata, contou, também, com a participação de amadores, teve abertura com o senhor Maximiano Ramiro, fazendo seu discurso de despedida. Ele se mostrou, substancialmente, grato às “graciosas senhoritas”³⁰⁷, que, ainda por palavras do mesmo, sempre souberam respeitar todos os mandatos e regulamentos. Aquele líder lembrou, também, da gentileza do Senhor José Peres, ao ceder gratuitamente o cômodo, para que os associados fizessem os trabalhos carnavalescos.³⁰⁸

Em seguida, foi feita a apresentação do patrimônio material que a sociedade

³⁰² Ibidem.

³⁰³ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 23 de mar. 1934, p. 47.

³⁰⁴ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 25 de mar. 1934, p. 48.

³⁰⁵ Ibidem.

³⁰⁶ Ibidem.

³⁰⁷ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 08 de abr. 1934, p. 49-50.

³⁰⁸ Ibidem.

possuía: um piano; cinco bancos; dois estandartes, sendo um oficial; um armário; uma bateria; uma caixa para depósito de água e canos de chumbo. Procedeu-se o pleito e fez uso da palavra o senhor doutor Agostinho Marciano de Oliveira, que concedeu o resultado. Alípio Assumpção, o vencedor, obteve 39 votos. Nestor Maximiano assumiu a posição de vice, tendo alcançado o segundo lugar na votação, com 25 manifestações a seu favor.³⁰⁹

Antônio Augusto conquistou 21 votos e Antônio Custódio, apenas 03. Este placar vem demonstrar o grande número de pessoas que compareceram na ocasião, coisa que não acontecia fazia tempo. O senhor Maximiano foi muito elogiado pela assembleia, por todo o trabalho prestado e pela dedicação à sociedade.³¹⁰

O novo presidente tomou posse e foi aplaudido. Ele pediu a palavra e chamou a atenção dos presentes, principalmente das senhoritas, para que continuassem sempre unidas e obedientes, a fim de que se pudesse continuar elevando o nome do clube na cidade de Leopoldina e região. Reforçou a fala, dizendo que faria tudo que estivesse ao seu alcance, para levar a associação adiante, mas que precisaria contar com a boa vontade de todos.³¹¹

Essa fala do presidente recém-eleito, com relação ao comportamento das moças, vem reforçar, uma vez mais, a mentalidade masculina, expressada por membros da diretoria sobre elas, na década de 1930, logicamente, seguindo uma tendência macro. As mulheres que faziam parte daquele grupo, apesar de já terem apresentado indícios do que seria uma reação de resistência ao comportamento sexista expressado, há muito andavam caladas, realmente obedecendo, sem questionar.

A conversa foi finalizada com um convite do novo presidente, para que todos comparecessem a um baile que aconteceria na véspera da partida de Maximiano Ramiro da cidade. A festa foi proposta como prova de amizade, ao que os associados deveriam prestigiá-lo e com presença massiva. O doutor Agostinho fez mais elogios ao amigo que partia e ergueu um viva à Sociedade dos Cutubas, em desejo de que ela seguisse sempre avante.³¹²

Em abril, só aconteceu mais uma reunião, no dia 20, ocasião em que estiveram presentes os membros José Ignácio de Souza, Agostinho Silva, Nestor Maximiano,

³⁰⁹ Ibidem.

³¹⁰ Ibidem.

³¹¹ Ibidem.

³¹² Ibidem.

Avelino José da Silva, Alípio de Assumpção e Francisco Martins.³¹³

Foi formada uma comissão de 12 membros que seria presidida por Francisco Martins, para ir ao baile de Cataguases. Faziam parte do grupo 06 senhoritas, em possível alusão ao fato de que a nova presidência pretendia se mostrar mais inclusiva com as moças do que a gestão anterior. Os restos dos tecidos do carnaval seriam vendidos nos bailes em mafuás, espécie de feiras de prendas, por ideia do senhor Felismino Silva, enquanto que as madeiras seriam todas guardadas. O senhor Antônio Augusto foi nomeado como 2º secretário do Cutubas.³¹⁴

No dia 4 de maio houve reunião. O assunto principal dizia respeito à senhorita Maria Escolástica, que teria sido afastada da sociedade. A moça não tinha aceitado a decisão da diretoria e se queixou com sua madrinha, a senhora Olga Guimarães, muito estimada por todos do clube. Dona Olga argumentou em defesa da afilhada, dizendo que “uma moça não se podia cortar de uma sociedade, salvo se fosse motivo de disorde [sic], e que assim a moça ficaria sem o menor prestígio perante o povo do lugar”³¹⁵, segundo o trecho transcrito em ata.

O senhor presidente ponderou o motivo da decisão a respeito do caso da Escolástica, que julgou não ser tão prejudicial ao clube. Visando agradar a todos ele resolveu, junto aos outros membros, “dar a liberdade novamente na sociedade”³¹⁶.

Alípio Assumpção, nova liderança daquela casa, expôs que havia uns rapazes desejando alugar o salão no dia 13, para um baile. Decidiu-se aceitar e cobrar o pagamento adiantado, para evitar aborrecimento. Em seguida, fez-se a apuração do concurso de rainha, sem que, todavia, tenham-/na concluído. Finalizaram-se as discussões.³¹⁷

O dia 11 de maio foi a data do encontro seguinte, em que se tratou da organização da comissão oficial para ir a Cataguases. Agostinho Silva, Antônio Baiano, José Ignácio de Souza, Nestor Maximiano, José Augusto e Alípio de Assumpção foram os nomeados. Conforme combinado no mês anterior e fazendo valer a representação feminina, designaram-se as senhoritas Maria José, Lurdes Porphira, Maria Bernabett, Risoleta de Jesus, Honorina e Lurdes da Silva para, também, comporem o grupo.³¹⁸

³¹³ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 20 de abr. 1934, p. 51.

³¹⁴ *Ibidem*.

³¹⁵ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 04 de mai. 1934, p. 53.

³¹⁶ *Ibidem*.

³¹⁷ *Ibidem*.

³¹⁸ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 11 de mai. 1934, p. 54.

Definida a questão da comissão, conversaram sobre o baile do dia 12, cujo salão havia sido alugado para terceiros, pois, no dia 13, o próprio Cutubas daria uma festa naquele espaço. Ficou combinado que, a partir de então, qualquer indivíduo que desejasse utilizar aquele local, mediante pagamento, deveria fazê-lo, ao começar o evento, e não ao final.³¹⁹

Em 18 de maio, a apuração do concurso foi adiada. O presidente do clube expôs que já tinha mandado um ofício para Cataguases, no intuito de resolver os trâmites da viagem, devido a alterações apresentadas em seu preço. Combinaram de fazer o convite ao senhor Mário Malaquias, para tocar pelo preço de 10 mil réis, desde que este ficasse até a meia noite.³²⁰

Quando a assembleia reuniu-se, no dia 25, os presentes já iniciaram a conversa falando a respeito da construção do trono para a coroação da rainha do clube, naquele ano. Passou-se, então, a discutir a ideia do senhor Francisco

Martins, de organizar uma comissão oficial de quatro senhoritas para convidar os senhores Francisco Gama, Antônio Moura, professor Nelson e doutor Agostinho de Oliveira, como paraninfos da festa de sua majestade.³²¹

No dia 28 de maio, a associação novamente esteve reunida. O presidente ressaltou a todos os presentes o fato de o salão do clube estar sendo muito requisitado para ser alugado. Mediante essa demanda, deveriam estabelecer um preço padrão. Fato que deixou contrariado o senhor Francisco Martins, tendo este argumentado não ser viável fixar um valor, já que os operários “pertenciam a partidos diferentes”.³²²

Esse discurso demonstra a procura da classe proletária, que parecia compor os próprios frequentadores, ou parte deles, pelo aluguel do salão do clube. A fala deixa transparecer, ainda, apesar da falta de detalhes, que a menção referiu-se a posicionamentos políticos diversos, os quais deveriam ter tratamentos diferenciados. Qual seria o partido com o qual a direção do Cutubas simpatizava-se?

Dando sequência à discussão, passaram a discorrer sobre o assunto de duas senhoritas que haviam sido suspensas do grêmio, pois as mesmas, Maria e Rozinha, andavam insatisfeitas e reclamando da atitude da diretoria. Após todos os presentes serem consultados, chegou-se à conclusão de que a primeira poderia voltar a frequentar a

³¹⁹ Ibidem.

³²⁰ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 18 de mai. 1934, p. 55.

³²¹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 25 de mai. 1934, p. 56.

³²² CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 28 de mai. 1934, p. 52.

sociedade, mas a outra, não, pois sua mãe havia feito “mau juízo”³²³ dos diretores.³²⁴

A primeira ata do mês de junho, no dia 02, reflete os detalhes do tão comentado baile da coroação da vencedora, ocorrido naquele dia. Tratava-se de um sábado que se iniciou pelos senhores Antônio Moura, Professor Nelson, Dr. Francisco Gama e Dr. Agostinho Marciano de Oliveira, sendo convidados por uma comissão de senhoritas a apadrinharem a solenidade.³²⁵

Quanto às vencedoras, Lurdes Porphira ficou em primeiro lugar e Maria José, em segundo. Esta, a princesa do clube, a partir daquele momento, coroou sua colega mais votada, a nova rainha do Cutubas. As senhoritas Leonídia, Nazaré, Déca, Bernabett, Francisca, Anunciata, Nadir, Lurdes da Silva, Nêga, Lica, Leontina, Lurdes Xavier e Honorina foram escolhidas como damas. Um deslumbrante baile encerrou a noite da coroação.³²⁶

A próxima reunião deu-se no dia 15 de junho. O senhor Alípio alertou o grupo para que começassem logo os preparativos do carnaval de 1935 e, para tal, nomeou como presidente da comissão dos festejos o colaborador Nestor Maximiano. Antônio Custódio e Sebastião Maximiano seriam convidados a auxiliarem-no nas decisões.³²⁷

Foi exposto o pedido do senhor José Bitelão de fazer um contrato com o Cutubas, para poder dar bailes, utilizando o salão, sempre que quisesse, como que um acordo de exclusividade. Decidiu-se que o que teriam a oferecer era o aluguel de seu espaço, quando esse estivesse disponível, por 40 mil réis, para aquele cavalheiro.³²⁸

O presidente delegou seu cargo ao senhor Nestor Maximiano, pelos dias 16 e 17, pois o mesmo teria de se ausentar da cidade. A justificativa da curta viagem foi a de que Alípio se encontraria envolvido com tocata nesse período, em São Martinho, lugarejo pertencente à zona rural de Leopoldina.³²⁹

Exatamente uma semana após, em 22 de junho, os membros do clube se agruparam, para, uma vez mais, resolverem assuntos internos. José Martins e Agostinho deram início à propaganda do primeiro baile que seria dado por eles, em 07 de julho.³³⁰

³²³ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 28 de mai. 1934, p. 52.

³²⁴ *Ibidem*.

³²⁵ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 02 de jun. 1934, p. 57-58.

³²⁶ *Ibidem*.

³²⁷ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 15 de jun. 1934, p. 58-59.

³²⁸ *Ibidem*.

³²⁹ *Ibidem*.

³³⁰ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 22 de jun. 1934, p. 59-60.

Foram lidas as cartas dos senhores Sebastião Maximiano (o jovem) e Antônio Custódio, em resposta ao convite a eles endereçado, acerca de assumirem cargos de responsabilidade na comissão carnavalesca do clube para aquele ano. O convite foi aceito.³³¹

Francisco Martins, secretário, ao presidir o debate, salientou sua observação de que a ausência das senhoritas damas vinha desagradando os homens. Ele propôs que se mantivesse o senhor Roberto Souza como porteiro, por mais algum tempo, comprometendo-se, ele mesmo, a auxiliar na fiscalização. Na falta de detalhes, subentende-se que, por algum motivo referente à segurança ou ainda à honra daquelas mulheres, elas haviam deixado de poder frequentar livremente os bailes, naquela época.³³²

A boa conduta e a vida regrada são exigências que recaem sobre os afrodescendentes há tempos³³³. Gomes, ao observar os diversos símbolos da identidade negra, destaca que “o apelo ao comportamento ordeiro e aos bons modos como imagens desejadas do negro sobre si e sobre os componentes do seu grupo étnico/racial vem de longe [...]”³³⁴

Em 24 de junho, houve nova reunião. O presidente da agremiação fez um comunicado, advertindo sobre a falta de assiduidade dos sócios, em momentos burocráticos como aquele, posto que isso acarretava danos ao andamento das resoluções referentes à sociedade.³³⁵

Decidiu-se que todos os instrumentos e objetos pertencentes ao Cutubas não seriam mais emprestados a ninguém, somente podendo ser utilizados dentro da sede, quando em caso de aluguel. Essa circunstância valeria somente por meio da restrição de que fossem manuseados apenas pelos músicos da associação, a partir daquele momento.³³⁶

A comissão reuniu-se novamente, no dia 29 de junho, no intuito de prosseguir as

³³¹ Ibidem.

³³² Ibidem.

³³³ Cabe aqui ressaltar o fato de que não somente aos negros eram exigidos a normatização e o adestramento, afinal, no século XIX, a obrigatoriedade da conduta regrada já havia sido imposta aos brancos, também, quando abundaram manuais de civilidade, dirigidos a eles, aqui no Brasil. Acerca de tal assunto, consultar RAINHO, Maria Teixeira do Carmo. A distinção e suas normas: leituras e leitores dos manuais de etiqueta e civilidade – Rio de Janeiro, século XIX. In: *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, v. 8, n. 1-2, 02 de jan. de 2012, p. 139-152.

³³⁴ GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020, p. 157.

³³⁵ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 24 de jun. 1934, p. 61.

³³⁶ Ibidem.

resoluções, acerca do carnaval vindouro. O assunto principal em pauta deu-se em torno dos cortes de gastos desnecessários. Sugestões para que se gastasse menos, com serviços e compras de materiais, pipocaram pelo salão, frente à assembleia ali reunida.³³⁷

Por ideia do senhor Nestor, por exemplo, “a comissão devia trabalhar com a máxima economia, e que só ganharia aquele que se encarregasse de fazer todo serviço dos carros”³³⁸. De acordo com José Ignácio, os objetos pertencentes à sociedade não deveriam ser doados a qualquer pessoa, mesmo os que não estivessem sendo utilizados naquele momento.³³⁹

Já José Martins discorreu sobre a possibilidade de ser arranjado um mafuá, revertendo-se cinquenta por cento do valor arrecadado para a fundação da futura sede do Cutubas. Por fim, o membro da agremiação apresentou sua sugestão de que o grupo tirasse fotografias em frente aos carros, ao que se comprometeu a providenciar a confecção de cartões de convites para seus bailes. O que sobrasse da arte venderia para a comissão.³⁴⁰

Nova reunião deu-se em 13 de julho. O foco da conversa esteve em torno de se arranjar um cômodo para alojar o clube e, também, acerca da posse para a construção da sede, pois teriam de desocupar o local por eles utilizado em breve. O assunto começou após o presidente ter feito a leitura de uma carta, do senhor Salvador Rodrigues, dono do antigo Cine Brazil. Ele disse, no documento, que já havia vendido a propriedade para Acácio Serpa.³⁴¹

Senhor Alípio, a liderança maior daquela casa, mencionou já ter conversado com o comprador a respeito do prazo que aquele senhor concederia para que se desse a mudança da agremiação. O novo proprietário pediu que fosse o mais rápido possível, uma vez que só conseguiria passar a escritura, mediante a entrega da chave. Todos concordaram que deveriam se organizar para sair dali, até o dia 10 de agosto, o mais tardar.³⁴²

Sobre o terreno que tinham em vista adquirir, o presidente tinha ficado incumbido, anteriormente, de conversar com o doutor Agostinho, acerca dos trâmites legais,

³³⁷ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 29 de jun. 1934, p. 62.

³³⁸ *Ibidem*.

³³⁹ *Ibidem*.

³⁴⁰ *Ibidem*.

³⁴¹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 13 de jul. 1934, p. 63-64.

³⁴² *Ibidem*.

necessários para tal empreendimento. A orientação que teve foi que, em primeiro lugar, fosse se informar com o secretário da prefeitura, no intuito de descobrir a quem pertencia o lote, se à comarca ou ao estado. Descobriram ser o município responsável pelo local.³⁴³

Deveria ser formada uma comissão de 08 a 09 sócios, estando o presidente à frente do grupo, para conversar com o prefeito. Eles precisavam expor a finalidade da aquisição àquela autoridade e, conforme o que ele dissesse, tomariam as providências necessárias. A posse escolhida pela diretoria foi a que outrora pertencera ao antigo “Grupo Velho”, atual Escola Municipal Ribeiro Junqueira, por ocasião, localizado no logradouro hoje conhecido como praça Gama Cerqueira, que, também, já teve o nome de Melo Viana em outros tempos.³⁴⁴

Somente em 23 de setembro, redigiu-se em ata a ida do grupo composto por José Ignácio de Souza, José Martins, José Augusto, Antônio Custódio, Agostinho José da Silva, Alípio de Assumpção e Francisco Martins de Oliveira à casa do prefeito de Leopoldina, senhor Francisco de Andrade Bastos.³⁴⁵ Tiveram liberdade por parte da autoridade do município, para escolher o terreno e fazer o requerimento.³⁴⁶

Conforme prometido na visita, o despacho seria concedido “de boa vontade”³⁴⁷, ao que se dirigiram ao local para a escolha do lote. Tomadas as medidas favoráveis ao andamento do processo, ficaram à espera da liberação do ofício. Registraram, ainda neste dia, que o restante da mudança seria retirado do antigo Cine Brazil em 23 de setembro, o que deixa transparecer que o combinado de saírem em 10 de agosto não foi possível de ser cumprido.³⁴⁸

Em 30 de setembro, houve reunião para que fosse discutida a questão da compra de uma casa para a nova sede, o que faz perceber, mesmo com a ausência de uma sequência detalhada, que a ideia inicial do terreno da prefeitura teria sido abortada. Era um momento decisivo para os rumos futuros do Cutubas, porém, somente a mesma comissão que vinha se mostrando atuante nos encontros anteriores compareceu nesse dia.³⁴⁹

José Martins expôs a proposta de compra do imóvel e Nestor corroborou sua

³⁴³ Ibidem.

³⁴⁴ Ibidem.

³⁴⁵ BOTELHO, Luiz Eugênio. *Leopoldina de hoje e de ontem*. Leopoldina, 1967, p. 16.

³⁴⁶ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 23 de set. 1934, p. 64.

³⁴⁷ Ibidem.

³⁴⁸ Ibidem.

³⁴⁹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 30 de set. 1934, p. 65.

sugestão, embora fosse da opinião de que deveriam encontrar um procurador e então solicitar um empréstimo particular para concluir o financiamento. Houve a ideia de que criassem uma verba de 500 mil réis, por cada sócio, que foi aprovada por todos. Formou-se uma comissão de 07 membros encarregados de assumir a responsabilidade pelo negócio, sendo que aqueles que ali se encontravam estariam todos comprometidos.³⁵⁰

Em 5 de outubro, aquela comissão tornou a estar junta, para, dessa vez, oficializar a questão dos fiadores e concretizar o empréstimo. Ao senhor José Martins havia sido atribuída a função de representar seus amigos, na agência bancária Ribeiro Junqueira e Irmãos Botelho, no intuito de legitimar a concessão do crédito. Para tanto, foram exigidos quatro avalistas, ao que a assembleia achou por bem indicar então os nomes dos membros José Ignácio de Souza, Nestor Maximiano e Francisco Martins, além do próprio José Martins.³⁵¹

Os cavalheiros aceitaram a missão que simbolizaria o primeiro passo em direção a uma fase de solidez ainda não percebida em quase dez anos de história do Cutubas, uma vez que a empreitada sinalizava a fixação de seu território, há muito desejada e batalhada.

O único que desistiu do combinado foi o senhor José Ignácio, que, segundo o relato registrado em ata, “cismou e retirou seu nome”³⁵², não sendo um dos fiadores. A escritura ficaria, então, em poder dos outros três, até que a sociedade pagasse o “derradeiro vintém”³⁵³. Depois de quitados o banco e as dívidas internas, o documento seria entregue ao presidente da agremiação.³⁵⁴

Em 05 de dezembro, a reunião tratou de descrever o momento em que o documento foi assinado e o acordo de aquisição legitimado, no fórum daquela comarca. A compra foi feita dos herdeiros de Valentim Mesquita da Silva, por meio de sua viúva, a senhora Eliza M. da Silva. O novo endereço era a rua Sete de Setembro, na região central de Leopoldina.³⁵⁵

O senhor Alípio de Assumpção, como representante legal da sociedade, fez diversas assinaturas. O Cutubas, a partir daquele momento, era devedor de seis contos de réis. Prosseguindo os despachos, os senhores José Orbelo [sic] e Firmino foram

³⁵⁰ Ibidem.

³⁵¹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 05 de out. 1934, p. 66.

³⁵² Ibidem.

³⁵³ Ibidem.

³⁵⁴ Ibidem.

³⁵⁵ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 05 de dez. 1934, p. 67.

convidados para serem 2º e 3º fiscal, respectivamente.³⁵⁶

O dia 08 de dezembro foi histórico para a Sociedade Carnavalesca dos Cutubas, pois foi quando ocorreu a primeira reunião em sua sede própria. Eles tratariam da reconstrução do prédio e outros assuntos. O presidente confirmou a todos os presentes o negócio da compra da casa, que necessitaria em breve de ser reformada, e destacou a responsabilidade que a agremiação assumira com os três fiadores.³⁵⁷

Senhor Alípio ressaltou, ainda, que a união do grupo seria primordial naquele momento, por isso, pediu que “trabalhassem com fé e coragem”³⁵⁸. Foi explicado pelo senhor José Martins que, assim que começasse a prevalecer o novo estatuto, a comissão iria ser desmembrada e só voltaria a ser composta, em ocasiões precisas. Tem-se, aqui, desta maneira, um indício de que o estatuto estava sendo reformulado.³⁵⁹

A reforma teria início no dia 10 de dezembro, das 6 horas em diante. Seriam feitos diversos reparos no imóvel e, sobre a medida do salão, estabeleceu-se que deveria ter 8 metros quadrados. Modificariam, também, a casa de morada, pertencente à propriedade, à qual eles não tencionavam utilizar para fins do clube. Frisou-se que não aceitariam opinião de ninguém de fora da sociedade, sinalizando, ao leitor, que esta talvez fosse uma circunstância costumeira externada por pessoas ou grupos alheios àquela sociedade.³⁶⁰

Os trabalhadores seriam pagos pelo dia de serviço, mas o pagamento somente iria ocorrer, quando o clube tivesse quitado suas dívidas. A casa de quatro cômodos seria alugada para dona Sylvia, por 35 mil réis por mês. Foram apresentadas ideias para se angariar o dinheiro que iria custear a obra e, também, para a festa pela inauguração da nova sede.³⁶¹

No dia 10 de dezembro, houve a última reunião do ano. Os encarregados dos serviços da obra foram os senhores José Martins de Oliveira e Nestor Maximiano, que puderam contar com a ajuda de alguns companheiros associados. Provisoriamente, iriam manter a pequena casa como estava, pois precisavam poupar gastos. Na outra parte, que seria destinada ao salão de diversões e bailes do clube, foram derrubadas todas as divisórias internas, ao passo que necessitavam de um espaço amplo.³⁶²

³⁵⁶ Ibidem.

³⁵⁷ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 08 de dez. 1934, p. 68-69.

³⁵⁸ Ibidem.

³⁵⁹ Ibidem.

³⁶⁰ Ibidem.

³⁶¹ Ibidem.

³⁶² CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 10 de dez. 1934, p. 70.

Começaram desmanchando uma parede, em todo o comprimento da casa, pois a mesma seria refeita, com alicerces mais seguros, que, inclusive, foram espalhados por toda a extensão do salão. Reaproveitaram, desde o reboque antigo da propriedade, até madeiras de primeira qualidade, que, sendo muito brutas, puderam ser divididas ao meio e originaram diversas peças úteis aos pedreiros.³⁶³

Pautados pelo ensejo de renovação e engajados com a prosperidade de sua instituição, os integrantes daquele grêmio encerraram o audaz ano de 1934, trabalhando arduamente. Seu futuro estava sendo fundamentado em sólidas estruturas, calcadas em responsabilidade, união, comprometimento e dedicação. Paralelamente às comemorações das festas de natal e reveillon, os sócios do Cutubas puseram a mão na massa e repaginaram sua nova sede, de acordo com suas necessidades, estilo próprio e condições financeiras.

2.3.11 Atas de 1935

A primeira reunião do ano aconteceu em 18 de janeiro, para que pudessem combinar a festa de inauguração do novo endereço do clube e, também, discutir sobre o carnaval. O encontro deu-se às 20 horas e estiveram presentes, além daqueles assíduos associados que vinham protagonizando os últimos debates, os senhores José Avelino, Armando Silva e Affonso A. Lisbôa. Decidiram que deveria haver baile carnavalesco naquele ano.³⁶⁴

A inauguração da nova sede ficou marcada para acontecer no dia 26 e, um dia após, em 27 de janeiro, teria início uma grande marcha pelas ruas da cidade, para marcar, oficialmente, a abertura do festejo de momo. Combinou-se que, na ocasião da passeata, os senhores José Ignácio de Souza e Nestor Maximiano mobilizariam-se, por meio de uma lista, no intuito de angariar dinheiro, na rua, para a folia vindoura.³⁶⁵

Alípio Assumpção criou uma comissão de 15 moças, para auxiliar na solenidade de estreia e lhe conferir “melhor aspecto”³⁶⁶. Essa fala deixa transparecer que a mulher, se, por um lado, quase sempre não era ouvida, quanto a decisões importantes, por outro, seria, provavelmente, solicitada, quando o assunto fosse delicadeza, limpeza ou

³⁶³ Ibidem.

³⁶⁴ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 18 de jan. 1935, p. 71-72.

³⁶⁵ Ibidem.

³⁶⁶ Ibidem.

organização.³⁶⁷

Na reunião do dia 21 de janeiro, além dos cavalheiros frequentes ao cotidiano do conselho deliberativo do clube, todas as damas da comissão do evento, também, compareceram. Eram elas as senhoritas Maria José, Leonídia Antônia de Jesus, Francisca de Jesus, Roza Machado, Victória Espínola, Nadir dos Santos, Maria Annunciata Santos, Ephigênia Guimarães, Maria das Dôres de Carvalho, Luzia dos Santos, Anna dos Santos, Maria da Conceição, Maria Magdalena e Etelvina dos Santos; computando 14 mulheres.³⁶⁸

A senhorita Leonídia foi nomeada, para fiscalizar o serviço das outras companheiras, para o que esta mesma designou, então, as amigas Maria José e Francisca como suas auxiliares, nas tarefas da comissão de fiscalização. As autoridades mais influentes e toda a sociedade beneficente e recreativa seriam convidadas para a festa.³⁶⁹

O senhor Armando apresentou uma lista, com o intuito de levantar um valor para presentear o Clube dos Cutubas. A comissão das moças deveria entrar com cinco mil réis, enquanto, em relação ao restante das senhoritas, cada uma delas deveria doar três mil réis para custear o mimo. O mesmo senhor discorreu acerca de, no dia do evento, colocar uma fita, contornando todo o salão, permanecendo os convidados e associados em seu centro.³⁷⁰

José Martins e as moças ficariam no coreto de música. Após ser feita a entrega simbólica da sede ao presidente, combinou-se de uma das damas pedir à autoridade maior presente para desatar a fita, deixando todos, em plena liberdade neste momento. A senhorita Maria José ficou encarregada de arranjar duas madrinhas para os festejos da inauguração.³⁷¹

No dia 26 de janeiro, houve registro em ata daquele momento histórico, que permaneceria, eternamente, na memória daqueles que puderam presenciar, não só a consolidação física do clube, mas toda sua luta, ao longo dos últimos 10 anos, em prol de se ter uma sede. Além do presidente, senhor Alípio Assumpção, os membros da diretoria e aqueles que sempre se encontravam presentes nas decisões importantes também

³⁶⁷ Ibidem.

³⁶⁸ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 21 de jan. 1935, p. 73-74.

³⁶⁹ Ibidem.

³⁷⁰ Ibidem.

³⁷¹ Ibidem.

compareceram.³⁷²

O acontecimento contou, ainda, com a participação de homens de pouca ou nenhuma aparição nas atas, anteriormente, como os senhores Manoel Arlindo Carneiro, Armando da Silva Mello, Emílio M. de Oliveira, José Franzone, Constâncio Ramos de Oliveira e Nilo M. de Oliveira. Maria José da Silva, Leonídia Antônia de Jesus, Maria Francisca de Jesus, Nadir dos Santos e Maria Annunciata Santos foram as mulheres presentes, conforme registro.³⁷³

Inéditos, também, foram alguns nomes de senhoritas ou senhoras, que, até aquele momento, não tinham sido mencionados, em questão de participação nas deliberações do clube, mesmo porque, tratavam-se, algumas delas, ao que os sobrenomes indicam, de mulheres brancas da elite financeira leopoldinense. Foi o caso de Maria Júlia Penha, Lylia Spínola Arantes, Nair Augusta Jorge, Guilhermina M. Pereira, Maria José de Oliveira, Vera Marinho, Carolina de Oliveira, Maria Silva, Lydia Machado Bandeira de Melo e Icema M. de Oliveira, filha do doutor Agostinho³⁷⁴. Essa última dama citada, foi promovida a madrinha do salão, juntamente com a amiga Lylia Arantes.³⁷⁵

Aproveitou-se a ocasião para a formação de uma comissão construtora, da qual fariam parte José Martins de Oliveira, Nestor Maximiano, Francisco Martins de Oliveira, José Augusto, Leonídia de Jesus, Maria José e Francisca de Jesus. O grupo citado, estabelecido na ocasião, fez a entrega simbólica do prédio ao presidente da instituição. A liderança, de posse da palavra, fez um discurso memorial no qual afirmou “dar plena liberdade aos seus associados e a todos os convidados presentes”.³⁷⁶

Dando sequência à solenidade, foi saudada a bandeira brasileira e a que representava a cidade de Leopoldina. Devido às chuvas, que tinham sido torrenciais na semana de verão em questão, várias autoridades convidadas não puderam comparecer, porém mandaram representantes, em seus nomes. A maioria dos ausentes, também, enviou um donativo à sociedade, como um sinal de cortesia, pela falta justificada pelas águas que não impediram, todavia, seus comissários de aparecerem.³⁷⁷

³⁷² CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 26 de jan. 1935, p. 75-76/80-82.

³⁷³ *Ibidem*.

³⁷⁴ *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 24 de jun. de 1945, n. 1681, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/830470/per830470_1945_01681.pdf>. Acesso em: 1º de nov. de 2020.

³⁷⁵ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 26 de jan. 1935, p. 75-76/80-82.

³⁷⁶ *Ibidem*.

³⁷⁷ *Ibidem*.

O doutor Guimarães, por exemplo, ofereceu por meio de Dona Porphira de Jesus, a quantia de duzentos mil réis. Já o doutor Agostinho M. de Oliveira, na pessoa de sua esposa, que veio acompanhada de sua filhinha, ofertou o valor de dez mil réis. Quanto ao doutor Pedro Arantes, representado por sua filha, presenteou o Cutubas, com cinco mil réis. A senhorita Crêuza, em nome de seu pai, o senhor José Franzone, trouxe a importância de dez mil réis, em dinheiro, para ofertar ao clube.³⁷⁸

Na sequência dos relatos, o doutor Lydio Bandeira de Mello fez a entrega da escritura da nova sede. Esse erudito advogado, por esta época, exercia a função de promotor de Justiça da Comarca de Leopoldina, onde, também, praticou o ofício de professor, tendo lecionado português, matemática, filosofia e história do Brasil, entre outras³⁷⁹. O senhor Antônio Moura Guimarães fez, então, vários elogios à agremiação, gesto que emocionou os associados, que ergueram um grande “viva”, ao clube de sua mais elevada estima, segundo registro da ata.³⁸⁰

Prosseguindo os despachos, a diretoria empenhou-se em concluir os registros do “ponto” dos serviços, em prol da reforma da sede. A comissão de mão de obra trabalhou por meio de serão, para terminarem a tempo da inauguração, segundo consta em ata.³⁸¹

O trabalho noturno era contado, a partir das 18 horas, sem tempo previsto para terminar, sendo que um serão equivalia a cinco horas de serviço. De acordo com a disponibilidade de cada colaborador, também, foram sendo computados dias inteiros de tarefas, além das horas extras. Todo o expediente, contando com o excedente, foi anotado em uma espécie de banco de horas, durante os mais de quarenta dias corridos de obra.³⁸²

Francisco Martins, Antônio Custódio, José Martins, José Augusto, Nestor Maximiano, Sebastião Maximiano, José Ignácio de Souza, Roberto de Souza Filho, Agostinho Silva e Alípio de Assumpção foram os membros da comissão que ofertaram seu tempo em benefício da reconstrução do novo local do seu clube. Destes, quem mais teve serões e dias registrados foi José Martins, tendo somado 34 noites e 10 dias de serviço. Já Roberto Souza Filho, que não conseguiu operar no horário noturno, ofereceu

³⁷⁸ Ibidem.

³⁷⁹ CRIVELLARI, Thiago Fernando Miranda. Uma Lydioscopia: Elementos da vida e da obra de Lydio Machado Bandeira de Mello. In: *Rev. Fac. Direito UFMG*, Belo Horizonte, jan./jun. 2012, n. 60, p. 547 a 568.

³⁸⁰ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 26 de jan. 1935, p. 75-76/80-82.

³⁸¹ Ibidem.

³⁸² Ibidem.

à sociedade um milheiro de tijolos, para compensar sua ausência nos plantões que os amigos fizeram.³⁸³

José Rodrigues, José Avelino e Antônio Augusto foram os fiscais da obra, que, também, computaram dias e noites de trabalho prestado. Outros homens, a maioria deles nunca antes citada, constam como participantes na realização da reforma e doadores de donativos. Os componentes desse grupo são: Avelino Constantino, José Juca, José Botelho, Sebastião “do Arnaldo”, Orácio, Sebastião Adão, José “Mané”, Carliles, João Affonso, Morais, Raul Silva, “Tié”, “Corréto” e José Forte.³⁸⁴

Na reunião seguinte, não houve registro de data, tendo sido, porém, como consta frisado no título do documento, posterior ao carnaval, para tratar de suas despesas. Diante de tal informação, inseriu-se a mesma nesta sequência, logo após a inauguração do novo espaço em janeiro, e antes dos preparativos do micareme, em fins de março, quando a festa carnavalesca já teria, provavelmente, acontecido.³⁸⁵

Sobre o primeiro dia de festa, o lucro obtido na portaria computou 306 mil réis. Já o segundo, somou mais de 121 mil, enquanto, no terceiro dia, somente o dinheiro da “porta”, referente às entradas, rendeu-lhes mais de 321 mil réis. Outros departamentos, também, foram responsáveis pela arrecadação e somaram aos cofres do Cutubas, durante a festa de momo daquele ano.³⁸⁶

Foi o caso da chapelaria, com o faturamento de pouco mais de 09 réis. Quanto à venda de sacolas, essa apresentou um saldo de pouco mais de 59 réis, enquanto que as célebres “listas”, passadas durante os eventos, superou todas as outras fontes de renda. A popular forma de conseguir doações, em dinheiro, da qual os integrantes do clube eram adeptos levantou o equivalente a 668 mil réis. O somatório geral da receita bruta arrecadada no carnaval de 1935 conferiu ao caixa da agremiação um saldo de 1: 486, 200 réis, quantia esta que certamente era reflexo das melhorias efetuadas na estrutura física da entidade.³⁸⁷

Quanto às despesas da festa, consta no documento apenas o pagamento dos músicos. O senhor Sylvano Amaral, sua filha e o senhor Orácio, receberam, cada um, a quantia de 100 mil réis, pelos serviços prestados. Já Carliles Gonçalves e “Néca”

³⁸³ Ibidem.

³⁸⁴ Ibidem.

³⁸⁵ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 1935, p. 71-102.

³⁸⁶ Ibidem.

³⁸⁷ Ibidem.

faturaram cinquenta mil réis pela tocata. O senhor Alípio Assumpção, presidente da casa e instrumentista nas horas livres, recebeu 80 mil réis pela melodia oferecida. No que se refere ao senhor Licinho, esse tocou para o clube em troca da quantia de 40 mil, durante a folia, que, de acordo com o calendário da época, teria ocorrido na semana do dia 05 de março.³⁸⁸

A próxima reunião deu-se no dia 20 de março. Discutiram, principalmente, em meio a outros assuntos, a questão da tómbola que seria realizada em breve. Ficou combinado de solicitarem, ao presidente da UBOL, que realizasse a espécie de loteria que oferecia prêmios aos vencedores. O jogo em questão era uma prática comum aos membros do Cutubas, no que concerne às estratégias utilizadas, visando aumentar o faturamento do grêmio recreativo.³⁸⁹

Passaram, então, para a pauta do micareme, quando o senhor Nestor manifestou-se contra a ideia de saírem à rua, desfilando. Já os outros participantes presentes eram a favor de que houvesse o evento externo, e que, posteriormente, discutissem a questão do cordão, que conforme demonstrado andava apresentando problemas. Após debate, chegou-se à conclusão de que a micareta, daquele ano, iria se dar nos limites do salão do clube, restringindo-se ao baile interno. Ao senhor Alípio foi dada a incumbência de contratar os músicos.³⁹⁰

Em 23 de março, encontraram-se, outra vez, para fechar a questão da música. Compareceram os senhores Alípio, Francisco Martins, Agostinho da Silva e José Martins, que aproveitariam para tratar da música que seria tocada na festa de páscoa. Os instrumentistas, porém, não compareceram. Ficou registrado o plano de se estabelecer acordo com o senhor Sylvano Amaral, e sua filha, e os senhores Orácio, Manoel Martins e Licinho.³⁹¹

Em 24 de março, houve mais uma reunião, no intuito de dar sequência ao sorteio das cartelas, referentes à tómbola, que foram vendidas em benefício da sociedade. Grande foi o número de pessoas que se dispôs a comparecer para assistir à execução da loteria.³⁹²

Foi aleatoriamente sequenciada uma relação de numerais sorteados, que seriam, posteriormente, premiados, em dinheiro. Foram feitas três listas, elencando os sortudos,

³⁸⁸ Ibidem.

³⁸⁹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 20 de mar. 1935, p. 85.

³⁹⁰ Ibidem.

³⁹¹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 23 de mar. 1935, p. 78.

³⁹² CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 24 de mar. 1935, p. 86.

sendo que uma delas ficaria no salão do clube. O Bar do Picolé, do senhor Leopoldo Martins, seria o destino da outra listagem, e uma terceira tabela estaria de posse do tesoureiro da sociedade.

O dia 31 de março foi quando ocorreu a reunião seguinte. O líder do grupo fez a todos cientes sobre a morte do “velho conselheiro”³⁹³, senhor José da Silva. O primeiro nome do finado membro, porém, não foi possível de se identificar, uma vez que esse se encontrava apagado no documento em questão. A leitura só foi possível de ser feita a partir do “José”, deixando, entretanto, a certeza que havia um outro nome anteriormente.³⁹⁴

Poderia se tratar, portanto, dos senhores Irineu, Augusto ou ainda Avelino. De acordo com as palavras do presidente, o falecido, “em vida foi um grande defensor da sociedade”³⁹⁵, mas, no dia 29 de março, viera a óbito, na cidade do Rio de Janeiro, onde estava vivendo. Foi dado um voto de pesar, ao que ficaram todos de pé e em silêncio, por 5 minutos.³⁹⁶

Com relação à música para os bailes do micareme, foi anunciado que já estava contratada. Iniciou-se uma discussão sobre o estatuto da agremiação, que vinha passando por alterações em seus artigos. O mesmo foi entregue à assembleia pelo senhor José Martins, que o havia modificado, juntamente com seu amigo, o senhor Francisco Martins. José aconselhou o presidente a marcar uma reunião para que a coletividade pudesse ler e aprovar os novos ditames. A data escolhida foi o dia 07 de abril.³⁹⁷

Foi lembrado pelos membros presentes que o líder da comissão não vinha apresentando um comportamento condizente com as regras da sociedade. Diante da queixa, fez-se necessário que o senhor Alípio ficasse comprometido a chamar a atenção do mencionado colaborador da associação, para que a ordem fosse restabelecida.³⁹⁸

Em 7 de abril o grupo se reuniu. O número de sócios, porém, mostrou-se insuficiente, para que o encontro fosse considerado legítimo. O presidente suspendeu a sessão para a semana que viria. Os únicos assíduos naquela ocasião foram os senhores Alípio de Assumpção, José Augusto, Nestor Maximiano, José Avelino da Silva, José

³⁹³ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 31 de mar. 1935, p. 87-88.

³⁹⁴ *Ibidem*.

³⁹⁵ *Ibidem*.

³⁹⁶ *Ibidem*.

³⁹⁷ *Ibidem*.

³⁹⁸ *Ibidem*.

Morais de Oliveira e Francisco Martins de Oliveira.³⁹⁹

A segunda tentativa de se tornar autêntico o estatuto, no dia 14, parece ter sido mais bem-sucedida, que a anterior, afinal, um número maior de pessoas foi computado, permitindo que a pauta fosse viabilizada em consonância com a legislação. Foram registrados 23 nomes de pessoas presentes, a princípio. Os únicos senhores, entretanto, que demonstraram assiduidade, durante toda a duração da reunião foram Alípio de Assumpção, Francisco Martins, José Martins, Antônio Custódio, José Augusto, Antônio Augusto e José Avelino.⁴⁰⁰

Dando prosseguimento, foi apresentado um regulamento pelo presidente, afirmando esse que todos que deixassem de comparecer a reuniões, com finalidade que a direção julgasse relevante, como aquela em questão, ficariam suspensos até segunda ordem, a juízo do conselho de sindicância. Todos aprovaram a regra introduzida. Foi lida a ata anterior, feita chamada e concluída a leitura do novo estatuto.⁴⁰¹

No dia 28 de abril, os associados reuniram-se. Decidiu-se, sobre o baile a rigor, que seria nas cores rosa e branca. Com relação ao mês de maio, os eventos ficaram marcados para acontecerem nos dias 04 e 18 do mesmo.⁴⁰²

Em seguida, foi feita a leitura de cada artigo do estatuto, sendo que o 5º mereceu ênfase. Foi, então, que o senhor José Augusto protestou contra a mensalidade do clube, argumentando que os sócios não deviam pagar mais que seis mil réis. Foram propostos os valores de quatro mil ou cinco mil, mas o presidente, ao sentir dificuldade em resolver, levou a questão à votação, sendo que a maioria optou pelo menor número, que ainda passaria pelo crivo do conselho deliberativo.⁴⁰³

Em 02 de maio, fez-se necessária a realização de um encontro, afinal, em dois dias aconteceria a primeira festa do mês. A temática abordada demonstrava ser a preferida daquelas pessoas, talvez por isso, raramente, reuniões com essa finalidade tenham encontrado empecilho para serem viabilizadas, com relação à quantidade mínima de participantes.⁴⁰⁴

As mulheres, que andavam um pouco esmaecidas frente às decisões importantes

³⁹⁹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 07 de abr. 1935, p. 89.

⁴⁰⁰ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 14 de abr. 1935, p. 90-91.

⁴⁰¹ *Ibidem*.

⁴⁰² CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 28 de abr. 1935, p. 92-93.

⁴⁰³ *Ibidem*.

⁴⁰⁴ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 02 de mai. 1935, p. 94.

da sociedade, dessa vez, fizeram-se representar, nas figuras de Leonídia de Jesus, Francisca de Jesus e Honorina de Jesus. Não se sabe, se tinham parentesco, mas o fato é que ficaram todas incumbidas de, naquele próximo baile, estarem responsáveis pelos ingressos.⁴⁰⁵

No encontro do dia 5, fez-se a conferência do estatuto. Fizeram uma emenda no artigo 12 e criaram o artigo 26. O senhor José Martins foi a favor de que se acrescentassem resoluções a respeito dos horários dos bailes, devendo esses começarem às 18:00 horas e terminarem às 23:00, regra que valeria apenas para os domingos e dias santos, ao que todos concordaram. Ressalvadas as correções, o estatuto do clube dos Cutubas foi por unanimidade aprovado. Deveria agora ficar à disposição da chefia daquela casa e ser recorrido para reger o destino da sociedade “toda vez que a inexperiência conviesse”.⁴⁰⁶

Em 19 de maio, a reunião ficou impossibilitada pelo pequeno número de participantes. O texto demonstra a frustração de membros da diretoria, diante de tal situação preocupante e recorrente, ao constar que: “como de praxe, não apareceu nenhum sócio”⁴⁰⁷. O presidente, frente à necessidade de viajar a São Lourenço, por motivo de tocata, havia solicitado ao vice que assumisse o referido encontro, não o tendo encontrado em casa, porém.⁴⁰⁸

Em 22 de maio, a reunião postergada aconteceu. Os participantes presentes foram os senhores José Augusto, Alípio de Assumpção, Francisco Martins de Oliveira, José Avelino, José Martins de Oliveira, Roberto de Souza Filho e Nestor Maximiano. A discussão deu-se em torno da organização das festas agendadas, a começar pela do dia 26, cuja pigmentação do convite fora escolhida pelo sócio Victor M. Barbosa, com o que todos concordaram.⁴⁰⁹

Em um segundo momento, passou-se a discutir acerca do baile “Branco e Rosa”. Quanto aos convidados de outros lugares, como Cataguases, Recreio e Piacatuba, ficou decidido de se enviar apenas um ofício à localidade, para comunicar sobre o evento. A senhorita Maria José foi convocada, para presidir a comissão das moças, devendo esta conduzir as funções de suas companheiras engajadas com as atribuições da festa.⁴¹⁰

⁴⁰⁵ Ibidem.

⁴⁰⁶ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 05 de mai. 1935, p. 95-96.

⁴⁰⁷ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 19 de mai. 1935, p. 97.

⁴⁰⁸ Ibidem.

⁴⁰⁹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 22 de mai. 1935, p. 98.

⁴¹⁰ Ibidem.

26 de maio foi o dia da reunião que deveria se seguir, afinal, no dia 1º de junho haveria festa. A comissão organizadora do baile “Branco e Rosa” foi anunciada pela senhorita Maria José da Silva, que iria fiscalizar as integrantes Guiomar, Annunciata, Nadir dos Santos, Leonídia, Maria da Conceição, Maria Magdalena, Hormenzinda Ferreira e Victória Espínola.⁴¹¹

Todas as damas designadas deveriam usar uma rosa branca, por ocasião do evento. De acordo com proposta do membro Silvano, ali expressa pelo presidente, a sociedade deveria cogitar a possibilidade de oferecer uma festa gratuitamente a todos os associados e frequentadores. Todavia, os participantes teriam de se comprometer a comprar o ingresso para o baile seguinte. Esta estratégia que visava atrair o público, para as comemorações do clube, não chegou a ser ratificada, pois não se conseguiu obter um consenso, quanto à ideia apresentada. Por fim, foi exposto o comunicado do senhor Nestor Maximiano, que, por motivo de saúde, estaria de licença nos dias posteriores, não podendo comparecer aos encontros.⁴¹²

No dia 12 de junho, ocorreu nova reunião. O líder daquele grêmio esboçou a ideia de se realizar um piquenique, em que cada um deveria levar sua merenda e estarem fantasiados com chapéu de palha, culminando com uma solenidade dançante. Todos assentiram.⁴¹³

Foi demonstrada a intenção do senhor Sebastião Jorge de dar uma festa no clube, no dia 15, vindouro. O pedido foi aceito, desde que o aluguel do salão fosse quitado de antemão. O locatário solicitou enfeitar a sala com um ornamento, nas mesmas cores do tema do baile, o que lhe foi permitido, desde que se compromettesse a não furar as paredes do local.⁴¹⁴

O festejo do próprio Cutubas ficou marcado para acontecer no dia 30 do mesmo mês. Dando sequência às resoluções, o senhor Francisco Martins, o secretário, expôs sua preocupação, por conta dos membros não se interessarem, o bastante, pelo regimento interno da agremiação. De acordo com aquele colaborador, a leitura mais assídua do estatuto solucionaria com mais facilidade problemas corriqueiros que vinham acontecendo nos últimos tempos. O diretor comprometeu-se a tomar providências.⁴¹⁵

⁴¹¹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 26 de mai. 1935, p. 99.

⁴¹² *Ibidem*.

⁴¹³ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 12 de jun. 1935, p. 100-101.

⁴¹⁴ *Ibidem*.

⁴¹⁵ *Ibidem*.

No dia 16 de junho, a direção do clube tentou se reunir, como de praxe, porém, não foi possível, posto que o salão havia sido utilizado em evento anteriormente detalhado. O senhor Sebastião Jorge alugou o local, que ainda se encontrava adornado, desde a véspera, impossibilitando, portanto, sua utilização para qualquer fim pretendido.⁴¹⁶

Chega-se, enfim, à última ata analisada e disponível para este estudo, que corresponde ao dia 07 de julho. Como de costume, o enredo deste debate concentrou, basicamente, as decisões acerca da prática que mais envolvia aquelas pessoas: festejar a vida.⁴¹⁷

Marcou-se para o dia 28 do mês o dia em que a comissão das moças sairia da Fazenda do Limoeiro, possivelmente em uma espécie de desfile, não sendo detalhado, porém. O grupo era formado por Leonídia, Nadir, Annuciata, Francisca Victória, Maria de Lurdes e Maria José, designadas para organizarem a festa do piquenique. Em seguida, foi apresentado, pelo senhor presidente, o balancete da associação, de 12 de abril de 1934 a 12 de junho de 1935.⁴¹⁸

Ainda de posse da palavra, o dirigente do clube lembrou aos presentes sobre o estatuto, especificadamente acerca de seu último artigo, que fora acoplado ao texto principal, recentemente. A seguir, foi evidenciada a intenção do senhor Jorge de alugar o salão do clube, no dia 20 de julho, e teve aprovação. Não havendo nada mais a tratar, a última reunião que consta na coleção documental, por esta pesquisa delimitada, foi por sua direção encerrada.⁴¹⁹

Quanto a um panorama geral a respeito das características preliminares dos escritos do ano de 1935, foi notória a percepção de que algumas atas foram redigidas retroativamente à efetivação da reunião, por exemplo.

Em um primeiro instante, conclui-se que tal desorganização deveu-se ao fato de estarem cuidando da mudança para a nova sede, além de terem de continuar a dar sequência à agenda. Ainda não se tem uma investigação conclusiva, quanto ao paradeiro do restante do material, referente ao ano em questão, de julho em diante, nem sobre o ano de 1936, como consta na capa do livro.

Sobre o período posterior, referente ao recorte temporal, de 1936 até o ano de

⁴¹⁶ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 16 de jun. 1935, p. 100.

⁴¹⁷ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 07 de jul. 1935, p. 102.

⁴¹⁸ *Ibidem*.

⁴¹⁹ *Ibidem*.

1940, o que se pode pontuar diz respeito à diretoria do clube, por meio de seu já mencionado quadro de ex-presidentes, adornando a entrada de seu salão. Pela leitura das fotografias, tem-se que o senhor Francisco Martins esteve à frente da agremiação, também, após o senhor Alípio, não sendo possível concluir-se, porém, se houve algum outro nome entre eles.

A falta da fotografia do senhor Adão Marcolino é outro detalhe a ser observado nesta galeria, que, conforme consta em ata de reunião do dia 08 de março de 1927⁴²⁰, como já mencionado, teria sido presidente do clube no início daquele ano.

IMAGEM 6 - Os primeiros presidentes do Clube dos Cutubas



Fonte: elaborada pela autora, em 15 de março de 2022.

2.3.12 Os estatutos do clube

Ao longo do andamento da pesquisa, não se teve acesso ao primeiro estatuto criado pelo clube, quando de sua fundação. Porém, em várias passagens dos textos das atas de reuniões observadas, alguns artigos de tal documento chegam a ser mencionados. Fazendo-se, então, a observância dos fragmentos citados, em paralelo com um conjunto de normas, registrado, em cartório, pela agremiação em 1950⁴²¹, torna-se possível estabelecer algumas permanências e rupturas, no que concerne ao teor desses códigos que nortearam no passado as ações de quem àquele grupo pertenceu.

No tocante ao conteúdo daquele regulamento precursor, pôde-se constatar, por exemplo, que havia uma rígida estruturação com relação à realização e toda a organização das festas, dentre carnaval, micareme e outras. Recorria-se, também, às leis, se o assunto

⁴²⁰ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 08 de mar. 1927, p. 3

⁴²¹ OLIVEIRA, José Martins de. Estatutos do Clube dos Cotubas. *Cartório de registro de títulos e documentos e civil de pessoa jurídica*, Leopoldina, 1950.

fosse a punição para os sócios que não se comportassem da maneira adequada, de acordo com o próprio regimento interno, como quando havia o caso de inadimplência no pagamento das mensalidades da sociedade em questão.⁴²²

As penalidades utilizadas passavam pela admoestação, a suspensão, e, por fim, a eliminação do membro daquela associação, dependendo do nível de violação das normas. Uma falta que se constatou não ser perdoada facilmente foi a difamação, a promoção do descrédito ao clube. Interessante observar que essa vem a ser uma preocupação que vai adentrar as décadas seguintes, posto que tenha sido um dos tópicos que não se alterou, pelo menos até o ano de 1950.⁴²³ Tal fato vem sinalizar que pudesse ser este um comportamento um tanto quanto corriqueiro entre seus integrantes, ao ponto de se ter que criar uma lei para suprimi-lo.

O estatuto vai se moldando, de acordo com o que as demandas vão exigindo, situação essa que se confirma no ano de 1934, quando, após frequentes faltas dos associados às reuniões da diretoria, o documento sofre uma reformulação. Com novos decretos acoplados ao texto original, a partir daquele momento, seus participantes passariam a ser castigados, caso deixassem de comparecer aos encontros, cujos diretores considerassem indispensáveis.⁴²⁴

Em um intervalo de mais de 20 anos, a tendência é que variados ajustes tenham sido feitos ao longo do tempo considerado. A própria informação de que o artigo 26 e, até então, o último existente, fora incluído somente em 1935⁴²⁵, vem refletir que o estatuto passou por inúmeras mudanças e acréscimos, ao passo que, em 1950, seu texto já contava com 70 cláusulas.⁴²⁶ Porém, o mais relevante a se observar é que, em sua essência, o documento manteve o perfil moralizante de seus primórdios.

A narrativa ao longo dos textos das atas de reuniões, reflexo de uma sociedade que parece coabitar com a constante cobrança por posturas edificantes, vem a ser corroborada pelo texto do estatuto que fora registrado em 1950⁴²⁷. Fato este sugestivo de que, já nos anos 1920, essas regras morais de conduta, orientassem, também, o comportamento daquelas pessoas que compartilhavam momentos de sua vida, no mesmo clube negro.

⁴²² CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 17 de nov. 1929, p. 22-24.

⁴²³ OLIVEIRA, José Martins de. Estatutos do Clube dos Cotubas...

⁴²⁴ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 08 de dez. 1934, p. 68-69.

⁴²⁵ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 05 de mai. 1935, p. 95-96.

⁴²⁶ OLIVEIRA, José Martins de. Estatutos do Clube dos Cotubas. *Cartório de registro de títulos e documentos e civil de pessoa jurídica*, Leopoldina, 1950.

⁴²⁷ OLIVEIRA, Estatutos do Clube dos Cotubas...

Os negros sugerem ter adotado os bons modos e a moral ilibada, como maneiras de se distinguirem. A ideia de que uma educação disciplinadora e um comportamento adequado iriam promovê-los, disseminou-se. Leopoldina, como parte do todo, demonstrou ecoar essa tendência seguida pelo vizinho, estado paulista.

Retomando o caráter normatizador do clube, reforçado por seus estatutos, arrisca-se a confirmar que poderia ser essa uma postura em resposta ao darwinismo social, disseminado na Europa, fruto do final do século XIX e início do XX. Esse é um dos pontos de junção que aproxima o Cutubas a movimentos negros, destacados daquele tempo, como a imprensa negra paulista, a FNB, ou os clubes e narrativas negras, no Rio de Janeiro, em São Paulo e em outras localidades do Brasil. Como já explanado anteriormente, foi o caminho que os negros encontraram para conquistar a aceitação social no meio branco.

Frente aos apontamentos discorridos acima, acredita-se que o clube de pessoas pretas e mestiças, da Zona da Mata mineira em questão, seguiu um padrão de comportamento inerente à sua gente e época. Reproduzindo o que estava ocorrendo em cidades maiores, próximas ou mais distantes, o Cutubas e seus fundadores reverberaram a mentalidade típica do povo negro de reação à segregação imposta à sua gente. Reagir, nesse caso, nem sempre significou enfrentar de forma beligerante, mas, por vezes, tomar para si os moldes que o discurso em voga exigia, quanto aos códigos sociais, na tentativa de se enquadrar, visando a sobrevivência.

Michel de Certeau utiliza-se do termo “antidisciplina”, a fim de compor uma rede proveniente dos modos de proceder e das astúcias percebidas entre aqueles que respondem, de maneira muito particular, às representações hegemônicas impostas, dando-lhes nova tradução, subvertendo-as.⁴²⁸

Face a todo o exposto até aqui, ao se situar a atuação negra na perspectiva do citado teórico, foi possível associá-las e perceber que a criatividade cotidiana, a reapropriação do espaço e a adaptação das situações de desconforto criariam as condições ideais, em que se perceberiam as táticas populares, em reação às estratégias coercitivas.

⁴²⁸ CERTEAU, *A invenção do cotidiano...*

Capítulo III: Histórias de gente “bamba”

3.1 O cotidiano da gente

O termo “cotidiano” vem sendo discutido e interpretado, no decorrer do último século, por muitos autores. Correntes que preconizam o passado dos homens comuns à luz da história social, buscam, cada vez mais, desvendar o importante papel da cotidianidade na complexa teia de relações que emolduram o painel das conjunturas históricas.

Nesse sentido, tendo em vista a elucidação acerca das práticas culturais de determinada coletividade, em um recorte temporal específico, é interessante que se averigüe o que permeou sua rotina diária. O modo de vida de uma pessoa, ou de um grupo, e as intercomunicações, estabelecidas por eles, com dada sociedade, perpassados por hábitos, costumes e crenças, podem ajudar na composição das histórias que identificam o local de pertencimento daquela pessoa ou do grupo.

A análise de seu universo cotidiano possibilita uma apreensão mais abrangente quanto à percepção histórica, conforme sugere Agnes Heller, ao investigar a relação entre as duas dimensões. Segundo a filósofa, “a vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social [...]. O que assimila a cotidianidade de sua época assimila também, com isso, o passado da humanidade [...]”⁴²⁹

Por entender este tempo passado, enquanto acontecimento da vida humana, em sua completude, cabe destacar as variadas percepções projetadas no que concerne a sua interpretação. Maurice Merleau-Ponty, ao propor uma leitura espacial do campo cotidiano, define-o como território, sendo esse permeado por vestígios do homem, posto que seu próprio espaço do vivido.⁴³⁰

Pela ótica do autor, cabe pontuar a distinção entre o espaço geométrico, aquele análogo ao lugar, e o espaço antropológico, referente à relação estabelecida pelo ser com o meio no qual se encontra inserido.⁴³¹ Michel de Certeau, ao corroborar a abordagem,

⁴²⁹ HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 34.

⁴³⁰ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

⁴³¹ *Ibidem*.

aponta que, neste caso, “a perspectiva é determinada por uma fenomenologia do existir no mundo.”⁴³²

Ainda de acordo com De Certeau, “os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. São feitura de espaço”⁴³³, de acordo com as ações dos sujeitos históricos. No tocante a estes participantes do processo, cabe aqui aludir novamente a Heller, quando disse que a história do cotidiano seria a “história de vida diária de homens e mulheres.”⁴³⁴

Dessa forma, o cotidiano poderia ser entendido como o ponto de partida da interpretação histórica, a depender da observação dos acontecimentos diários. Por conseguinte, nesta linha de raciocínio, seria possível notar as rupturas e permanências que problematizam ou sustentam, sucessivamente, a linearidade examinada.⁴³⁵

Importante considerar que a rotina que envolve determinado objeto de estudo deve ser observada, quanto à existência de padrões que, por ventura, estejam sendo reproduzidos naquele meio. Através de tênues nuances a constarem no comportamento averiguado *a priori*, os modelos percebidos podem ser indicadores de que não representa, naquele contexto, uma mera reprodução de repetições.

Para Lefebvre, reduzir a rotina cotidiana à sua característica repetitiva seria tolhê-la de uma interpretação abrangente. O autor, ao admitir os gestos reproduzidos na dinâmica diária, sugerindo o monótono, atenta para a complexidade presente nas relações entre os indivíduos constituintes dessas ações e o universo de sociabilidades no qual estão inseridos.⁴³⁶

Nesse sentido, Edwiges Zaccur, quando de sua análise acerca das interações cotidianas, afirmou que “o que aparentemente se repete, no próprio processo de repetição, tanto se *reitera* como se recria, produz *iterâncias* realimentadoras, por menores que sejam as alterações, por acréscimo ou desgaste”.⁴³⁷

A pesquisa embasada nos episódios do dia-a-dia, portanto, requer atenção quanto

⁴³² CERTEAU, *A Invenção do Cotidiano...* p. 185.

⁴³³ *Ibidem*, p. 189.

⁴³⁴ HELLER, Agnes. *A condição política pós-moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 208.

⁴³⁵ ROCHA JUNIOR, Deusdedith Alves. O território do cotidiano. *Padê: Estudos em Filosofia, Raça, Gênero e Direitos Humanos*, UniCEUB, Brasília, v. 1, p. 17-31, 2006. Disponível em: <<https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/pade/article/viewFile/130/119>>. Acesso em: 07 de fev. 2022.

⁴³⁶ LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991^a.

⁴³⁷ ZACCUR, Edwiges. Metodologias abertas a iterâncias, interações e errâncias cotidianas. Regina Leite Garcia (org). In: *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 180.

ao peso de situações superficialmente consideradas comuns. As ações cotidianas, em um primeiro momento, podem surtir a pseudoimpressão de que, algumas delas, pela simplicidade apresentada, não demonstram a relevância necessária ao processo do resgate histórico.

Verificar os pequenos detalhes do dia-a-dia de alguém, ou de um agrupamento, significa atentar para cada mero componente das engrenagens do motor da história que os identifica. Não deixar escapar qualquer fator aleatório que possa ter sido ali incluído pela ação da natureza, por exemplo, ou cada outra peça sutil, sem a qual o funcionamento da estrutura estaria comprometido.

Não é tarefa fácil compreender os meandros presentes em determinado percurso da pesquisa, posto que as lembranças coletivas que alicerçam a memória do lugar em questão são escassas ou não foram devidamente registradas em tempo. Cabe ao historiador sondar na polidez, ou na asperidade das possibilidades e das relações, o cerne da questão, para, então, tecer, a partir dos fragmentos recuperados, a colcha de retalhos que ajuda a ornamentar o pano de fundo da história do local.

A fim de que se possa estabelecer a cotidianidade da gente analisada na pesquisa, enquanto coletivo, torna-se interessante entender os grupos como mediadores entre o indivíduo e os costumes. As relações e intercâmbios sociais, nessa abordagem, são alguns dos indicadores de amadurecimento do homem, ao se tornar adulto no âmbito do cotidiano, nesse caso, porém, já independente do grupo.⁴³⁸ Nessa perspectiva, Heller aponta que

[...] O homem aprende no grupo os elementos da cotidianidade (por exemplo, que deve levantar e agir por sua conta; ou o modo de cumprimentar, ou ainda, como comportar-se em determinadas situações, etc.); mas não ingressa nas fileiras dos adultos, nem as normas assimiladoras ganham “valor”, a não ser quando essas comunicam realmente ao indivíduo os valores das integrações maiores, quando o indivíduo – saindo do grupo (por exemplo, da família) – é capaz de se manter autonomamente no mundo das integrações maiores, de orientar-se em situações que já não possuem a dimensão do grupo humano comunitário, de mover-se no ambiente da sociedade em geral e, além disso, de mover por sua vez esse mesmo ambiente.⁴³⁹

Quanto à relação que o homem estabelece com a sociedade, o raciocínio é

⁴³⁸ HELLER, *O cotidiano e a história...* p. 33-34.

⁴³⁹ *Ibidem*, p.34.

concluído, destacando sua condição de genericidade humana. Acerca deste quesito, Heller argumenta:

Enquanto indivíduo, portanto, é o homem um ser genérico, já que é produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano; mas o representante do humano-genérico não é jamais um homem sozinho, mas sempre a integração (tribo, demos, estamento, classe, nação, humanidade) – bem como, frequentemente, várias integrações – cuja parte consciente é o homem e na qual se forma sua “consciência de nós”.⁴⁴⁰

Portanto, mesmo representando o indivíduo um ser particular, a comunidade à qual se integra funcionaria como que uma espécie de filtro decantador do percurso, através do qual esse homem faz suas releituras da história geral da humanidade, à qual pertenceria, antes de qualquer outro vínculo, de forma consciente.⁴⁴¹

Manifestam-se, dessa maneira, improvisadamente, modos de lutas e de resistência em que esses agentes históricos sinalizam o ímpeto da transformação. Ao adaptarem suas próprias formas de organização, estão emitindo, por meio de sua interpretação e reação à realidade imposta, que as estruturas podem se encontrar abaladas.

Por essa ótica, o cotidiano, ou o espaço, enquanto lugar praticado, serviria como um termômetro em que as tensões sociais do dia-a-dia do grupo estariam espelhando os problemas enraizados em uma sociedade que perpetua padrões de exclusão. Estabelecendo relações com as bases de poder político e econômico, seria o cotidiano, desta forma, o cenário articulador por meio do qual atores sociais, tradicionalmente marginalizados, ganham voz, convergindo-se em protagonistas.

Assim sendo, uma compreensão mais abrangente, acerca das estruturas da história, seria proporcionada, através de possibilidades inerentes à cotidianidade. Perceber o que se manteve ao longo do tempo ou aquilo que por meio das fissuras no cotidiano estão sinalizando rupturas, no curso da história, seria, por meio da rotina diária de pessoas comuns, possível.

3.2 Os protagonistas do clube: suas festas e crenças

Quando da decisão do projeto de pesquisa que visa um estudo acadêmico a

⁴⁴⁰ HELLER, *O cotidiano e a história...* p. 36.

⁴⁴¹ *Ibidem*.

respeito do clube social negro em voga, uma das primeiras expectativas dizia respeito às fontes com as quais seria possível trabalhar. Além do livro de atas, que ajudou a delimitar o período a ser averiguado, surgiu, também, a possibilidade de se explorarem algumas memórias, presentes nas lembranças de frequentadores da agremiação, ainda vivos, já que o recorte temporal, 1920 a 1940, permitia, cronologicamente, esse método.

Nesse sentido, começou-se a busca por estes primeiros associados, protagonistas do clube por excelência, em prol de se tentar estabelecer o resgate dos fragmentos de memória de que, por ventura, essa gente pudesse dispor. As informações presentes nos relatos orais, quando cruzadas com aquelas registradas nas atas de reuniões da época e as extraídas do jornal utilizado, podem se tornar indícios complementares, para que sejam compostas as memórias compartilhadas do grupo que fundou a instituição no tempo em questão.

Uma investigação em torno de pistas dessas pessoas, também, foi empreendida nos arquivos da Igreja Católica local. Livros, contendo os registros de batismo da população leopoldinense daquele tempo em questão, foram consultados no intuito de se extrair informações que aludissem ao passado dos negros envolvidos na fundação do Clube dos Cutubas.

Espera-se que os dados explorados nos acervos religiosos, quando confrontados com as outras fontes, acima mencionadas, que deram escopo a esta pesquisa, sejam reveladores de um cenário o mais aproximado possível da conjuntura engendrada pelo passado da gente negra na cidade em questão.

O trabalho de campo, logo de início, revelou que seria mais complicado ter acesso àqueles negros preteridos do que se vislumbrou, quando da elaboração do projeto. Dos poucos sobreviventes da velha guarda do clube, entre os que se encontravam saudáveis e em condições de fornecer a entrevista, apenas dois se disponibilizaram a participar do estudo, respondendo ao questionário proposto e contribuindo com suas vivências de outrora.

Uma outra abordagem, por meio de memórias construídas a partir do que foi contado a essas pessoas, foi então colocada em prática, no intuito de se tentar cobrir ao máximo as lacunas existentes neste campo da historiografia oficial da cidade. Foram, nesse sentido, entrevistados três idosos, mas com idades nem tão avançadas, se comparadas às idades dos dois primeiros, que já se encontravam, um na casa dos 90 e o outro chegando perto desta idade, com 89.

No caso dos outros três participantes, tem ele atualmente 77 e elas 76 e 80 anos. O primeiro, já tendo sido diretor do clube por vários mandatos e por possuir bastante lucidez e conhecimento interno sobre o clube, pôde contribuir em grande quantidade para os objetivos deste estudo, posto que traz na lembrança relatos de seus antecessores no que concerne à atuação do grêmio na cidade.

Já as senhoras, moradoras de núcleos mais periféricos da cidade, situados em seus altos morros, também possuíram certa ligação com a agremiação, em algum momento de suas vidas, sendo, ainda, portadoras de memórias de seus antepassados, relacionadas ao Cutubas, mesmo que escassas. Uma delas chegou a ser cozinheira do clube, tempos depois do recorte da pesquisa.

Um outro paralelo que pode ser traçado entre estas duas mulheres, interessante de ser ressaltado, é o fato de que ambas possuem um centro de Umbanda nos quintais de suas casas, onde fazem suas rezas, professando a fé ancestral que reafirma sua identidade e ajudando seus familiares, principalmente, a resolverem seus problemas no âmbito da espiritualidade.

Estabelecidos os primeiros contatos com as pessoas a serem pesquisadas e obtida a autorização, nos termos da lei, para que as entrevistas fossem viabilizadas, explicou-se a relevância da realização do estudo e a importância da contribuição em potencial que cada uma delas teria a dar. Para os cinco que aceitaram o convite, combinou-se, então, o melhor dia, horário e local, para que a conversa pudesse acontecer, sem interferir, de forma negativa, na rotina dos mesmos.

Quanto às perguntas que foram dirigidas a eles, trataram-se de questões padronizadas para todos os cinco participantes, a fim de que se pudesse detectar um perfil repetitivo de respostas e, por meio dele, construir a escrita da história do passado da gente negra, fundadora e frequentadora do Clube dos Cutubas.

O questionário da entrevista baseou-se em interrogações, abrangendo a rotina inerente ao cotidiano do clube, na época de sua fundação, bem como nas representações que tinha a instituição aos olhos de associados, com diferentes graus de envolvimento com a mesma. Houve, neste aspecto, três exemplos de homens que estiveram dentro da diretoria do clube, em algum momento de sua trajetória.

Questões, acerca dos estilos de músicas que eram preferencialmente pedidos para serem tocados em dias de bailes e das danças mais ensejadas por seus frequentadores, foram aos participantes dirigidas. Saber sobre as comidas e bebidas, por ventura,

oferecidas ou vendidas em suas festas, também, fez parte do conteúdo dos questionamentos. Uma pergunta no tocante à organização das festas, e mais, especificamente, quanto ao carnaval, foi aos entrevistados direcionada.

Muito elucidativa foi a pergunta feita no sentido de se averiguar a relação dos diretores do Clube dos Cutubas com os dirigentes da UBOL, sindicato operário contemporâneo e parceiro do grêmio negro. Seguindo nesta temática, foi investigada, por meio do uso da história oral, questões que permeavam as profissões dos primeiros participantes da associação. Se havia ou não um certo posicionamento político, uma religião, ou, hábitos e costumes dessas pessoas foram também sondados, durante as conversas.

Por mencionar a oralidade, cabe aludir Verena Alberti, quando da escrita de seu manual, instruindo sobre a arte de fazer história oral. Discorrendo acerca dos longos anos de experiência que teve com a técnica acima mencionada no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, o CPDOC, a pesquisadora argumenta que

[...] a principal característica do documento de história oral não consiste no ineditismo de alguma informação, nem tampouco no preenchimento de lacunas de que se ressentem os arquivos de documentos escritos ou iconográficos, por exemplo. Sua peculiaridade e a da história oral como um todo decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações sócio-culturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu.⁴⁴²

Os relatos decorrentes deste método desempenham um papel um tanto quanto singular, dentre as etapas da pesquisa histórica, posto que, a partir de quem está vivo, remete-se ao que não existe mais, ao que se quer resgatar. O idoso entrevistado, neste caso, funciona como uma ponte, como um elo entre o presente e o passado tensionado.

Neste sentido, Ecléa Bosi atenta para a função social exercida pelo sujeito que lembra. Como se a velhice lhe conferisse esse prestígio e a sociedade o incumbisse de fornecer as lembranças que outros indivíduos, principalmente grupos ainda em atividade produtiva, não estivessem aptos a fazê-lo. O passado que se busca, nessa perspectiva, seria o tesouro comum do qual os mais velhos seriam depositários.⁴⁴³ Sobre as lembranças

⁴⁴² ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990, p. 5.

⁴⁴³ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p. 23-24.

das pessoas idosas, na ótica da pesquisadora,

[...] é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade.⁴⁴⁴

Tendo vivido em um passado em que conjunturas cumpriram seus ciclos, o idoso teria, no tempo presente, o desligamento necessário das demandas atuais da sociedade, para poder reconstituir, espontaneamente, o que aconteceu antes. Nas palavras de Bosi, o homem mais velho, “já afastado dos afazeres mais prementes do cotidiano se dá mais habitualmente à refacção do seu passado.”⁴⁴⁵

Outro aspecto positivo dessa metodologia que cabe ser levantado, é que a fonte oral subsidiada pela técnica da entrevista dá ao pesquisador a primazia de ir direto à fonte e, com ela, dialogar de modo interativo, circunstância que não seria possível, diante de uma fonte documental.

Importante, todavia, observar algumas questões. Tanto o entrevistador, quanto o entrevistado, não possuem isenção e já trazem ideias preconcebidas quanto ao objeto da pesquisa por eles discutido. Deve-se, portanto, atentar para os riscos de enquadramento da memória, tais como privilegiar acontecimentos e preferências da sociedade dos velhos, supervalorizar ou menosprezar personagens e forçar algum entendimento sobre algo que se supõe a respeito do recorte em questão.

Trabalhar com este tipo de fonte requer certa malícia por parte do historiador. Cabe ao profissional que conduz a entrevista, ter a criticidade necessária para discernir acerca dos padrões ideológicos que possam, por ventura, modelar o passado de determinado idoso.

Também se faz interessante a tentativa de colocar em prática o cruzamento das informações, contidas nos relatos narrados, acerca de um mesmo assunto, por diferentes entrevistados, dado o potencial da história oral em permitir o acesso a uma pluralidade de

⁴⁴⁴ BOSI, *Memória e sociedade: lembranças de velhos...* p. 22.

⁴⁴⁵ *Ibidem*, p. 24.

memórias e versões diferentes de um mesmo passado.⁴⁴⁶

Valendo-se, uma vez mais, da abordagem de Alberti, deve-se estar atento, quanto às “possibilidades oferecidas pela história oral no sentido de se investigar a memória lá onde ela não é apenas significado, mas, também, acontecimento, ação.”⁴⁴⁷ Ela argumenta ainda que “[...] a grande riqueza da história oral é ela permitir investigações sobre como representações se tornam fatos – o que pressupõe um caráter “acontecimental” da memória, para além de sua função de “significar” o passado.”⁴⁴⁸

Pela ótica de Le Goff, no que concerne à memória, essa seria “onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro [...]”⁴⁴⁹. De acordo com interpretação de Elsa Peralta, acerca do conceito de memória coletiva, desenvolvido por Halbwachs⁴⁵⁰, o termo estaria diretamente ligado à dinâmica da concepção do grupo, enquanto instituição. De acordo com suas palavras,

[...] a função primordial da memória, enquanto imagem partilhada do passado, é a de promover um laço de filiação entre os membros de um grupo com base no seu passado coletivo, conferindo-lhe uma ilusão de imutabilidade, ao mesmo tempo que cristaliza os valores e as aceções predominantes do grupo ao qual as memórias se referem [...]. Halbwachs considera assim que a memória coletiva é o *locus* de ancoragem da identidade do grupo, assegurando a sua continuidade no tempo e no espaço.⁴⁵¹

O Clube dos Cutubas, como ficou demonstrado em diversos momentos das entrevistas, foi e é, ainda hoje, este lugar identitário, *locus* de pertencimento para muitas pessoas que ali passaram boa parte de sua história de vida. Diante disso, é importante perceber o quanto o resgate das memórias coletivas, referentes à agremiação, podem assegurar a manutenção de sua existência, em termos simbólicos.

Pesquisas de cunho acadêmico, que lancem luz às trajetórias remotas de pessoas vinculadas ao grêmio, podem ser a possibilidade de que sua história seja, a cada estudo,

⁴⁴⁶ ALBERTI, *História oral: a experiência do CPDOC...* p. 6.

⁴⁴⁷ Ibidem.

⁴⁴⁸ ALBERTI, *História oral: a experiência do CPDOC...* p. 10.

⁴⁴⁹ LE GOFF, *História e memória...* p. 478.

⁴⁵⁰ Discípulo de Émile Durkheim, o sociólogo francês Maurice Halbwachs desenvolveu e aplicou o conceito de memória coletiva em três de suas principais obras. De 1925 a 1950, o teórico explorou o termo, inserindo-o em suas pesquisas, com o intuito de demonstrar a forma como o passado é acionado nas lembranças relativas a grupos, sendo eles familiares ou não.

⁴⁵¹ PERALTA, Elsa. Abordagens Teóricas ao Estudo da Memória Social: Uma Resenha Crítica. In: *Arquivos da Memória: Antropologia, Escala e Memória*, n. 02 (nova série). Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa, 2007, p. 4-23.

melhor desnudada. É um possível caminho para a legitimação do passado da instituição no tempo presente e a garantia de que os registros, acerca de sua velha guarda, permitam reconhecê-la, enquanto detentora de memórias coletivas que identificam o clube e justificam sua fundação, nos anos 1920.

Nesse sentido, endossando a narrativa do local dos pretos, por excelência, cabe ilustrar os dizeres do senhor Elpídio Rodrigues, um dos mais antigos membros do Cutubas, ainda vivo, tendo composto sua diretoria em variadas ocasiões. Ao demonstrar sentimento de pertencimento ao clube, ele diz:

[...] eu sou apaixonado por aquele, aquele... eu considero aquilo lá como a minha casa, sabe? Sou apaixonado, porque ali, passaram, né [sic]? Meu pai, meus irmãos... todo mundo foi diretor lá, [...] a minha família, é a que mais deu diretor pra [sic] aquele clube, até hoje, toda vida.⁴⁵²

Nascido no dia dois de setembro de 1932, poucos anos após o início das atividades do clube na cidade, este simbólico representante dos tempos áureos do Cutubas, viu-se vinculado à instituição, desde a infância. A lembrança das matinês lotadas é ainda nítida em suas recordações.⁴⁵³

Elpídio, pedreiro por profissão, mas músico por paixão, ao estabelecer a cronologia dos fatos de sua vida, durante a entrevista, aponta o Cutubas como um elo entre ele e uma outra grande paixão sua: a música. Ele reconhece, na figura do clube, o principal propiciador para que tenha aflorado em seus ouvidos, desde menino, o gosto musical.⁴⁵⁴

Ainda criança, com seus 08 anos de idade, aproximadamente, ele já frequentava os bailes no clube, por volta do ano de 1940, acompanhando sua tia, Rita, que gostava de ir ao Cutubas, para poder dançar.⁴⁵⁵ Sobre esta fase da vida, senhor Elpídio narra emocionado o trecho abaixo transcrito:

As memórias que eu tenho é que é... é que eles faziam muitos bailes de festa, e... e tinha assim contato com a cidade vizinha [...], de vez em quando eles faziam um baile lá diferente, inclusive até eu ia sabe? Com aquela idade minha de 8, 10 anos, eu ia com uma tia sabe? Que ela tinha medo de vir pra casa sozinha, então me levava. Naquela época, o baile

⁴⁵² RODRIGUES, Elpídio. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguete. Leopoldina, nov. de 2021.

⁴⁵³ Ibidem.

⁴⁵⁴ Ibidem.

⁴⁵⁵ Ibidem.

começava 8 horas, terminava, meia-noite. Isso são as memórias que eu tenho, assim. Então eu, acompanhei assim o clube, né [sic] ... pela minha tia, que era dançarina né [sic]? Todos os domingos tinha baile. Aí, eu ia com ela todos os domingos no baile, e com aquilo ali, negócio de baile, baile, resultado: o que que aconteceu comigo? Música. Era apaixonado por música. Então, ali eu aprendi gostar de música, quando na idade de 16 anos eu passei a tocar, no Clube dos Cutubas.⁴⁵⁶

Corroborando o enfoque do pertencimento, outro ex-diretor do Cutubas, senhor Américo Silva, mais conhecido na cidade como Merquinho, foi categórico, ao classificar o clube, quanto a seu público. Merquinho, um jovem senhor, nascido em 23 de março de 1945, não presenciou as primeiras décadas da associação no local, mas traz na memória nítidos relatos de frequentadores de gerações anteriores à sua.

Ao se referir à época de fundação, de acordo com seus dizeres, “[...] naquela época, [...] aqui era casa de lazer dos negros, casa de lazer, não tinha outro. Que tinha aqui o Clube Leopoldina mas não podia entrar preto, não. Pessoa escura.”⁴⁵⁷ Merquinho complementa o raciocínio e atesta seu afeto pelo lugar ao afirmar: “[...] Eu gosto demais do Cutubas, eu pertencço à família Cutubas, eu pertencço.”⁴⁵⁸

Dona Geralda da Cruz Dias, nascida em 01 de abril de 1941, recorda-se bem de seus pais e sogro, quando conta sobre os bailes do Cutubas, em sua juventude. Seu pai, o senhor João Bento da Cruz, era “tocador de sanfona de mão cheia”⁴⁵⁹, e, segundo ela, tocava em tudo quanto era bailinho, no entorno de onde eles moravam, naquele tempo, o bairro Alto do Cemitério.⁴⁶⁰

A entrevistanda, reforçando o aspecto agregador conferido à agremiação, assim como pontuado pelos outros dois participantes anteriormente citados, destaca, também, seu caráter de união e reciprocidade, que, de acordo com observação da mesma, “tratava a gente como gente”.⁴⁶¹

Gente essa que demonstrou, tanto ao longo das atas de reuniões analisadas, quanto diante dos relatos coletados, bastante apreço pelo costume de festejar. Os bailes do clube, memoráveis nas lembranças de quem os vivenciou, eram uns dos principais argumentos

⁴⁵⁶ RODRIGUES, Elpídio. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguete. Leopoldina, nov. de 2021.

⁴⁵⁷ SILVA, Américo. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguete. Leopoldina, nov. de 2021.

⁴⁵⁸ *Ibidem*.

⁴⁵⁹ DIAS, Geralda. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguete. Leopoldina, fev. de 2022.

⁴⁶⁰ *Ibidem*.

⁴⁶¹ *Ibidem*.

para que se reunissem, não somente no dia das festas em si, mas, principalmente, em prol de sua organização.

Tais manifestações, imbricadas de signos culturais, devem ser exploradas no intuito de se agregar valor à pesquisa. Como afirmado por Ronaldo Vainfas, ao prefaciá-la obra de Rachel Soihet, por este estudo explorada, “A festa transformou-se em objeto da história [...], campo privilegiado para o historiador decifrar conflitos e tensões sociais [...]”⁴⁶². Está colocado pelo pensamento da referida autora:

[...] A festa constitui um palco onde a dialética dominação/ resistência marca presença, possibilitando ao historiador, munido do método indiciário, alcançar os significados sociais, por vezes inacessíveis por outros caminhos.⁴⁶³

No caso do Clube dos Cutubas, inúmeros foram os tipos diferentes de festejos rememorados por seus antigos frequentadores, quando indagados. Muito além das comemorações do carnaval, também, compuseram o leque de opções da agremiação ao longo do tempo, conforme relatado pelos entrevistados, baile rosa, baile azul e baile roxo, dentre inúmeras outras festas.

As festividades temáticas, desde as primeiras décadas de história do clube demonstraram constituir uma permanência em seus hábitos ao longo do tempo. A festa da rainha, por exemplo, foi apontada, não somente pela oralidade explorada, com relação a um tempo mais recente, como, também, em diversas atas de reuniões dos primeiros anos do Cutubas, investigadas para o estudo.

Merquinho, ao ser remetido às festas de seu tempo de diretor no recinto em questão, lembrou com detalhes dos eventos, muitas vezes por ele organizados. De acordo com sua narrativa, “[...] fazia baile dos casados, depois fazia baile dos solteiros. Tinha baile da primavera, baile da rainha, tinha. Vendia votos para ter a rainha. Rainhas e princesas [...] do Clube Cutubas.”⁴⁶⁴

Ele contou, ainda, sobre os concursos de dança promovidos pelo clube, das festas juninas e de uma comemoração realizada no dia 13 de maio, que constava de um desfile de carroças pelas ruas da cidade. Na ocasião, era feita uma espécie de batuque no trajeto,

⁴⁶² VAINFAS, Ronaldo. In: SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 8.

⁴⁶³ SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 25.

⁴⁶⁴ SILVA, Américo. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Rigueti. Leopoldina, nov. de 2021.

enquanto cantavam versos antigos⁴⁶⁵, segundo palavras de Merquinho.

No que concerne à organização dos eventos, senhor Elpídio destaca a participação ativa das mulheres associadas nesse quesito, quando, desde os bastidores, elas davam suas mais diversas contribuições, para que as festas ocorressem. Conforme seus relatos,

[...] elas é que organizavam a festa, né [sic], marcava a festa... e as festas que tinha na época, é o que? Era bailes de... de cor diferentes, tinha época que baile rosa, tinha época que é baile azul, tinha... até baile roxo, eu num [sic], num [sic] peguei não. Agora o baile, o baile azul, baile rosa... isso aí eu peguei porque eu ia com a minha tia, sabe? E eu cheguei a tocar também nesses bailes na minha época, eu cheguei a tocar. E tinha o baile chita. Ah, isso era coisa da... coisa da época. Depois, no decorrer do tempo as coisas foi modificando. Todo ano tinha festa de rainha, é, é... era muito animado [...]. Ali era muito animado.⁴⁶⁶

Nas atas de reuniões, também, é apontado o protagonismo das moças, quando dos assuntos comemorativos. Pode-se citar, nesse sentido, o documento do dia 31 de maio de 1927, que discorreu sobre os festejos do “mês de Maria”, evento relacionado à igreja católica do local. A comissão responsável pelo assunto fez um pedido de realização de leilões, ficando as senhoritas da agremiação designadas para tomarem a frente do mesmo, que iria acontecer no dia 02 de junho daquele ano.⁴⁶⁷

Interessante mencionar que, naquela mesma reunião, foi relatado questionamento, acerca da participação feminina na hierarquia do clube, por suas associadas presentes na assembleia, fato esse que resultou na reintrodução do extinto cargo de “senhorita procuradora”. Minervina Alves foi a escolhida para ocupar a posição.⁴⁶⁸

Já no dia 23 de março de 1934, foi registrado um encontro do grupo em prol de que pudesse ser discutida a questão do micareme, comemoração bastante popular no clube àquela época, posto que celebrada em variados anos do recorte observado. Conforme as palavras do 1º secretário do clube naquele tempo, o senhor Francisco Martins de Oliveira, “[...] ficou resolvido que o enfeite para o baile do micarene [sic] será feito de papel verde

⁴⁶⁵ SILVA, Américo. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Rigueti. Leopoldina, nov. de 2021.

⁴⁶⁶ RODRIGUES, Elpídio. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Rigueti. Leopoldina, nov. 2021.

⁴⁶⁷ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 31 de mai. 1927, p. 8-9.

⁴⁶⁸ *Ibidem*.

e côr [sic] de roza [sic].”⁴⁶⁹

Ainda no ano de 1934, no dia 18 de maio, foi a vez do baile da rainha entrar em cena. Sobre a festa, discutida em reunião previamente, conforme proposta do senhor Nestor Maximiano, ficou decidido que seria apresentada uma homenagem, tocada a piano e bateria pelo senhor Mário Malaquias, para aquela que fosse coroada a rainha do clube. Foi apontada, ainda, a necessidade de se começar logo o serviço do trono, na semana seguinte, caso contrário, ele não ficaria pronto a tempo. Os encarregados por este serviço seriam os senhores Nestor e José Martins.⁴⁷⁰

Por ter mencionado o catolicismo atrelado ao assunto das festas, notado nas atas de reuniões, no tocante às entrevistas, o senhor Manoel Bernardo da Cruz relatou acerca do precipitado início do carnaval no clube. Um dos mais antigos frequentadores ainda vivos do Cutubas, nascido em 15 de outubro de 1931. De acordo com suas memórias, o “Cutubas na época [...], nós, por exemplo, véspera de ano, vinha à missa na Catedral, já descia da Catedral, começava o grito de carnaval. Dia de véspera de ano, dia de ano. Começava o carnaval no dia de ano [...].”⁴⁷¹

Senhor Manoel, hoje com 90 anos completos, não soube precisar, com exatidão, a época de que se trata o costume por ele explanado acima, acerca do carnaval. Tendo morado na zona rural de uma região próxima a Santo Antônio de Pádua, o antigo frequentador do clube negro não passou sua infância em Leopoldina, vindo a residir, na cidade, tempos depois.⁴⁷²

Os relatos de Merquinho vieram a corroborar a informação do senhor Manoel, quando a respeito do carnaval, disse que “organizavam lá na época, porque o clube fazia aniversário dia primeiro. Então, no dia primeiro, saía um bloco na rua, e aquele bloco, saía todos os domingos, até chegar o carnaval.” Fica então constatado o fato do clube iniciar suas comemorações de carnaval já no primeiro dia do ano, o 1º de janeiro, posto que seu aniversário de fundação.⁴⁷³

A ata de reunião, do dia 20 de dezembro de 1927, veio a confirmar os testemunhos dos entrevistados, com relação à festa que se realizaria no primeiro dia do ano de 1928.

⁴⁶⁹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 23 de mar. 1934, p 47.

⁴⁷⁰ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 18 de mai. 1934, p. 55.

⁴⁷¹ CRUZ, Manoel Bernardo da. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Rigueti. Leopoldina, jan. de 2022.

⁴⁷² *Ibidem*.

⁴⁷³ SILVA, Américo. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Rigueti. Leopoldina, nov. de 2021.

Na ocasião, na qual planejavam o evento, fora registrado que os associados discutiram questões sobre os convites e o presidente aproveitou para destacar a importância de que “todos fossem gentis para com os convidados de fora”.⁴⁷⁴

No que concerne ao catolicismo, este aparece nos relatos dos entrevistados, sendo por eles apontado como a religião oficial da maioria dos componentes da diretoria do Cutubas e de seus associados, em suas primeiras décadas de existência. Os três homens entrevistados, cujas memórias remetem ao recorte temporal desta pesquisa, foram concordantes, ao serem questionados, afirmando ser a religião católica a principal professada por seus frequentadores.

Senhor Elpídio, por exemplo, disse que “São católicos, né? [...] todo mundo.” Ao ser perguntado acerca de integrantes da agremiação que, por ventura, frequentassem alguma religião de matriz afro, ele foi enfático: “Não. Isso aí não tinha não porque na época só mesmo a católica que falava a verdade, sabe?”⁴⁷⁵

Sobre o depoimento de Merquinho, de acordo com as lembranças que traz na memória, acerca de integrantes do clube, que vieram antes dele, ele relatou que “Ah, no geral, pra ser sincero, eram católicos, aqueles católicos que, que é muito... entendeu? É católico e não é, mas fé em Deus sobre tudo, [...] então é catolicismo. É pai nosso que estais no céu.”⁴⁷⁶

Quanto aos relatos do senhor Manoel, no tocante à religião do grupo, ele contou que “Era tudo católico. Tudo católico.” Quando questionado sobre algum outro tipo de religião, de origem africana, por exemplo, ele deu a seguinte resposta: “Tudo católico. Tudo católico. Não tinha... quase isso aqui. Se tinha umbandista lá, ele... ele só frequentava fora né? Nem comentava com ninguém no Cutuba. Não comentava com ninguém no Cutuba. Não costumava nem falar.”⁴⁷⁷

Dona Maria da Conceição Rangel dos Santos, uma das entrevistadas, nascida em 16 de dezembro de 1945, recorda-se bem das histórias que sua mãe, dona Maria da Paixão Rangel, mais conhecida como Maria Rogéria, contava-lhe. Ela nascera em 01 de abril de 1917, e, apesar de ser esporadicamente, segundo a filha, chegou a frequentar os bailes do

⁴⁷⁴ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 20 de dez. 1927, p. 13.

⁴⁷⁵ RODRIGUES, Elpídio. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguete. Leopoldina, nov. de 2021.

⁴⁷⁶ SILVA, Américo. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguete. Leopoldina, nov. de 2021.

⁴⁷⁷ CRUZ, Manoel Bernardo da. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguete. Leopoldina, jan. de 2022.

Cutubas em sua juventude, quando veio da roça para morar na cidade. Dona Maria Conceição, também, participou de alguns bailes.⁴⁷⁸

De acordo com dona Maria, a filha, sua mãe inaugurou um dos primeiros centros de Umbanda no bairro Pirineus, o Nossa Senhora do Desterro. Afinal, desfrutava de um dom espiritual que, desde muito moça, converteu em ajuda àqueles que a procuravam. Razão essa pela qual não lhe sobrava muito tempo para aproveitar sua vida, fazendo outras atividades, além das religiosas.⁴⁷⁹

Dos poucos episódios que a mãe contou sobre o Cutubas, dona Maria lembra-se de ouvi-la relatar que, algumas vezes, os bailes estavam tão cheios que não havia nem condições de entrar. Então, o povo aproveitava do lado de fora, da calçada mesmo. Como ela disse, “às vezes nem a pessoa entrava, ficava ali do lado de fora, dava uma volta no jardim, fazendo hora pra... pra passear [...]”⁴⁸⁰

A filha chegou a ir com a mãe algumas vezes, tempos depois, a alguns bailes de carnaval, no salão do clube. Sobre a diretoria àquela época, ela relatou o seguinte: “assim, pra te falar a verdade, eles não davam nem confiança. Pra eles assim, acabou o baile, acabou a gandaia, tinha que rapar fora pra desocupar o Cutubas.”⁴⁸¹ Ainda nas palavras de dona Maria,

[...] chegava lá, sambava, acabava e vinha embora. Até as vezes eu estava lá também. Nós [...] aí vinha, subia todo mundo. O falecido papai não gostava de carnaval. Aí a gente chegava tinha zum-zum-zum. Mas aquilo era só pra banzar mesmo, que eu me lembro que antigamente era rigoroso.⁴⁸²

O Clube dos Cutubas tem sua localização em um ponto da parte central da cidade, que fica bem próximo da Praça Gama Cerqueira, mais conhecida como Praça do Urubu. O logradouro, que se defronta com a rua Sete de Setembro, também, é via de acesso para alguns dos bairros que ficam na parte mais elevada da cidade, como o Alto do Cemitério e o Pirineus.

Os negros costumavam se encontrar exatamente ali, na praça, cujo apelido alude

⁴⁷⁸ SANTOS, Maria da Conceição Rangel dos. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Rigueti. Leopoldina, fev. de 2022.

⁴⁷⁹ Ibidem.

⁴⁸⁰ Ibidem.

⁴⁸¹ Ibidem.

⁴⁸² Ibidem.

ao racismo explícito, ponto de junção, entre os caminhos percorridos por muitos deles, no trajeto, em busca da diversão, representada pelo clube. A origem do termo para o local é controversa, apesar das impressões pejorativas que sugere, de acordo com o imaginário popular.

O fato é que o local, ainda hoje, é representativo dessa territorialidade negra, já que, em períodos de carnaval, concentra grande número de foliões a se organizarem para os desfiles de blocos caricatos nas ruas.⁴⁸³ O carnaval, este que permeia variados temas referentes ao Cutubas, volta e meia era citado pelos seus antigos frequentadores, quando da realização das entrevistas.

Seus lendários bailes ainda povoam perceptivelmente a memória de quem compartilhou momentos especiais, em algum instante de sua vida, pelos salões do grêmio recreativo. Algumas relações, iniciadas no chão do Cutubas, transpassaram as portas da associação, ao se convergirem em laços de solidariedade e recíprocos elos de amizade solidificados a se estenderem para além da concessão de uma dança.

3.3 Sociabilidades, trabalho, hábitos e costumes

No que concerne às diversas relações estabelecidas pelos associados, dentro das paredes físicas do clube dos Cutubas, e mesmo fora delas, onde a dimensão simbólica delimita as fronteiras, cabe observar a dinâmica inerente a essas interações. A análise debruçada na rede de sociabilidades, na qual se encontravam inseridos, agrega valor à investigação pautada em desvendar o que movia aqueles homens e mulheres, primeiros frequentadores da agremiação.

Urge atentar para a vida social, posto que é em seus meandros rotineiros que podem ser encontradas as chaves de leitura que dão acesso a realidades históricas mais aprofundadas. Quanto à observação do passado por este viés, Jordi Canal, quando de sua pesquisa, na qual averiguou as relações entre a historiografia e a sociabilidade na Espanha contemporânea, afirmou o seguinte:

Los historiadores debemos hacer [...] un gran esfuerzo para recuperar las voces del pasado, para retomar em plena consideración a los protagonistas de la historia. [...] Una aproximación más compleja y más total al pasado [...], menos apriorística y menos predeterminada,

⁴⁸³ FRANKLIM, *Cutubas: clube de negros, território de bambas - memória e patrimônio afrodescendente de Leopoldina/MG...* p. 25.

debería permitirnos dar pasos más seguros y firmes em el conocimiento de los hombres y las mujeres em sociedad.

No tocante ao significado do termo e à relevância de sua aplicabilidade nas abordagens historiográficas, o teórico orienta:

La palabra sociabilidad existe de antiguo en el vocabulario hispánico. Ya en la edición de 1791 del diccionario de la Real Academia podía leerse lo que sigue: “*Sociabilidad: El tratamiento y correspondencia de unas personas con otras*”. Esta definición ha ido variando, lógicamente, con el paso del tiempo. Su entrada en el vocabulario del análisis histórico es, por el contrario, reciente, como lo fue también la propia conversión de la sociabilidad en objeto de historia. Se trata, no es ningún secreto, de un concepto de importación, proveniente de la historiografía francesa [...].⁴⁸⁴

Convertida em objeto da história, conforme apontado por Canal, a sociabilidade e suas variadas teias de relações, pelas quais os componentes do grupo intercomunicam-se e encontram-se interligados são reveladoras de padrões culturais próprios, forjados na singularidade de sua existência, enquanto sujeitos históricos pertencentes a determinada associação.

Rousiley Maia, ao propor reflexões acerca da noção de sociabilidade baseada nas ideias de Simmel⁴⁸⁵, acrescenta:

A sociabilidade, mais que uma mera categoria de interação social, oferece um frutífero ponto de partida para se examinar a dinâmica da experiência vivida e seus modos sociais de organização, mostrando um confronto sempre contraditório e agonístico com as ordens normativas e os padrões culturais mais amplos da sociedade.⁴⁸⁶

Neste entendimento, trazendo a questão para dentro do clube, enquanto representante de uma esfera cultural ampla, visa-se analisar a categoria de sociabilidade, através de algumas relações pelo grupo de frequentadores estabelecidas. Diante de alguns

⁴⁸⁴ CANAL, Jordi. Historiografía y sociabilidad en la España contemporánea: Reflexiones con término. *Vasconia*. Cuadernos de História-Geografía, España, n. 33, p. 11-27, 2003. Disponível em: < <https://ojs.eusko-ikaskuntza.eus/index.php/vasconia/article/view/267> >. Acesso em: 19 de fev. 2022.

⁴⁸⁵ O sociólogo alemão George Simmel é o defensor da ideia de que a sociedade é o produto das interações entre os indivíduos. Em sua acepção, a sociabilidade seria uma forma espontânea de interação, a qual não necessitaria de qualquer grau de envolvimento entre os sujeitos históricos. Conferir SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: FILHO, E. M. (org). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, p. 165.

⁴⁸⁶ MAIA, Rousiley. Sociabilidade: apenas um conceito. *Gerais - Revista de Comunicação Social*, Belo Horizonte, n. 53, p. 4-15, 2001. Disponível em: < <https://www.academia.edu/> >. Acesso em: 19 de fev. 2022.

fragmentos extraídos das entrevistas, foi possível observar certos vínculos e hábitos cabíveis de reflexão.

Senhor Elpídio, por exemplo, fez questão de relatar uma percepção que teve ao longo do tempo, acerca de um costume antigo do clube relacionado ao carnaval. Segundo suas impressões, desde os primórdios do Cutubas, época em que ainda era criança, lembra-se de já existirem os ensaios da porta-bandeira, aquela que abria o desfile carnavalesco da agremiação no ano em questão.⁴⁸⁷

Em seus relatos, descreve como os ensaios da porta-bandeira eram apreciados pelos sócios, posto que reuniam muitos frequentadores e eram tão animados quanto o próprio desfile. O que mais chamou a atenção de Elpídio, ao ter presenciado tantos desses eventos, por longos anos de sua existência, foi a quantidade de namoros que eles renderam aos participantes.⁴⁸⁸

Segundo o entrevistado, muitos casais foram formados na vida real, a partir daqueles treinos, inclusive um parente seu, senhor Vanor Barbosa, que teria constituído matrimônio com dona Terezinha, após ser seu par na representação da abertura de determinado carnaval. Diversas foram essas situações, de acordo com Elpídio. Em suas palavras, “[...] começou com esse negócio de ensaio, e quando via, dava em casamento.”⁴⁸⁹

Merquinho, também, chegou a citar os tais ensaios, quando questionado sobre o período da festa de Momo no clube. De acordo com suas memórias, ele narra:

O carnaval era um show porque tinha muita costureira que ficava ali dia e noite fazendo fantasia, entendeu? Ensaio de mestre-sala e porta-bandeira, é... então, a prefeitura, ela contribuía com algumas, como falava na época? É um nome, que falava lá... contribuía com algum dinheiro pra você comprar roupa [...].⁴⁹⁰

O fragmento acima deixa à mostra que, por meio da festa, e do carnaval, mais especificamente, várias outras relações iam sendo costuradas, a fim de que o evento tivesse êxito. A intervenção das costureiras, por exemplo, vem ressaltar a mobilização em

⁴⁸⁷ RODRIGUES, Elpídio. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguete. Leopoldina, nov. de 2021.

⁴⁸⁸ *Ibidem*.

⁴⁸⁹ *Ibidem*.

⁴⁹⁰ SILVA, Américo. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguete. Leopoldina, nov. de 2021.

torno da comemoração, não deixando transparecer, entretanto, se havia algum tipo de remuneração, nesses casos.

Pelo comentário de Merquinho, percebe-se, também, um certo tipo de relacionamento, estabelecido entre a diretoria do clube com os políticos locais, ao passo que, de acordo com a informação, chegavam a receber incentivos em dinheiro para impulsionar a realização de seus desfiles. Fato este que vem a ser corroborado por algumas atas de reuniões, demonstrando que, desde os anos 1920, tais interações já eram mantidas.

No documento do dia 8 de outubro de 1927⁴⁹¹, fica explícito certo vínculo mantido com mandatários locais, como os irmãos Custódio e José Monteiro Ribeiro Junqueira, personalidades da alta sociedade daquele lugar. Ambos já atuavam há alguns anos na política local e eram os herdeiros das famílias mais abastadas, entre as oligarquias cafeiras mineiras, conforme já demonstrado por este estudo.

De acordo com o relatado no registro, “officou-se [sic] aos Exmos. Srs. Drs. Custódio Monteiro Ribeiro Junqueira e Ribeiro Junqueira pelo valioso auxílio de 50\$000 dado para a Séde [sic] da Sociedade e conferindo a ambos o título de sócio Benemérito por 2 annos [sic].”⁴⁹²

Vale lembrar que, por esta época, os planos da sociedade racializada para um futuro próximo era ter sua própria casa, deixando de depender do pagamento de aluguel. A boa vontade de seus sócios, ao emprestarem suas residências e os laços de amizade com outras entidades, como foi o caso da UBOL, que cedeu seu espaço algum tempo depois para que os encontros continuassem ocorrendo, também não devem ser desconsiderados, neste contexto.

São várias as interpretações que explicariam o que poderia haver por trás desta espécie de conexão com os poderosos locais. A “ajuda” pode ter sido possibilitada por meio de diálogos facilitados, através de relações trabalhistas que alguns daqueles diretores do clube, por ventura, tivessem com os irmãos que costumavam ser patrões de muitos naquele tempo.

Também não se deve descartar a hipótese que engloba a dimensão política por trás dos relacionamentos, dado o perfil dos envolvidos. Aos irmãos, seria bastante interessante fazer agrados, no sentido de garantir votos, em eleições futuras. Já o clube, enquanto

⁴⁹¹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 08 de out.1927, p. 10-11.

⁴⁹² *Ibidem*.

representante da parcela negra da população leopoldinense, simbolizava um curral eleitoral em potencial, dados os indícios de considerável quantitativo em seu quadro de participantes.

Talvez as duas conjecturas permeassem as relações envolvendo o clube, seus frequentadores e a família Ribeiro Junqueira. O fato é que a referência a um tipo de ligação entre eles, confirmada pelo valor em dinheiro, doado e pela homenagem descrita em ata, não deve ser ignorada

Na mesma ata de reunião, há registros de que foi aproveitada a ocasião para oficiarem, também, a homenagem ao “excelentíssimo” senhor Cândido Velloso, presidente da União Beneficente Operária Leopoldinense, pela recente fundação do órgão em benefício do proletariado na cidade, em setembro daquele ano.⁴⁹³

Relatos como estes descritos acima tornam tal ata testemunho de que os membros mais influentes da agremiação carnavalesca dos Cutubas mantinham estratégicos laços de amizades, ainda que desconhecidas as reais intenções, por trás de algumas relações. Os fundadores do clube encontravam-se, dessa maneira, respaldados por uma teia de relações, nutridas com outras territorialidades do cotidiano de Leopoldina, em finais da década de 20, do século passado.

O intuito dessas táticas era, possivelmente, dar sequência e tornar viável a sua existência, enquanto instituição, buscando introduzi-la na dinâmica das representações da cidade. As posturas denotam atitudes de resistência por parte do grupo. Para tanto, disputavam seus próprios embates, internos, mantendo, porém, certa neutralidade, quanto a posicionamentos mais delineados, politicamente falando, no âmbito municipal do poder.

Alguns meses antes do mencionado acima, no dia 29 de maio, constatou-se, por meio dos registros da agremiação, que “foi lançado na Acta [sic] um voto de louvor e agradecimento a “*Gazeta de Leop*” [sic]” pelo annuncio [sic] da Directoria [sic] eleita e notícias da futura séde [sic].”⁴⁹⁴

Diante de tal homenagem, presume-se o engajamento manifestado por aqueles homens e mulheres negros, em prol de se inserirem na teia de sociabilidade, ligada à intelectualidade da imprensa local, já nos primórdios de sua existência. Também, fica evidente ao leitor o apreço demonstrado por constatarem referências suas no jornal em questão.

⁴⁹³ Ibidem.

⁴⁹⁴ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 29 de mai. 1927, p. 6-7.

Quanto aos relacionamentos entre os frequentadores que extrapolaram as paredes do clube, esses não se deram apenas por meio de casais que se uniram em matrimônio. Puderam ser detectadas, por exemplo, algumas relações comprovando elos sólidos de amizade, quando a parceria estendia-se à dimensão familiar da dinâmica cotidiana.

Uma pesquisa nos arquivos da Igreja Católica da cidade foi realizada com o intuito de se confirmarem algumas suspeitas. Desta forma, por meio de livros de batismo, das décadas de 1920 e do início da década de 1930, do acervo daquela instituição religiosa, conseguiu-se levantar alguns dados interessantes, envolvendo membros do clube.

O material disponível para a consulta, por meio da permissão do bispo da diocese de Leopoldina, dom Edson José Oriolo dos Santos, possuía livros a partir do ano de 1924. Dessa coleção sondada para o estudo da fase final da dissertação, partes de alguns livros encontravam-se em demasiado estado de deterioração, muitos pela ação do tempo.

Foi possível dar sequência em tal investigação até o ano de 1933, quando, por ocasião de atraso no início da exploração de tais documentos, em razão da pandemia do Coronavírus, o cronograma tenha ficado comprometido. A pesquisa iniciou-se em setembro de 2021 e foi encerrada em dezembro do mesmo ano.

Os documentos, sob os cuidados da administração da Catedral de São Sebastião, ficam na secretaria da mesma, onde foram examinados. Os indícios ali encontrados foram reveladores de relações de reciprocidade que não se limitavam às fronteiras físicas do Clube dos Cutubas.

Seus integrantes, muito além de compartilhar horas amenas e divertidas em seus bailes, ou se reunirem para tomar decisões importantes sobre a agremiação, também, construíram laços mais profundos, no âmbito familiar das relações, extrapolando os limites do clube. Fato que ficou comprovado, quando da análise dos documentos examinados, posto que muitos apadrinharam os filhos de seus amigos, no sacramento do batismo da Igreja Católica.

Importante ressaltar que o estudo pautou-se em observar nomes próprios que fugiam de um padrão comum de nomenclatura, visando diminuir a possibilidade de que se tratasse de outro habitante da cidade, sem relação alguma com o Cutubas, simplesmente possuindo o nome com grafia idêntica a algum de seus sócios.

Nessa abordagem, um nome, que se destacou nos livros rastreados da citada

igreja, foi o do senhor Avelino Constantino Vidal.⁴⁹⁵ No livro de atas do Cutubas, a partir do ano de 1935, há menções a um tal Avelino Constantino, homem que, apesar de não ter sido citado nos documentos anteriores do clube, quando apareceu, foi para constar que estava trabalhando na obra da reforma da sede da agremiação.⁴⁹⁶

Arriscado afirmar que se tratavam da mesma pessoa, mas o fato é que o homem em questão, no ano de 1930, batizou uma filha, Maria das Dores, também, filha de Antônia Marcelina da Costa, possivelmente esposa do senhor Constantino, apesar de não ter seu sobrenome.⁴⁹⁷

Os padrinhos da menina foram os senhores Avelino Teixeira da Silva, mesmo nome que aparece no livro de atas, exercendo o cargo de segundo secretário do clube por um período de tempo⁴⁹⁸, e Benedicta Marcelina da Costa⁴⁹⁹, provável irmã da mãe da criança.

Maria das Dores, de acordo com o comprovante, teria nascido em 18 de setembro de 1929, sendo que, em 24 de abril de 1932, fora a vez de um irmão seu vir ao mundo, Antônio Carlos. Desta vez, o bebê tivera por madrinha Maria Annunciata dos Santos.⁵⁰⁰ Nos documentos referentes às reuniões do Cutubas, constam, também, este mesmo nome feminino, como uma de suas associadas.⁵⁰¹

De acordo com as atas, a senhorita Annunciata era bastante ativa dentre as ações do clube. Tendo integrado comissões organizadoras de festas, quando do período de tempo analisado, ela concorreu, também, a um concurso de rainha do Cutubas, no qual fora homenageada como dama da agremiação.⁵⁰²

Como uma via de mão dupla, a amizade estabelecida entre o senhor Avelino Teixeira e seu homônimo, Avelino Consantino, fez com que este segundo, fosse padrinho do filho daquele primeiro, também. O afilhado, que também se chamava Antônio, recebera o sacramento católico, no dia 31 de maio de 1931⁵⁰³, porém, a data de seu nascimento não foi possível identificar.

Um outro Avelino chamou a atenção na coleção de livros sacros. Afinal, Avelino

⁴⁹⁵ *Livro de Batismo*. Leopoldina. Acervo da Catedral de São Sebastião, 1929-1930, Livro 24.

⁴⁹⁶ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 29 de mai. 1927, p. 6-7.

⁴⁹⁷ *Livro de Batismo*. Leopoldina. Acervo da Catedral de São Sebastião, 1929-1930, Livro 24.

⁴⁹⁸ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 13 de jul. 1934, p. 63.

⁴⁹⁹ *Livro de Batismo*. Leopoldina. Acervo da Catedral de São Sebastião, 1929-1930, Livro 24.

⁵⁰⁰ *Livro de Batismo*. Leopoldina. Acervo da Catedral de São Sebastião, 1931-1932, Livro 25.

⁵⁰¹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 02 de jun. 1934, p. 57.

⁵⁰² *Ibidem*.

⁵⁰³ *Livro de Batismo*. Leopoldina. Acervo da Catedral de São Sebastião, 1931-1932, Livro 25.

José da Silva, também, consta no livro de atas, como secretário do clube, desde seu início, quando da fundação, até o ano de 1932.⁵⁰⁴ Grande colaborador da casa, o senhor em questão deu significativas contribuições, enquanto compôs a direção do Cutubas.

Participativo, esse Avelino, costumeiramente, pedia a palavra nas reuniões e sugeria alguma ideia, em relação à organização dos bailes e eventos. Foi o ocorrido no dia 30 de maio de 1929, quando ele deu uma ideia para que a agremiação conseguisse juntar algum dinheiro. Sugeriu a criação de uma tómbola.⁵⁰⁵

Quanto à sugestão em prol de se angariar uma renda extra ao grêmio, tratava-se de uma espécie de loteria para fins beneficentes, em que ganha quem primeiro completa uma tabela. Ainda de acordo com o mesmo documento, a associação deveria auxiliar, com o valor de oito mil réis, a moça que arrecadasse a maior quantidade de dinheiro em prol do clube, valor que deveria ser entregue no próximo carnaval.⁵⁰⁶

Avelino José e dona Maria José Santiago, a mãe da criança, batizaram o filho, Wantuil, no dia 11 de dezembro de 1930.⁵⁰⁷ O casal teve por compadre, na ocasião, o senhor Roberto de Souza Filho, que aparece nos documentos da agremiação negra, sugerindo um laço solidificado de amizade que não se resumiu aos encontros do clube.

Outras situações, sugestionando amizades que transcenderam o Cutubas ou mesmo que já existiam, antes da criação do clube, foram detectadas nos livros de batismos. É o caso do batizado de uma filha do senhor Felismino Silva, nascida em 3 de dezembro de 1930.⁵⁰⁸ O padrinho da menina foi o senhor Agostinho José da Silva. Ambos os nomes mencionados estão também registrados como frequentadores da associação racializada. Seriam as mesmas pessoas?

Bastante frequente nos registros da igreja foi o nome do senhor Francisco Martins de Oliveira. Tendo exercido o cargo de segundo secretário do Cutubas, ele assumiu como primeiro secretário, quando o senhor Avelino José se afastou da diretoria.⁵⁰⁹ Figura emblemática deste estudo, posto que escrivão do clube, ele redigiu quase todas as atas de reuniões para o período em que foram analisadas.

Francisco aparece, tanto em batizados de seus filhos, quanto apadrinhando os

⁵⁰⁴ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 02 de jun. 1934, p. 63.

⁵⁰⁵ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 30 de mai. 1929, p. 19-21.

⁵⁰⁶ *Ibidem*.

⁵⁰⁷ *Livro de Batismo*. Leopoldina. Acervo da Catedral de São Sebastião, 1929-1930, Livro 24.

⁵⁰⁸ *Livro de Batismo*. Leopoldina. Acervo da Catedral de São Sebastião, 1931-1932, Livro 25.

⁵⁰⁹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 21 de fev. 1932, p. 33-35.

filhos de amigos, como no dia 20 de setembro de 1931, em que foi padrinho de João, filho de Jovita Maria dos Santos. O nome do pai da criança não foi possível de se identificar, mas possuía sobrenome Saldanha dos Santos.⁵¹⁰

Outros nomes sugestivos de serem frequentadores do clube negro puderam ser notados nos livros de batismos, atestando a presença do catolicismo na vida destas pessoas, ainda que oficialmente falando. Muitos deles batizaram seus filhos na igreja.

Mário Malaquias de Souza, Maximiano Braga, Mariano Guimarães, Honorina de Jesus, Garibaldi Cerqueira e Carliles Gonçalves de Oliveira são os nomes que foram percebidos, tanto nos livros do sacramento católico⁵¹¹, quanto na coleção de atas do Clube dos Cutubas, de 1927 a 1935. Quanto ao senhor Carliles, esse é apontado no livro de atas, como sendo um frequentador, além de músico que tocava em festas do clube, contratado pelo mesmo.

Por mencionar o senhor Garibaldi Cerqueira, esse tratava da venda de automóveis, conforme anúncio da edição 213 da *Gazeta de Leopoldina*, de 06 de fevereiro de 1927⁵¹². Garibaldi Cerqueira, consta também como gerente do jornal nas edições do ano de 1923.⁵¹³ Seria o mesmo que fora o tesoureiro do Cutubas no ano de 1927 e pedira renúncia do cargo, em 08 de outubro, do mesmo ano⁵¹⁴?

Urge, portanto, observar, ainda, características do cotidiano dessa gente com relação aos variados tipos de trabalho que desempenhavam naquela sociedade. Conforme é propagado pelo senso comum por entre a população local, o Clube dos Cutubas era o local para o qual os negros iam se divertir, após as horas de trabalho, muitas vezes pesado.⁵¹⁵ Coube, então, sondar detalhes acerca dessas profissões.

Assim sendo, diante da pergunta referente ao tema do trabalho, direcionada aos idosos, quando da realização das entrevistas, as respostas convergiram para as mesmas direções. Elpídio, Manoel e Merquinho apontaram para uma perpetuação do ramo da construção civil por entre os frequentadores homens do clube, afinal, desde as gerações anteriores a eles, o trabalho de pedreiro ou outras ocupações similares, vinculadas ao

⁵¹⁰ *Livro de Batismo*. Leopoldina. Acervo da Catedral de São Sebastião, 1931-1932, Livro 25.

⁵¹¹ *Livro de Batismo*. Leopoldina. Acervo da Catedral de São Sebastião, 1924-1934, Livros 22, 23, 24 e 25.

⁵¹² *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 213, 06 de fev. de 1927, p. 4. Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina - MG.

⁵¹³ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, 1923. Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina - MG.

⁵¹⁴ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 08 de out. 1927, p. 10-11.

⁵¹⁵ FRANKLIM, *Cutubas: clube de negros, território de bambas-memória e patrimônio afrodescendente de Leopoldina/MG...* p. 10.

universo da obra, mostraram-se como uma permanência.

Senhor Elpídio, por exemplo, que além de músico foi pedreiro, atesta sobre os mais antigos que ele no clube: “No geral, mais era pedreiro. É... carpinteiro, É... doméstica... É o povo que frequentava na época.”⁵¹⁶ Já o senhor Manoel, que também exerceu a profissão de pedreiro, quando chegou a Leopoldina, das épocas anteriores, lembrou-se de ter conhecido um frequentador que segundo ele, “foi um grande construtor dentro de Leopoldina. [...] Chamava Betim, Véio. O Betim Véio. Era o maior construtor.”⁵¹⁷

Merquinho, ao responder sobre sua profissão, disse: “hoje eu sou reparador. Já fui quase tudo, hoje eu sou reparador. Telhado, caixa d’água, infiltração... é comigo mesmo.”⁵¹⁸ Com relação ao passado, acerca das memórias que trazia a respeito das histórias sobre os fundadores do Cutubas, ele contou:

[...] naquele tempo tinha muito pedreiro, carpinteiro, então era trabalho braçal dos negros naquela época, que... os negros tinham pouco estudo, naquela época não estudava tanto. Então um era pedreiro, o outro era carpinteiro, o outro era... era tudo, pintor, o outro era mecânico. Porque não precisava ter estudo, era só ter habilidade pra fazer, igual eu comecei como servente de pedreiro [...].⁵¹⁹

Ao mencionar as profissões dos frequentadores, o entrevistado lembrou-se, também, da relação de proximidade e parceria, estabelecida entre alguns membros da presidência do Clube dos Cutubas e a UBOL, união beneficente dos operários em Leopoldina.

Cabe aqui lembrar que, em alguns momentos, os membros da diretoria, das duas instituições, chegaram a ser os mesmos, atestando que, entre os cutubenses, havia, também, operários. Nesse sentido, consta no jornal *Gazeta de Leopoldina* que o diretor do Clube dos Cutubas, no ano de 1927, o senhor Maximiano Ramiro era o segundo secretário da UBOL, no mesmo ano em questão.⁵²⁰

⁵¹⁶ RODRIGUES, Elpídio. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Rigute. Leopoldina, nov. de 2021.

⁵¹⁷ CRUZ, Manoel Bernardo da. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Rigute. Leopoldina, jan. de 2022.

⁵¹⁸ SILVA, Américo. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Rigute. Leopoldina, nov. de 2021.

⁵¹⁹ Ibidem.

⁵²⁰ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 78, 26 de out. de 1927, p. 1. Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, Leopoldina - MG.

Merquinho, o ex-diretor entrevistado no tempo presente, mencionou trazer na memória relatos que atestam o fato de ser comum os sindicalistas frequentarem a agremiação negra, quando daquele período temporal analisado. De acordo com suas palavras,

[...] acontece o seguinte: porque é tudo operário, tudo operário, e os operários não tinham... ir aonde? Não tinha, só tinha o Clube Cutubas. Não tinha opção, não tinha opção. Se você fosse na porta do Clube Leopoldina, nem na porta você podia chegar. [...] Até então, só entravam os músicos. Esse Elpídio por exemplo, foi um dos melhores trombonistas que teve na área aqui, e então ele entrava, como é que ele não ia entrar?⁵²¹

Por mencionar o senhor Elpídio, esse, também, discorreu acerca da ligação entre o Clube dos Cutubas e a UBOL. De acordo com seus relatos,

Eles eram amigos porque... a cidade naquela época era pequenininha, né [sic]? Então, todo mundo, praticamente se conhecia. E eles, são... a profissão, é pedreiro, carpinteiro... então o pessoal que trabalhava quase que junto, sabe como é que é? E eu, depois passei a ser sócio da UBOL, e sou até hoje [...]. Todos os domingos, tinha aquela, aquela reunião, sabe? Todos os domingos à tarde [...] naquela época, ô menina, parece que sei lá, o povo parecia que era mais unido. Sabe como é que é? Então, esse pessoal, eles às vezes deram, eles davam assim... atenção essas coisas, essas sociedades assim. Então era mesmo, um conjunto, sabe?⁵²²

Trazendo o que foi demonstrado, na prática, para o campo teórico, cita-se Petrônio Domingues, quando, ao analisar o protagonismo negro no pós-abolição, disse, a respeito daquelas pessoas:

Longe de serem alienados, pré-políticos, anômicos e dependentes de laços paternalistas, muitos dos libertos e da população negra em geral desenvolveram discernimento crítico e senso de cidadania, chegando mesmo a abraçar as hostes sindicais, alguns em papéis mais que simbólicos ou decorativos nesse processo.⁵²³

Cabe lembrar que, sedimentando esta relação entre a UBOL e o Clube dos

⁵²¹ SILVA, Américo. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Rigueti. Leopoldina, nov. de 2021.

⁵²² RODRIGUES, Elpídio. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Rigueti. Leopoldina, nov. de 2021.

⁵²³ DOMINGUES, *Protagonismo negro em São Paulo: história e historiografia...* p.51.

Cutubas, tem-se, em pleno funcionamento na cidade e empregando muitas pessoas, uma fábrica de tecidos. A *Companhia de Fiação e Tecidos Leopoldinense*, já vigorava, desde finais da década de 1920.⁵²⁴

Pode-se, neste momento, apontar algumas frentes de resistência demonstradas. Os negros fundadores do clube estavam atuando por meio da coesão do grupo, dos laços de reciprocidade e das redes de sociabilidade que, muitas das vezes, perpassavam sua profissão, sua família e sua fé, na busca por erguer sua agremiação e se estabelecer no limite da aceitação social.

Importante lembrar a questão das festas, permeando as relações acima elencadas e grande parte dos assuntos que envolvem o Cutubas. O ato de festejar, como símbolo maior de resistência, nesse caso, demonstrava estar estabelecido na cotidianidade da gente aqui analisada, fazendo parte de sua rotina. A festa, o que a precedia e seus ecos posteriores movimentavam, consideravelmente, o dia a dia do cidadão leopoldinense, associado ao clube.

Observar, portanto, alguns hábitos, no que se refere ao funcionamento interno do grêmio, é interessante, em relação à apreensão do cotidiano de seus mais assíduos frequentadores. Aqueles costumes arraigados em sua conduta, com relação ao clube, são reveladores de posturas peculiares e identitárias, apresentadas por seus integrantes, enquanto agentes históricos.

Nessa perspectiva, buscou-se atentar para aspectos inerentes à organização dos eventos da agremiação, em seus detalhes. Dos bailes e diferentes tipos de comemorações e solenidades que ocorreram no Cutubas, no tempo em questão, restava inferir sobre questões que iam, desde o horário que começavam e terminavam, até a comida e a bebida que eram servidas nestas festas. Cabia, ainda, conferir os sons e ritmos que embalavam os eventos, permeando a duração de cada encontro, como pano de fundo daquelas ocasiões.

Sobre a rotina dos bailes, os três homens entrevistados apontaram o final de semana como o período de acontecimentos dos mesmos, na fase inicial do clube na cidade. Elpídio, por exemplo, disse que: “Era só no domingo. É... depois passou a dia de sábado também. [...] das oito à meia noite.”⁵²⁵ Já Manoel não se lembrou de eventos no

⁵²⁴ *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, n. 106, 04 de jan. de 1928, p. 1. Acervo Municipal da Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho.

⁵²⁵ RODRIGUES, Elpídio. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguete. Leopoldina, nov. de 2021.

sábado e afirmou: “Só dia de domingo [...] das nove às duas da madrugada.”⁵²⁶

Merquinho não divergiu muito das lembranças dos dois amigos e disse: “[...] era sábado e domingo o baile [...]. Sábado e domingo, e populoso, bastante gente, e das oito às duas horas da manhã [...].”⁵²⁷

Porém, ao observar as informações contidas no livro de atas, constata-se que apesar de uma predominância de festas, ocorridas nos dias de sábado e domingo, nos anos em questão, houve, também, esporadicamente ou de acordo com feriados, bailes em dias de semana. A própria dinâmica interna da agremiação, a dimensão da comemoração em questão e o fato de o clube ter passado a alugar seu salão para festas de terceiros, levou-o a realizar seus eventos, em outros dias, de acordo com a disponibilidade de seu espaço.⁵²⁸

No dia primeiro de maio de 1934, por exemplo, uma terça-feira, feriado nacional, em comemoração ao dia do trabalhador, seria realizada uma festa no clube dos Cutubas, de acordo com a ata do dia 20 de abril. O baile ficou marcado e combinou-se de ser a rigor, ao que todos deveriam estar vestidos de branco e o salão enfeitado nesta cor, contendo adereços em tons verdes.⁵²⁹

Quanto ao dia da semana em que aconteciam as reuniões do clube, os senhores Elpídio e Manoel não possuíam lembranças, quando do recorte em questão. Merquinho, todavia, foi categórico ao afirmar: “O estatuto, ele mesmo informa, horário de folga, porque não vai tirar ninguém do serviço, que era o serviço semanal. Sempre aos domingos. Por que? Você não vai perder um dia de serviço pra [sic] ir numa [sic] reunião do Cutubas. Então aí, o estatuto disse: dia de domingo.”⁵³⁰

Na pesquisa dos documentos do clube, entretanto, essa questão demonstrou ser controversa, e não pareceu que seus membros conseguiram chegar a um consenso definitivo, quanto ao dia em que deveriam se reunir. Realmente, houve uma grande ocorrência de encontros no domingo. No ano de 1935, por exemplo, mais da metade das reuniões realizadas, e que constam no livro de atas, aconteceram no domingo, havendo,

⁵²⁶ CRUZ, Manoel Bernardo da. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Rigueti. Leopoldina, jan. de 2022.

⁵²⁷ SILVA, Américo. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Rigueti. Leopoldina, nov. de 2021.

⁵²⁸ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 20 de abr. 1934, p. 51.

⁵²⁹ *Ibidem*.

⁵³⁰ SILVA, Américo. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Rigueti. Leopoldina, nov. de 2021.

porém, encontros também na segunda, na quarta e na sexta-feira.⁵³¹

No ano de 1934, houve inclusive, tentativa de se fixar o dia da reunião em uma sexta-feira. Conforme registro, a assembleia esteve junta em sua sede e começou as discussões, fazendo um combinado, em prol da periodicidade dos encontros. Apesar de se tratar aquele dia de um domingo, dia 04 de março, tentariam se reunir, semanalmente, dali por diante, todas as sextas-feiras, às 19 horas.⁵³²

Realmente, naquele ano, a maioria dos encontros deu-se na sexta-feira, nove deles, enquanto sete aconteceram no domingo e alguns poucos no sábado, na segunda e na quarta-feira.⁵³³ A questão do dia da reunião demonstrava ser um problema para a diretoria do clube, que, ao longo dos anos, foi tentando ajustar, modificando o dia e fazendo testes, em prol de que seus sócios conseguissem se mostrar mais assíduos.

No que concerne às comidas das festas da agremiação, senhor Elpídio tem uma nítida memória de quando ainda era criança, acompanhando sua tia Rita, aos bailes infantis. Naquele princípio, ele disse que não era vendida nenhuma comida, mas apenas oferecida aos músicos. Segundo seu depoimento,

[...] eu lembro dos músicos que, eles faziam lanche de... eles falavam... como é que é? Sanduice [sic]. Eles tratavam de sanduice [sic], mas era pão com, pão com linguiça. Inclusive eu ficava lá com o zoi [sic] regalado [sic], vendo... que eu ia nos bailes... eu já tinha 8 anos com a minha tia, sabe? Inclusive tinha um amigo... ele ficou meu amigo. Ele, dividia o shanduce [sic] dele comigo, sabe? [...] era só pros músicos. Só pros músicos, inclusive eles compravam num bar, perto mesmo do Cutubas que tinha, na época né [sic]? Eu lembro do... Cataldi. O nome do bar era Vicente Cataldi. É um italiano, italiano. Eu lembro disso. Aliás, inclusive eu conheci ele. [...] Porque tinha um tempo de intervalo assim, então naquele intervalo eles davam o lanche, davam o lanche dos músicos.⁵³⁴

Posteriormente, ainda de acordo com senhor Elpídio, o clube passou a ter uma cozinha funcionando, ocasião em que passou a ser servida uma sopa para a diretoria e para os músicos. Salgadinhos, também, começaram a ser vendidos nos bailes.⁵³⁵ Merquinho completa: “Tinha a cozinha do clube. Era uma cozinha, tinha lá uma

⁵³¹ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 1935, p.71-102.

⁵³² CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 04 de mar. 1934, p. 44-45.

⁵³³ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 1934, p. 44-70.

⁵³⁴ RODRIGUES, Elpídio. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguete. Leopoldina, nov. de 2021.

⁵³⁵ RODRIGUES, Elpídio. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguete. Leopoldina, nov. de 2021.

cozinheira e tudo mais, dava o lanche dos músicos, era obrigado dar o lanche dos músicos, então tinha [...] tinha uma sopa, quibe... mais era salgado, nada demais [...].”⁵³⁶

Ao observar a ata de reunião do dia 11 de março de 1934, o conteúdo afirmado, quando das entrevistas, é reforçado. O trecho em questão, que trata da programação de dois bailes e da contratação dos músicos, diz que “Por proposta do sr. José Ignácio ficou deliberado que se dê comestivos aos músicos, as duas noites [...].”⁵³⁷

Já no documento do dia 23 de março, os membros da associação, bem como o senhor Nestor Maximiano, voltaram a falar no assunto da comida a ser servida aos músicos. O senhor José Augusto ficou incumbido de prepará-la e os outros membros da comissão, responsáveis pela colaboração em dinheiro.⁵³⁸

Sobre as bebidas, senhor Manoel disse que, naquela época, não vendia cerveja dentro do clube. Segundo ele, era somente café e guaraná. O ex-diretor completa o raciocínio e diz:

Bebida alcoólica não. Tinha muito botequim, neles que a gente ficava... bebia fora do Cutubas, as vezes a gente ia... não significa que não chegava nego [sic] alcoolado [sic] lá não. Chegava. Porque tinha naquela Pracinha do Urubu, tinha muito botequim. Antão [sic] o cara bebia pra entrar no baile né? Mas lá dentro do clube não tinha nada disso.⁵³⁹

Quanto à trilha sonora dos eventos, embora o clube sugestionasse um perfil carnavalesco, seus frequentadores pareciam dispor de um gosto eclético e contribuíram para que, dessa forma, o Cutubas tenha um histórico variado no que concerne às músicas ouvidas e dançadas em seu chão, desde seus primeiros anos de existência.

Apesar de o samba e as marchas de carnaval demonstrarem ser ritmos tocados constantemente e populares na predileção daqueles que procuravam o clube para dançar, outras cadências marcaram seu compasso no salão do grêmio. As entrevistas puderam ratificar tal afirmação e esclarecem melhor sobre esse detalhe relevante, no que concerne ao itinerário dos eventos do clube, que são as suas melodias.

Merquinho, quando questionado, disse que “[...] no início era mais samba,

⁵³⁶ SILVA, Américo. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguede. Leopoldina, nov. de 2021.

⁵³⁷ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 11 de mar. 1934, p. 46.

⁵³⁸ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 23 de mar. 1934, p. 47.

⁵³⁹ CRUZ, Manoel Bernardo da. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguede. Leopoldina, jan. de 2022.

seresta, essas músicas [...] que não cansava tanto, porque o pessoal trabalhava a semana inteira [...]. Lá, dominação era samba, forró e seresta.”⁵⁴⁰ Elpídio, no quesito música, deu a seguinte contribuição:

Marchas, carnavais, sambas... depois veio o bolero, sabe? Aí o pessoal embengava [sic] no bolero, samba canção, fox americano, é... de vez em quando saía um tango. De vez em quando aparecia um cismado a dançar. “Um tango aí?” A gente tocava. E é por aí... forró, baião... Todo gênero de música tocava [...] o que eles mais dançavam na época era samba. Samba e marcha. Porque os... as músicas de carnavais, eles tocavam o ano todo, porque não existia ainda o bolero, nem o fox, nem o samba canção não existia ainda. Aí depois [...] que começou esse negócio de bolero, samba canção... a valsa era a mais antiga que tinha.
541

Senhor Manoel acrescenta, com relação aos instrumentos musicais utilizados no clube: “No clube era música [...] música mesmo. Era trombone [...] só tinha um cara que tocava um violão, mas mais era música tocada, sopro. Tudo música de sopro.”⁵⁴²

Além de instrumentos de sopro, os registros do clube demonstraram a aquisição de um banjo, em ata do dia 17 de abril de 1932. O aparelho musical seria utilizado pelo senhor José Saturnino, conforme acordo preestabelecido com o músico.⁵⁴³ O instrumento musical era de origem norte-americana e possuía cordas dedilhadas e caixa de ressonância semelhante a um pandeiro. José deveria lhe devolver “perfeito e zelado”, conforme o havia recebido.⁵⁴⁴

O contratado teria, ainda, de arcar com todas as despesas que o equipamento de som carecesse, sendo que ninguém mais poderia tocá-lo, além do mesmo. Ficou combinado de serem pagos 10 mil réis, por cada baile, ao profissional, que, também, poderia tocar em festas particulares, quando a sociedade não precisasse de seus serviços. Nesse caso, 20 por cento do valor recebido deveriam ser destinados ao Cutubas, tendo em vista o uso de seu aparelho.⁵⁴⁵

Essas relações, estabelecidas em torno da festa e perpassadas pela música,

⁵⁴⁰ SILVA, Américo. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguede. Leopoldina, nov. de 2021.

⁵⁴¹ RODRIGUES, Elpídio. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguede. Leopoldina, nov. de 2021.

⁵⁴² CRUZ, Manoel Bernardo da. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguede. Leopoldina, jan. de 2022.

⁵⁴³ CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 17 de abr. 1932, p. 36-38.

⁵⁴⁴ *Ibidem*.

⁵⁴⁵ *Ibidem*.

moveram o clube e seus frequentadores. Artifícios não faltaram como quando, em momentos de crise, o acervo e as instalações da sociedade fomentaram possibilidades, com o aluguel de seu salão e mesmo de sua aparelhagem de som.

No tempo presente, a memória musical dos entrevistados parece ser ativada, ao se mencionar o nome do clube, do qual têm orgulho de terem feito parte. São laços que envolvem gratidão, pertença e autoestima, para quem conviveu ali, compartilhando seu cotidiano com amigos, sendo solidários e reafirmando sua resistência a cada postura.

Elpídio diz orgulhoso do tempo em que foi ativo: “[...] tinham muito carinho comigo, sabe? Porque, modéstia à parte, eu me destacava. Sabe como é que é? Então, o pessoal lá, todo mundo me adorava, sabe?”⁵⁴⁶ Esses, guardiões de memórias muito particulares, mas tendo o Clube dos Cutubas como pano de fundo, ajudam a contar sua história, posto que componentes dela.

⁵⁴⁶ RODRIGUES, Elpídio. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguete. Leopoldina, nov. de 2021.

Considerações Finais

Leopoldina, cidade interiorana do estado de Minas Gerais, demonstrou, ao longo dos fragmentos investigados para a reconstituição de seu cotidiano, nos anos 1920 e 1930, ser uma cidade muito festeira. Festas da Igreja, companhias de teatro, batuques, orquestra, filmes, carnaval e bailes sociais compunham o itinerário de sua agenda. A maioria dos eventos eram estampados e divulgados por jornais locais como a *Gazeta de Leopoldina*.

A vida noturna denotava ser animada, posto que pessoas de outras cidades, para o local eram atraídas, no intuito de compartilhar de sua programação cultural dos finais de semana, que pareciam ser bastante sonoros. Nesse contexto, insere-se o Clube dos Cutubas, buscando se afirmar, física e simbolicamente, enquanto clube social negro, na cidade cuja segregação racial justificou a fundação e permeou a consolidação e existência da instituição em questão.

No *corpus* investigado, a análise das atas de reuniões da agremiação revelou alguns indícios interessantes, no que concerne ao cotidiano e às redes de sociabilidades, que envolviam os frequentadores da associação. O cruzamento das informações desse material com as edições do jornal local, *Gazeta de Leopoldina*, os arquivos de batismos da Igreja Católica e as entrevistas realizadas com antigos frequentadores e pessoas, de algum modo, ligadas ao clube, pôde confirmar algumas constatações e refutar outras.

A leitura desses documentos permitiu, em um panorama geral, a verificação das relações de poder dentro da instituição e a estrutura hierárquica que permeavam as decisões dos associados. A política fazia-se presente nas deliberações do clube. Uma das principais finalidades das reuniões, além da organização de suas festas, era a realização de eleições para a mudança da diretoria e demais cargos existentes, como tesoureiro, secretário e procurador.

Suas ligações com variadas redes de sociabilidade do município são indicativos de condutas e relações com personalidades, a fim de fortalecer os vínculos que lhes rendessem incentivos financeiros ou lhes dessem publicidade. A moeda de troca, por vezes, era representada pelos votos que aquele reduto eleitoral em potencial poderia conferir, ou não, aos poderosos candidatos aos pleitos municipais do período.

Presente de forma preponderante nesses registros é a menção aos preparativos dos bailes de carnaval, que, em grande parte dos registros, deixa evidente o apreço e zelo pela festa popular, além de muitos outros temas de festas. Tal perfil folião do clube é uma

demonstração clara de que o entretenimento foi um dos principais argumentos para a união do povo preto, em torno de um ideal identitário comum, além de ter embalado a vida daqueles que compuseram sua história, ao longo de tantos anos de existência e resistência, não apenas no recorte de tempo proposto, mas, também, no avançar das décadas.

As atividades, redigidas no compêndio de registros da agremiação, são reflexos que detalham a dinâmica do cotidiano daquelas pessoas, enquanto associação, afinal, expressam as decisões mais importantes, tomadas por eles, desde o ano de 1927. Sua fundação, teria sido dois anos antes, apesar de não se terem tido pistas do paradeiro das atas referentes aos anos de 1925 e 1926.

Seus primeiros anos de existência apresentaram inúmeras dificuldades, posto que o clube não dispunha, ainda, de um local propriamente seu. A agremiação chegou a ocupar vários pontos da região central da cidade, seja por meio da cooperação de alguns apoiadores do clube, como a UBOL, do empréstimo das casas dos associados, ou do aluguel de alguns locais, como o Cine Brazil.

Na década de 1930, já havia registros do clube, investindo em fotografias dos seus bailes. Nota-se, quanto aos anos de 1932 e 1933, além da falta da efetiva participação feminina, o fato de aqueles sócios, em geral, subestimarem a contribuição das mulheres. Por várias vezes consecutivas, não se constatou a atuação delas nas deliberações diversas, observadas nos mencionados documentos. Tal ausência fez parecer à sociedade carnavalesca dos Cutubas que esse era um clube de negros conduzido unicamente por mãos masculinas, durante as atividades dos anos referidos.

Porém, no intuito de manterem vivas as tradições do povo negro e salvarem sua cultura do esquecimento e silêncio, impostos pela narrativa oficial, resistiram às dificuldades financeiras e divergências internas, que foram constantes até o ano de 1933. Partindo desta premissa, pode-se arriscar dizer que o ano de 1934 simbolizou o reavivamento do grupo, com relação à mudança de postura, notada, até mesmo, pela frequência de suas reuniões e estimulada pela aquisição da sede própria, no final dele.

Como já mencionado, era a primeira vez que se percebia tanto empenho e firmeza nas ações dos sócios, que, desde 1930, vinham sinalizando que o fim do grêmio era questão de tempo. O ápice desse enfraquecimento foi o ano de 1933, quando sua diretoria chegou a dar um prazo de 6 meses para fechar as portas do Cutubas. O alvorecer de 1934 aponta o engajamento nítido do grupo, já no início daquele que seria o período de intensos

debates, trabalhos e bailes.

O território dos negros, por excelência, naquele interior cercado por altas montanhas, dava sinais, finalmente, de que viera para ficar e desistir não constaria mais em suas pautas, pelo menos nos próximos anos. No ano de 1935, estiveram bastante empenhados em inaugurar a nova sede da agremiação, cuja construção havia passado por reforma no fim do ano anterior, tendo contado, para isso, com a organização e boa vontade dos seus sócios, nos serviços da obra, em grande parte, realizado após o expediente.

As novidades foram celebradas da forma como aquela equipe mais demonstrou apreciar: festejando. Com direito à presença de várias personalidades do local na inauguração. A renovada roupagem do clube trouxe indícios da almejada prosperidade, marcada por uma história de embates, pelas ruas da cidade, até que se conquistasse o consagrado endereço da rua Sete de Setembro.

Outra atividade que perdurou, com relação ao ano de 1935, na sociedade, foi o empenho em reestruturar o estatuto do clube. Entretanto, quando a pauta das reuniões era a discussão do estatuto, era constantemente notada uma baixa na assiduidade dos associados. Diferentemente de quando o assunto era algum de seus bailes, pois aí eles compareciam em massa, motivados pelas decisões referentes às festas. Apesar da dificuldade encontrada, frente à resistência da assembleia, em comparecer às decisões, o documento foi concluído e levado para ser registrado.

Segundo lembranças acessadas, quando das entrevistas, ainda no final da década de 1930, apesar da falta das atas, será constatada a ocorrência de uma agenda ativa de bailes, matinês, muita música e salão lotado. Foi expressa, também, a preocupação da direção do clube, com relação ao lanche a ser servido aos músicos, confirmando uma tendência já demonstrada nas atas, anos antes.

Aqueles que tocavam para o Cutubas ganhavam o apreço e a gratidão do clube, tamanha a importância que a música tinha para seus associados, que pareciam ser bem ecléticos nesse tempo. A música unia essas pessoas, e por meio dela, buscavam se organizar, compartilhavam experiências e colocavam em prática sua sociabilidade cotidiana. Seja para resolver problemas corriqueiros ou relacionados ao lazer, as interações desses atores sociais ultrapassavam os limites físicos do clube.

O dono do barzinho que ficava na calçada em frente, a Igreja Católica local, os políticos municipais, alguns advogados, a imprensa e o sindicato operário, todos eles demonstraram certa correspondência com o Cutubas, em algum momento. Entre os

frequentadores, o vínculo demonstrava, também, ultrapassar as paredes do grêmio, sendo, muitos deles, compadres um do outro, perante o sacramento do batismo da Igreja Católica, religião essa que parecia se destacar entre a direção da agremiação.

Quanto a sua relação com a UBOL, merece certo destaque, posto que as duas associações sinalizaram laços bastante estreitos, sugerindo uma aproximação para além do apoio ou da simpatia à causa, uma da outra. Essa ligação demonstrava ser no âmbito institucional, uma vez que o presidente do Cutubas, por longo tempo do período analisado, senhor Maximiano Ramiro, foi, também, no ano de 1927, 2º secretário da União Beneficente Operária.

Esta amizade entre as duas instituições carece de maiores investigações, dados os indícios de que haja algo mais profundo em torno desse elo a ser explorado, principalmente quanto à figura de Cândido Velloso. Ao tecer a colcha de retalhos, que permeia a teia de relações sociais em Leopoldina, envolvendo seu clube social negro, a questão acerca do vínculo entre UBOL e Cutubas ainda apresenta lacunas ávidas por serem preenchidas.

O Clube dos Cutubas, enquanto espaço aglutinador, buscou garantir que seus membros tivessem asseguradas a afirmação da autoestima e a defesa da identidade, indo na contramão das narrativas que atribuíam anomia às posturas do negro. Sociabilidades pretéritas, a trama cotidiana, desvelada por este estudo, denotou um espaço de resistência não apenas físico, mas, principalmente, simbólico, no que concerne à rede de relações que envolveram esse setor negro cidadão, incluído na urbe segregacionista.

Fontes

Acervo Digital da Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional, doravante BN. *O Pharol*, 13 de janeiro 1916, n. 11, p. 1 (76). Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=258822&Pesq=botequim&pagfis=1604>>. Acesso em: 09 de mar. 2022.

“A intriga”. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1889, n.13, p. 1. Acervo Digital da Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/cidade-rio/085669>>. Acesso em: 09 de mar. 2022.

CLUBE CUTUBAS. Reunião – 1927 a 1936. Leopoldina. *Livro de Atas*. 08 de mar. 1927, p. 1- 102.

CORREIO DE UBERLÂNDIA, Uberlândia, 24 de junho de 1945, n. 1681, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/830470/per830470_1945_01681.pdf>. Acesso em: 1º de nov. 2020.

CRUZ, Manoel Bernardo da. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguede. Leopoldina, jan. de 2022.

DIAS, Geralda. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguede. Leopoldina, fev. de 2022.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 10 de fev. de 1928, n.122, p. 1.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 10 de fev. de 1928, n. 122, p. 1.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 15 de mai. de 1926, n. 10, p. 1.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 29 de abr. de 1923, n. 7, p. 1.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 20 de ago. de 1942, p. 1.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 11 de ago. de 1933, n. 95, p. 1.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 27 de abr. de 1921, n. 6, p. 1.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 13 de mai. de 1926, n. 9, p. 1.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 04 de jan. de 1928, n. 106, p. 1.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 16 de mai. de 1926, n. 11, p. 1

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 23 de mai. de 1926, n. 17, p. 1.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 13 de jan. de 1928, n. 110, p. 1.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 1º de set. de 1933, n. 111, p. 1.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 20 de jan. de 1928, n. 118, p. 1.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 03 de out. de 1911, n. 145, p. 4

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 27 de jan. de 1927, n. 204, p. 1.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 30 de jan. de 1927, n. 207, p. 1.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 26 de out. de 1927, n. 78, p. 1.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 04 de fev. de 1927, n. 211, p. 1.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 18 de abr. de 1985, n. 642, p. 4.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 06 de fev. de 1927, n. 213, p. 4.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 25 de jan. de 1927, n. 202, p. 4. Acervo Digital da Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/851140/per851140_1927_00202.pdf>. Acesso em: 12 de set. 2021.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 05 de fev. de 1927, n. 212, p. 1. Acervo Digital da Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/851140/per851140_1927_00212.pdf>. Acesso em: 12 de set. 2021.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 22 de jul. de 1933, n. 73, p. 2. Acervo Digital da Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/851140/per851140_1933_00073.pdf>. Acesso em: 09 de mar. 2022.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 09 de out. de 1934, n. 140, p. 1. Acervo Digital da Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/851140/per851140_1934_00140.pdf>. Acesso em: 09 de mar. 2022.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 08 de ago. de 1933, n. 92, p. 1. Acervo Digital da Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/851140/per851140_1933_00092.pdf>. Acesso em: 09 de mar. 2022.

GAZETA DE LEOPOLDINA, Leopoldina, 1º de fev. de 1927, n. 208, p. 1. Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=851140&pesq=tecidos&pagfis=73>. Acesso em: 17 de mar. 2022.

GRIBEL, Joseph. Clube Leopoldina-1930. *Leopoldinense*. Disponível em: < <https://leopoldinense.com.br/noticia/945/clube-leopoldina-1930>>. Acesso em: 02 de jul. 2020.

LIVRO DE BATISMO. Leopoldina. Acervo da Catedral de São Sebastião, 1924-1934, Livros 22, 23, 24 e 25.

LUZ, Carlos. Disponível em: < https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/carlos_luz >. Acesso em: 08 de mar. 2021.

MACHADO, Luja; CANTONI, Nilza. *Gazeta de Leopoldina - A imprensa em Leopoldina (MG) entre 1879 e 1899*. LEOPOLDINENSE. Leopoldina, 16 de fev. de 2016. Disponível em: < <https://leopoldinense.com.br/coluna/579/42-gazeta-de-leopoldina> >. Acesso em: 23 de mar. 2021.

MACHADO, Luja; CANTONI, Nilza. *Por conta do aniversário de emancipação. Leopoldinense*, Leopoldina, 24 de abr. de 2015. Disponível em: < <https://leopoldinense.com.br/coluna/347/por-counta-do-aniversario-de-emancipacao>>. Acesso em: 23 de mar. 2021.

O LEOPOLDINENSE, Leopoldina, 09 de abril de 1882, n. 28, p. 2. Acervo Digital da Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/706957/per706957_1882_00028.pdf >. Acesso em: 09 de mar. 2022.

O PHAROL. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=258822&PagFis=20>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

RODRIGUES, Elpídio. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguete. Leopoldina, nov. de 2021.

SANTOS, Maria da Conceição Rangel dos. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguete. Leopoldina, fev. de 2022.

SILVA, Américo. *Memórias do Clube dos Cutubas*. Entrevista concedida a Jeane Alves Teixeira Riguete. Leopoldina, nov. de 2021

Bibliografia

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ANDRADE, Rômulo. Cafeicultura na Zona da Mata. *Revista Brasileira de História*, n. 22. São Paulo, 1992, p. 93 - 131.

_____. *Legitimidade, Compadrio e Mortalidade de Escravos: Freguesia de Minas Gerais e Rio de Janeiro, Século XIX*. Disponível em: <<https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/portal/download/diamantina-2008/D08A022>>. Acesso em: 1º de jul. 2021.

BLOCH, Agata. A historiografia colonial “vista de baixo”: ameaça, uma abordagem nova ou complementar à história “vista de cima”? In: SILVA, Thiago Cedrez da; GANDRA, Edgar Avila; SIMÕES, Elvis Silveira (orgs.). *História em movimento: múltiplas abordagens*, v.1. Porto Alegre: Casalettras, 2020, p. 10-25.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p. 23-24.

BOTELHO, Luiz Eugênio. *Leopoldina de hoje e de ontem*. Leopoldina, 1967.

_____. *Leopoldina de hoje e de ontem*. Leopoldina: Edição do autor, 1967.

CANAL, Jordi. Historiografía y sociabilidad en la España contemporánea: Reflexiones con término. *Vasconia*. Cuadernos de História-Geografía, España, n. 33, p. 11-27, 2003. Disponível em <<https://ojs.eusko-ikaskuntza.eus/index.php/vasconia/article/view/267>>. Acesso em: 19 de fev. 2022.

CANTONI, Nilza. *Disputas de limites entre Rio e Minas*, contida em seu blog: <<https://cantoni.pro.br/2005/05/27/disputas-de-limites-entre-rio-e-minas/>>. Acesso em: 21 de mai. 2021.

CAPRI, Roberto. *Minas Gerais e seus Municípios*. São Paulo: Poca Weiss & Cia, 1916.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: O Rio de Janeiro que não foi*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTILHO, Celso Thomas. “Já é lei no Brasil nascer-se livre!”. In: GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (org.). *Políticas da raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2014.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – 1. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 94-95.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim – o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

CRIVELLARI, Thiago Fernando Miranda. Uma Lydioscopia: Elementos da vida e da obra de Lydio Machado Bandeira de Mello. In: *Rev. Fac. Direito UFMG*, Belo Horizonte, jan./jun. 2012, n. 60, p. 547 a 568.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 58.

DOMINGUES, Petrônio (org.). *Políticas da raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2014, p. 122.

_____. *Protagonismo negro em São Paulo: história e historiografia*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978.

_____. *Significado do protesto negro*. São Paulo: Cortez, 1989, p. 73.

FIALHO, Rodrigo. As ruas de Leopoldina no final do século XIX: fragmentos do cotidiano, banalidades e algumas permanências. *Revista Verbo de Minas*, Juiz de Fora, v. 22, n. 39, issn 1984-6959, p. 32-44, jan./jul. 2021.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I – a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p. 89. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf>. Acesso em: 26 de fev. 2022.

FRANKLIM, Margareth Cordeiro. *Cutubas: clube de negros, território de bambas - memória e patrimônio afrodescendente de Leopoldina/MG*. Belo Horizonte: Utopika Editorial, 2014, p. 36-49.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

GRABOIS, Pedro Fornaciari. Resistência e revolução no pensamento de Michel Foucault: contracondutas, sublevações e lutas. In: *Cadernos de ética e filosofia política*, v. 2, n.19, fev. de 2011, p. 7 - 27. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/55736>>. Acesso em: 26 de fev. 2022.

GUIMARÃES, Elione Silva. A população não branca e a perspectiva de acesso e manutenção da terra (Zona da Mata de Minas Gerais, 1818-1929). In: GOMES, Flávio;

DOMINGUES, Petrônio (org.). *Políticas da raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2014.

HELLER, Agnes. *A condição política pós-moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HEYMANN, Luciana. *O “devoir de mémoire” na França contemporânea: entre a memória, história, legislação e direitos*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 27f, p. 3.

OLIVEIRA, Gláucia Maria Nascimento Costa de. *Cadeira nº 24: José Ribeiro dos Reis*. Academia Leopoldina de Letras e Artes. 2014. Disponível em: <<http://www.academialeopoldinense.com.br/p/cadeira-n17>>. Acesso em: 10 de mar. 2021.

JÚNIOR, Barroso. *Leopoldina e seus primórdios*. Rio Branco: Gráfica Império, 1943.

JUNIOR, Laerthe; CARVALHO, Eliane de. O discurso médico - higienista no Brasil do início do século XX. In: *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 10, n. 3. Rio de Janeiro, novembro de 2012, p. 427 - 451. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406756996005>>. Acesso em: 20 de jan. 2021.

JUNQUEIRA, Ribeiro. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-monteiro-ribeiro-junqueira>>. Acesso em: 04 de mar. 2021.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. *A transformação do trabalho: a passagem para o trabalho livre na Zona da Mata Mineira, 1870-1920*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991^a.

MAIA, Rousiley. Sociabilidade: apenas um conceito. *Gerais - Revista de Comunicação Social*, Belo Horizonte, n. 53, p. 4-15, 2001. Disponível em: <<https://www.academia.edu/>>. Acesso em: 19 de fev. 2022.

MAMIGONIAN, Beatriz G. *Africanos livres: a abolição do tráfico de escravos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca, 1995.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. 2. ed. São Paulo: Global, 2016.

NOGUEIRA, Natania Aparecida. *Leopoldina: instrução, mito político e formação das elites na Zona da Mata mineira (1895-1930)*. Ed. do autor, 2011, p. 13-14.

_____. Guerra Fria em charges: Gazeta de Leopoldina (1951). *Revista Cajueiro: Ciência da Informação e Cultura da Literatura*, Aracaju, v. 3, n. 1, p. 137-190, nov. 2020/maio 2021. Disponível em: < <https://seer.ufs.br/index.php/Cajueiro/article/view/16486> >. Acesso em: 31 de jan. 2022.

OLIVEIRA, José Martins de. Estatutos do Clube dos Cotubas. *Cartório de registro de títulos e documentos e civil de pessoa jurídica*, Leopoldina, 1950.

OLIVEIRA, Laiana Lannes de. *A Frente Negra Brasileira: política e questão racial nos anos 1930*, Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em história), UERJ, 2002.

PERALTA, Elsa. Abordagens Teóricas ao Estudo da Memória Social: Uma Resenha Crítica. In: *Arquivos da Memória: Antropologia, Escala e Memória*, n. 2 (nova série). Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa, 2007, p. 4-23.

PINTO, Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Tese (doutorado em antropologia social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: 1993b.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: < <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417> >. Acesso em: 1º de mar. 2022.

REIS, Jussara Fernandes. Em direção aos céus: A construção da Catedral de São Sebastião e a instalação da Diocese em Leopoldina - MG. ANPHU MG – XVIII Encontro Regional, 24 a 27 de julho de 2012, Mariana – MG. *Anais [...]*. Mariana: Revista de Trabalhos Acadêmicos, 2015, p. 1-10. Disponível em: < http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340745019_ARQUIVO_EmDirecaoaosCeus.pdf >. Acesso em: 09 de mar. 2021.

REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. Tradução: Carlos Piovezani Filho, Nilton Milanez e Maria do Rosário Gregolin. São Carlos: Claraluz, 2005, p. 74. Disponível em: < <https://pt.slideshare.net/aprsantosufpe/revel-judith-foucault-conceitos-essenciaispdf> >. Acesso em: 26 de fev. 2022.

RIBEIRO, Maria Solange Pereira. *O romper do silêncio: história e memória na trajetória escolar e profissional dos docentes afrodescendentes das Universidades Públicas do Estado de São Paulo*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001, p. 18.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alan François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 455.

RIGUETE, Jeane Alves Teixeira. Leopoldina sob a ótica do preto e branco nas páginas da Gazeta: Clubes Cutubas e Leopoldina – décadas de 20 e 30 do século XX. *Pesquisa e Educação a Distância*, n. 7, 2020, Niterói – RJ, p. 1 – 15.

RIOS, Ana Lugão e MATTOS, Hebe. *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

RISÉRIO, Antonio. *A utopia brasileira e os movimentos negros*. São Paulo: Editora 34, 2007.

ROCHA JUNIOR, Deusdedit Alves. O território do cotidiano. *Padê: Estudos em Filosofia, Raça, Gênero e Direitos Humanos*, UniCEUB, Brasília, v. 1, p. 17-31, 2006. Disponível em: <<https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/pade/article/viewFile/130/119>>. Acesso em: 07 de fev. 2022.

SANTOS, Joel Rufino dos. Movimento negro e crise brasileira. In: SANTOS, Joel Rufino dos e BARBOSA, Wilson do Nascimento. (orgs). *Atrás do muro da meia noite; dinâmica das culturas afro-brasileiras*. Brasília: Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 1994, p. 157.

SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

TELLES, Edward. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Fundação Ford, 2003, p. 38.

THEODORO, Helena. *Guerreiras do samba*. In: *Textos escolhidos de cultura e arte populares*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2009, p. 223-236. Disponível em: <http://www.tecap.uerj.br/pdf/v6/helena_theodoro.pdf>. Acesso em: 1º de mar. 2022.

VAINFAS, Ronaldo. In: SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 8.

VELLOSO, Monica Pimenta. *A cultura das ruas no Rio de Janeiro (1900-1930): mediações, linguagens e espaços*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2004.

_____. As tias baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, 1990, p. 207-228. Disponível em: <<http://academiadosamba.com.br/monografias/velloso.pdf>>. Acesso em: 26 de fev. 2022.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Elites políticas em Minas Gerais na Primeira República. *Estudos Históricos*, v. 8, n. 15. Rio de Janeiro, 1995, p. 39 – 56. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1993>>. Acesso em: 15 de mar. 2021.

ZACCUR, Edwiges. Metodologias abertas a iterâncias, interações e errâncias cotidianas. Regina Leite Garcia (org). In: *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 180.